



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA  
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS – FFCH  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS –  
PPGCS**

**MARIANE DOS SANTOS SILVA**

**RELAÇÕES INTERESPÉCIES NA FALCOARIA:  
UM ESTUDO SOBRE HIS FOR HAWK**

SALVADOR  
2024

**MARIANE DOS SANTOS SILVA**

**RELAÇÕES INTERESPÉCIES NA FALCOARIA:  
UM ESTUDO SOBRE H IS FOR HAWK**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia como requisito para obtenção do título de Mestra em Ciências Sociais.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup>. Iara Maria de Almeida Souza

**SALVADOR  
2024**

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema Universitário de Bibliotecas (SIBI/UFBA), com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

---

S586 Silva, Mariane dos Santos  
Relações interespecies na falcoaria: um estudo sobre H is for HAWK / Mariane dos Santos Silva, 2024.  
101 f.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Iara Maria de Almeida Souza  
Dissertação (mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2024.

1. Ciências Sociais. 2. Relação humano – animal. 3. Falcoaria. 4. Aves de rapina.  
I. Souza, Iara Maria de Almeida. II. Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

CDD: 300.4

---

# MARIANE DOS SANTOS SILVA

## “ Relações interespécies na falcoaria: um estudo sobre H is for Hawk”.”

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia como requisito parcial para obtenção do grau de mestre em Ciências Sociais e, aprovada em quinze de fevereiro de dois mil e vinte e quatro, pela Comissão formada pelos professores:

Documento assinado digitalmente  
 IARA MARIA DE ALMEIDA SOUZA  
Data: 15/02/2024 16:56:57-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Iara Maria de Almeida Souza (PPGCS - UFBA)  
Doutora em Ciências sociais - UFBA



Prof. Dr. Elizeu Pinheiro da Cruz (UNEB)  
Doutor em Ciências sociais - UFBA

Documento assinado digitalmente  
 ISRAEL DE JESUS ROCHA  
Data: 15/02/2024 17:47:58-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Israel de Jesus Rocha (FIC-UFAM)  
Doutor em ciências sociais - UFBA

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente quero agradecer ao CNPq pela bolsa que me permitiu focar inteiramente nesta dissertação, fazendo desta a melhor versão dentro das minhas possibilidades, principalmente diante da necessária mudança de foco em meio à pandemia.

À Universidade Federal da Bahia e ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, por me permitirem um acesso a novos modos e meios de conhecimento que seguem me transformando.

À Iara pela paciência, cuidado e constantes fontes de aprendizagem que me proporcionou e proporciona ao longo de todos esses anos como minha orientadora.

Aos professores e colegas que permitiram e permitem ampliar minha visão e reconhecer em cada um dos seus feitos um meio de melhor compreender o mundo, o que me enriquece como pessoa e pesquisadora.

À Geíse e Juliana por segurarem minhas mãos e representarem as amigas mais belas que podem ser conquistadas no contexto da universidade. Sou verdadeiramente grata por todo o apoio e por tudo que compartilhamos em todos esses anos de graduação e mestrado – e agora doutorado também! Que sigamos sempre unidas.

À Milena, Fernanda, Ana Thaís, Thaís e todas as outras pessoas amigas que fazem com que eu permaneça me sentindo abraçada até mesmo nos momentos mais complicados dessa caminhada. É imprescindível ter esse laço tão atado com pessoas que te conhecem e te relembram a sua capacidade de seguir de cabeça erguida mesmo em meio a adversidades. Espero ser para elas metade do que são para mim.

À Jenifer, pessoa que escolhi e que me escolheu para que seguíssemos enfrentando a vida lado a lado, prontas para o que há de mais belo e para o não tão belo assim. A minha maior fonte de incentivo, de sorrisos e de lágrimas de felicidade.

Aos familiares que vibram com minhas conquistas e encontram meios de transmitir afetos genuínos que me motivam e confortam.

Por fim, aos meus pais que me deram a vida e seguem sendo fontes de amor e suporte inesgotáveis, que ora me concedem e ora constroem junto comigo ferramentas que pavimentam os caminhos que sigo percorrendo.

*Falcon, falcon, flying high  
Over pines that scrape the sky,  
What ingenious deity  
Has framed your feathers, formed your flight?*

*Who the head, and what the wings?  
How the graceful hoverings,  
The virtuoso circlings  
That bate my breath, amaze my sight?*

*From pine to pine you glide with ease,  
Then soar above the tallest trees  
With widened wingspan in the breeze—  
Dark silhouette in summer's light.*

(...)

*Airborne falcon, drawing high  
Semicircles in the sky,  
What artistic Deity  
Has carved the pathway of your flight?*

Cynthia Erlandson

## RESUMO

Esta dissertação tem como objetivo discutir as relações entre humanos e não-humanos a partir do exemplo de um elo instituído entre uma falcoeira e uma rapinante para assim adentrar nas discussões que envolvem tais relações dentro das ciências sociais. É apresentado um panorama geral das discussões sobre os animais nessa área, especificamente as relações entre humanos e não-humanos, a partir do questionamento de abordagens conceituais nas ciências sociais que se ancoram no excepcionalismo humano em detrimento das espécies não-humanas. A partir disso, renovações conceituais são expostas como meios de evidenciar o esgotamento de determinadas linhas de pensamento que não se adequam ao cenário atual de discussões sobre o animal como parte da vida social. Como continuação de um interesse que vem desde a graduação, este trabalho propõe um olhar mais a fundo sobre a prática da falcoaria como uma arte milenar que se respalda no desenvolvimento do elo entre ave e falcoeiro e que é desenvolvido tendo ambos como participantes ativos e igualmente importantes. Trata-se de um estudo de caso feito a partir de uma investigação qualitativa sobre o livro *H Is For Hawk*, da autora britânica Helen Macdonald, que se mostrou uma via interessante para compreender as nuances da relação entre falcoeira e açor em meio às etapas inerentes ao treinamento da falcoaria, com suas ferramentas, métodos e práticas. Os resultados obtidos expõem que tais relações são fortalecidas quando compostas por um misto de confiança e respeito, numa dinâmica que evidencia a agência como algo construído em conjunto e domesticação como um processo contínuo, o qual possibilita o desenvolvimento de novas identidades para os seres incluídos numa relação como a apresentada nesta pesquisa.

Palavras-chave: Relação entre humanos e não-humanos. Falcoaria. Aves de rapina. Agência. Domesticação.

## ABSTRACT

This dissertation aims to discuss the relationships between humans and non-humans based on the example of a link established between a falconer and a raptor, in order to enter into discussions involving such relationships within the social sciences. The general overview of discussions about animals in this field is presented by questioning conceptual approaches in the social sciences that are anchored in human exceptionalism to the detriment of non-human species. Conceptual renewals are exposed as means of highlighting the exhaustion of certain lines of thought that do not adapt to the current scenario of discussions about animals as part of social life. As a continuation of an interest that comes from graduation, this work proposes a deeper look at the practice of falconry as an ancient art that is anchored in the development of the bond between bird and falconer and that is developed with both as active and equally important participants. This is a case study based on a qualitative investigation into the book *H Is For Hawk*, by British author Helen Macdonald, which proved to be an interesting way to understand the nuances of the relationship between falconer and goshawk in the midst of the inherent stages falconry training, with its tools, methods and practices. The results obtained show that such relationships are strengthened when composed of a mix of trust and respect, in a dynamic that highlights agency as something constructed together and domestication as a continuous process, which enables the development of new identities for the beings that are parts of a relationship like the one presented in this research.

Keywords: Relationship between human and non-human animals. Falconry. Birds of prey. Agency. Domestication.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

**Figura 1:** Gavião-da-europa (p.43)

**Figura 2:** Açor (p.43)

**Figura 3:** Mosaico Bizantino (p.44)

**Figura 4:** Ave de rapina pousada numa luva de falcoaria, estando ela com um capuz, tornel, jesses, leash, guizo e fiador (p.55)

**Figura 5:** Helen e Lupin. “Invisibilidade” (p.69)

**Figura 6:** Helen e Mabel brincando (p.81)

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	11
<b>2 O QUE É UM ANIMAL, AFINAL?</b> .....	21
2.1 CONSCIÊNCIA E AGÊNCIA ANIMAL.....	32
2.2 DOMESTICAÇÃO RECONSIDERADA .....	37
<b>3 FALCOARIA ONTEM E HOJE</b> .....	43
3.1 RAPINANTES .....	45
3.2 RAÍZES DE UMA ARTE MILENAR.....	48
3.3 TREINAMENTO E FERRAMENTAS ATEMPORAIS .....	53
3.4 FALCOARIA CONTEMPORÂNEA .....	62
<b>4 H IS FOR HAWK</b> .....	66
4.1 A PEQUENA FALCOEIRA .....	68
4.2 PERDA E FUGA.....	70
4.3 E ASSIM NASCE UMA PARCERIA .....	72
4.4 OS ENSINAMENTOS DE MABEL .....	78
4.5 LIÇÕES DE UMA RELAÇÃO INTERESPÉCIES.....	85
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	90
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	96

## INTRODUÇÃO

Diria que é no mínimo desafiador assumir a responsabilidade de apresentar uma dissertação que tem como objeto de estudo o que ainda não é tão abordado nas ciências sociais como poderia, principalmente no Brasil. Claro, entre os clássicos e contemporâneos há inúmeros escritos sobre animais não-humanos, inclusive sobre as relações que estabelecemos com eles, sejam elas quais forem, mas ainda não incorporando como poderiam os estudos que envolvem aves de rapina.

Com o passar dos anos, crescem a vontade e a urgência, por parte de pesquisadores, de introduzir ao seio de muitas discussões interdisciplinares os direitos animais não-humanos e o que os constitui, além da sua participação em interações sociais (Cerulo, 2009). Porém, por vezes, a falta de um alargamento nas discussões dentro de alguns espaços acadêmicos, por exemplo, que não só questionem o que está pré-estabelecido sobre o lugar desses seres no mundo como também introduzam novos animais, reflete na perpetuação de equívocos sobre a subjetividade não-humana.

A questão é que a relação entre animais humanos e não-humanos, partindo de um vínculo propriamente dito, no qual é assumida a ideia de que o ser não-humano assume uma posição de agência, de capacidade de linguagem própria e de ser parte igual nas interações, merece ainda mais espaço, ao menos na percepção da pesquisadora que aqui escreve. Diante do interesse de ir mais a fundo na discussão, surgiu a possibilidade de não só ser mais uma via para o reconhecimento da importância de tais estudos nas ciências sociais, como também de trazer algo relativamente novo. Essa vontade surgiu ainda na graduação, quando num primeiro contato com a área de relação entre humanos e não-humanos, através da iniciação científica, houve o despertar da curiosidade de estudar cada vez mais e fugir das discussões que comumente abarcam os mesmos seres para introduzir nesse meio de pesquisa espécies que podemos chamar de *peculiares* em comparação às que são geralmente contempladas.

Como alguns autores que são abordados neste trabalho afirmam, não é incomum que indivíduos que criam um certo vínculo com animais não-humanos ainda na infância desenvolvam não só empatia em relação a eles, como também uma certa facilidade em buscar entendê-los (Meijer, 2019). Acredito que seja o meu caso e acredito também que esse contato contínuo desde muito cedo seja a outra parte da justificativa para o interesse em embarcar nessa jornada de leituras, análises e escrita.

Com o fim da graduação, o desejo de estudá-los resultou numa monografia que tinha como principal intuito trazer a criação de aves de rapina como animais de estimação – sim,

falcões, corujas, águias etc. criados dentro de casa! - e como a relação com essas aves foi desenvolvida com seus respectivos tutores. A ideia era apresentar esse tipo de criação tentando ao máximo fugir de tendências antropomórficas. Nas entrevistas realizadas as perguntas eram voltadas para a convivência como uma via de mão dupla, partindo do pressuposto de que deve ser valorizada a ação da ave tanto quanto a de seu tutor ou de sua tutora. Partindo desse pensamento, há a chance de observá-la como um ser dotado de atitudes e emoções, de ações de significado, fugindo de uma pré-noção do animal como incapaz de racionalidade ou perspectiva.

Essa monografia foi de fato um trabalho inicial que abriria as portas para um outro ainda mais significativo, mais amplo, trazendo mais uma vez as aves de rapina, contudo, a partir de um outro contexto. O intuito era fazer um trabalho de campo em um centro de criação e preservação dessas aves. A observação das aves de rapina, a convivência e o diálogo com profissionais e outras pessoas estudantes desses animais preencheriam, junto à literatura, esta dissertação. Embora o plano de trabalho fosse esse, com a pandemia estourada em pleno início de mestrado o plano precisou ser alterado. Porém, seguiu com foco similar. As rapinantes, mais uma vez protagonistas dos planos desta pesquisadora, fizeram surgir a busca por um novo subtema. Este trabalho passou, então, a ter como principal propósito compreender a extensão da subjetividade não-humana na falcoaria a partir de um estudo de caso.

*H Is For Hawk* (2014), livro da autora britânica Helen Macdonald, aborda seu fascínio por aves de rapina, principalmente açores, e sua trajetória em meio a não só o treinamento de seu açor como também ao que foi aprendendo sobre e *com* a ave. Seu olhar heterogêneo e também atento às particularidades da ave em meios às diferentes ações da mesma geram interesse em quem, como eu, estava em busca do que se encaixasse na proposta central de estudo: reforçar as vias de entendimento sobre animais não como incapazes de sciência ou como inferiores a humanos, e sim como seres que diferem entre si, partindo da noção de que não formam uma categoria única, homogênea; apresentando, portanto, diferentes modos de *ser* e de *coexistir*, inclusive conosco, afastando qualquer ideia de apresentá-los a partir de semelhanças com seres humanos e aproximando meios de conhecê-los através deles mesmos<sup>1</sup>. Resumindo, abordar, acima de tudo, interações interespecies enxergando ambos os agentes e suas contribuições para o desenvolvimento das conexões entre eles.

Graças às interações tão dinâmicas entre a falcoeira e o açor Mabel, como também aos textos enriquecidos de detalhes sobre a personalidade da ave, houve a vontade de escrever as

---

<sup>1</sup> Em outras palavras, procurar vias de discutir o animal não-humano sem cair em discursos antropomórficos.

particularidades dessa parceria para então expandir o olhar de quem ainda se atém aos relatos tradicionais que estão aquém de constantes transformações e ensinamentos mútuos que ocorrem entre humano e não-humano em meio às interações cotidianas. Obviamente, um olhar atento aos escritos sobre essas relações, sejam elas quais forem e sob diferentes formas de abordagem e conceitos, enxerga que elas há tempos despertam o fascínio de diferentes pesquisadores que se encantam com a possibilidade de compreender como se configuram interações do tipo. Contudo, o espaço dado a essas discussões exclui por vezes os animais que frequentemente são considerados excêntricos, talvez por desafiarem ainda mais um dualismo outrora hegemônico que fazia do animal não-humano o que representa a natureza e o humano o que representa a cultura, dualismo esse que segue sendo questionado e rejeitado nas ciências sociais. Aves de rapina podem ser consideradas selvagens demais para que “sirvam” de personagens de escritos que buscam compreender as relações interespecies através da domesticação, por exemplo.

Junto a isso, há o apego em apresentar animais não-humanos como representantes de um mesmo modo de ser, no sentido de agirem de modo semelhante senão idêntico, adicionando às análises e relatos apenas uma postura de um ser que serve de ponte ou exemplo para que aprendamos mais sobre nós mesmos, reforçando a ideia de reduzir a vida a termos exclusivamente humanos e também ignorar a realidade da interdependência entre espécies. Coube a este trabalho, então, procurar refutar reducionismos e conseqüentemente ampliar a discussão que reconhece o papel do animal não-humano como detentor da capacidade de contribuir ativamente na construção da socialidade, de um *nós* que abarque ações feitas em conjunto, entre espécies, no desenvolvimento de novas identidades conjuntas. Também por esse motivo o livro de Helen Macdonald se mostrou interessante: é um exemplo de parceria que mostra o que é compatibilidade, respeito, confiança e comunicação entre ave e humano e que precisa de constante trabalho para permanecer forte, tudo isso em meio a falcoaria.

A falcoaria é entendida como uma prática na qual humanos e aves de rapina desenvolvem uma parceria que permite que aprendam a caçar em cooperação. Como Schroer (2014) traz na sua pesquisa, para muitos falcoeiros ela é considerada um modo de vida por desempenhar um papel essencial e dominante no dia a dia de quem a pratica. Aos olhos de estudiosos, é um esporte – ou arte - que gera muitos questionamentos no que diz respeito à socialidade humana e não-humana e formação de identidades no exercício dela (ibid., p.2). A relação para ser firmada entre os dois lados depende de execuções e ferramentas próprias desse esporte e demanda um cuidado considerável em cada etapa da sua construção para que haja confiança e, importante também dizer, para que o jeito de ser da ave seja enxergado e respeitado, reforçando essa relação como uma via de mão dupla, fugindo completamente da concepção da

domesticação como alcançada através da coerção. Para a autora, o estudo da falcoaria desafia investigações antropocêntricas por exigir uma abertura na antropologia tradicional para não só incluir esses animais, como também levar em conta a capacidade de socialidade, de produção de conhecimento e os significados que tais relações são capazes de gerar a partir das atividades exercidas em conjunto – além da convivência como um todo.

Essa socialidade passa então a ser discutida como algo que atravessa a “esfera puramente humana de interação” e mostra que “o senso de identidade e pertencimento da ave e do falcoeiro não é delineado por uma identidade fixa de cada espécie, e sim emerge das experiências e relações que cada ser vivo desenvolve no percorrer da vida” (Schroer, 2014, p.3, tradução nossa). Tanto o trabalho da Sara Asu Schroer quanto o aqui proposto procuram expandir o olhar sobre o ser não-humano como dotado de capacidades próprias, incluindo a de ser um ser social com o poder de construir conhecimento e de influenciar na transformação da identidade do outro, ainda que esse outro seja de uma espécie completamente diferente da sua. E tudo a partir da confiança.

Esta dissertação conta com descrições do universo que une diferentes espécies em meio a esse esporte considerado por muitos uma arte milenar. Tal arte foi por um lado se renovando na medida em que foram sendo desenvolvidas novas opiniões e noções sobre o trato de aves de rapina, enquanto que por outro se manteve clássica, utilizando certas técnicas e ferramentas semelhantes ou idênticas às usadas séculos atrás. Não cabem neste trabalho as discussões que buscam revogar a ideia da falcoaria como um esporte válido, apenas a sua existência e seu predomínio em meios repletos de adoradores de rapinantes e também daqueles que trabalham para a preservação desses animais.

Junto ao livro, são trazidos pontos abordados em entrevistas da autora e também em um documentário que leva o mesmo título dele – e é uma continuação da história, por assim dizer. Foi lançado anos depois, numa época diferente da vida da Helen, estando ela acompanhada de um novo açaor, podendo mostrar através de imagens a relação desenvolvida com essa outra ave. O foco principal não é documentário, vale dizer. Trata-se somente de um complemento, não tendo existido o intuito de colocá-lo em sobreposição ao livro.

O livro por si só já traz um bom panorama da criação dessas aves e mais ainda como a relação interespecies pode ser construída até mesmo com uma ave que aos olhos de muitos impossibilita uma convivência harmoniosa. Os relatos de Macdonald, embora tratem muito de sentimentos e questões pessoais, não deixam à margem os sentimentos do seu açaor Mabel. Em diversos pontos do livro é possível se deparar com o olhar atento da autora diante dos diferentes sinais dados por Mabel e pela sua capacidade de se comunicar com sua tutora. Esse é um ponto

muito discutido neste trabalho: o poder de linguagem do animal não-humano e sua habilidade de fazer de cada interação preenchida com suas ações conscientes em meio às tentativas de, assim como Macdonald, se adaptar a essa convivência como um compromisso diário.

A ideia da capacidade de comunicação desses animais perpassa a discussão sobre sua capacidade de “linguagem nos moldes humanos”. Como pode, então, haver a defesa da ideia de um ser como esse como dotado de linguagem se falta a ele a capacidade de fala? É Meijer (2019, p.5) quem traz uma análise sobre a necessidade de abrir espaço para um novo entendimento sobre linguagem para ser possível abarcar o amplo leque de expressões desses animais e seus meios de *criar novos significados*, o que aos olhos dela pode se iniciar tendo como base a ideia de que esses seres têm suas próprias perspectivas e seus próprios meios de comunicação, sejam entre eles ou com outras espécies, incluindo a nossa.

Naturalmente, uma abordagem que busca reiterar a capacidade de agência animal provavelmente deve seguir levantando questionamentos como o anteriormente citado. Essa agência é alvo de ceticismo, principalmente considerando que se discute esse tema tendo como via de entendimento um olhar para e sobre o ser humano. Mesmo em meio a isso, podemos argumentar que não são poucas as etnografias que têm como base observações que dificultam uma interpretação que não tenha como conclusão a capacidade cognitiva e de ação desses animais, e algumas delas são abordadas no primeiro capítulo.

Steward (2009, p.2) explica que para alguns a questão que envolve agência desses seres pode parecer desinteressante dada uma suposta obviedade: “mas é claro que são agentes. Se são capazes de buscar comida, criar ninhos e enganar predadores, como não? Eles brincam, se escondem, mostram descontentamento ou hesitação diante da possibilidade da aproximação de um ser humano”. Considerando que são ações praticadas por eles, eles são, conseqüentemente, agentes. Por outro lado, há aqueles mais cautelosos, segundo a autora, que também consideram a questão desinteressante mas por um outro motivo: podem argumentar que agência é uma qualidade atribuída ao ser que tem capacidades a e b, capacidades essas as quais não são enxergadas em todos os animais não-humanos; ou até mesmo c e d que definitivamente são consideradas atributos exclusivos de humanos, logo, não há motivo para agência não-humana virar tópico de discussão.

Neste trabalho a discussão toma um caminho bastante específico. A agência não é encarada a partir de uma noção de independência ou resistência a práticas que são atribuídas a animais. Embora sejam linhas de argumentação muito utilizadas e nas quais se baseiam muitos estudos, o intuito aqui é apresentar uma via de entendimento que permita reconhecer nesse conceito um meio de reavaliar a atribuição de um *agenciamento* e de que forma ele é

configurado. São apresentados alguns exemplos etnográficos que corroboram e que contestam a ideia de agência como oposta à postura passiva, condizente com a completa independência e livre arbítrio através dos atos de resistência. Para isso, é considerado importante buscar compreender de forma abrangente a perspectiva animal em seus diferentes aspectos, incluindo seus interesses que vão para além do que é superficialmente observado nas relações que são desenvolvidas entre tais animais e humanos nas mais diferentes relações: sejam elas em contextos de trabalho, de performances, de treinamento. Ela precisa ser vista para além de uma possível projeção humana ou de binarismos como resistência e submissão (Souza e Rabelo, 2018). A agência, por isso, se mostra como um conceito amplo o suficiente para gerar análises sobre a atuação animal através de novos ângulos, possibilitando assim um distanciamento cada vez maior da conceituação que a restringe à esfera humana ou a reduz à autonomia animal.

Partindo dessa via de entendimento, reforço a ideia de que agência animal tende a ser de fato muito mais simples de ser discutida se utilizarmos uma abordagem que a compreende como algo que não é restrito a uma só espécie, a humana, e tampouco deve ser analisada sob um viés que reduz a capacidade não-humana de expor sua vontade aos atos de resistência, pois ela vai muito além. Promover meios de desatar o laço que nos une a conceitos centralizados em atributos humanos permite enxergar outras vivências fora dessa bolha, o que acaba por gerar o alargamento de discussões a caminho de novas possibilidades de definições. Da mesma forma, é interessante ampliar a visão sobre as atitudes animais de modo a reconhecer sua capacidade de agência para além do que é facilmente captado pelo olhar humano. E um dos meios para conseguir isso é se aproximando de histórias que direta ou indiretamente abordam o assunto, como no caso do livro analisado nesta dissertação.

Há, em meio às discussões que compõem este trabalho, uma contextualização com escritos mais antigos sobre as relações interespecies e uma necessária e apreciada contestação que vem pedindo espaço de forma mais expressiva desde a década de 1970, apresentando novas formas de abordar as diferenças visíveis entre humanos e não-humanos, incluindo reinterpretação de análises que embora apresentem uma base sólida para um novo olhar sobre esses seres, podem ser modificadas e enriquecidas para ampliar consideravelmente o lugar cedido a seres não-humanos nas pesquisas voltadas para os diferentes temas que os envolvem. Em suma, este trabalho tem o propósito de representar e contribuir para um novo meio de enxergar esses seres a partir dos seus próprios modos de dividir o mundo conosco, podendo refletir não só na academia como também no cotidiano, criando a prática de ouvi-los e de nos atentarmos às suas diferentes necessidades e preferências.

O meu propósito desde a graduação é de firmar um distanciamento de um datado jeito de realizar pesquisa nesse campo para abrir novos meios nada antropocêntricos de trazer não-humanos para o centro de análises como seres dotados de agência, linguagem e capacidade de serem partes ativas de um processo social. Para tanto, há um detalhamento de como essas aves são inseridas no “universo humano” ao mesmo tempo que seres humanos se inserem no universo das aves de rapina, seus costumes e características. O propósito foi e é, acima de tudo, trazer um panorama composto por análises balanceadas da posição de cada participante ativo no desenvolvimento desse vínculo, desse *nós* tão mencionado pela Helen Macdonald nos seus escritos.

A partir do estudo, é possível também compreender de que modo o processo de domesticar tais animais e entender os ambientes nos quais estão inseridos são aspectos importantes para enxergar como a ligação entre diferentes espécies pode fazer com que seja possível seguir repensando o conceito de domesticação – e como ele pode ser expandido integrando novas abordagens. Não há, portanto, o intuito de encarar a domesticação como um conceito danoso e “vencido”. As constantes renovações nas discussões sobre o tema enriquecem trabalhos que assim como o meu têm o intuito de seguir discutindo as relações interespecies e o quanto somos afetados – enquanto seres - por elas.

Esse conceito, inclusive, vem sendo discutido nas ciências sociais há bastante tempo. Nessas discussões, animais não-humanos por muito tempo foram mencionados e definidos como alvos do domínio humano. Com o passar do tempo, houve uma reestruturação, por assim dizer, possibilitando novas perspectivas. Se antes as argumentações tinham como base a ideia de posse, do poder humano sobre eles, com a evolução dos estudos foi possível apostar numa nova abordagem: a de cooperação, nivelando os indivíduos pertencentes às relações que são desenvolvidas. Assim, seres humanos e não-humanos são caracterizados através do reconhecimento dos papéis que desempenham. Daí partiu meu interesse em estudar a relação entre humanos e rapinantes, principalmente porque esses últimos geralmente não são considerados domesticáveis – tal qual gatos, cães, porcos, vacas etc. Além disso, trata-se de um tipo de relação que não tem como ser construída sob coerção: é necessário o desenvolvimento de confiança, de parceria, para que a ave se permita seguir sendo treinada enquanto convive com quem a treina, fazendo com que suas ações, vontades e limitações sejam reconhecidas.

Partindo desse pressuposto e da noção conceitual do termo, tornou-se importante e interessante investigar de que modo podemos alargá-lo adicionando ao centro da discussão o que normalmente estaria marginalizado. Se o que é considerado domesticado é o que pertence ao *domus*, numa separação entre o que está “dentro da casa” enquanto domesticável e o que

está fora dela como *wild*, selvagem, aproximo-me da ideia levantada por Lien, Swanson e Ween (2018, p.4), que optam pela descentralização das narrativas tradicionais, introduzindo a proximidade entre humanos e animais silvestres. O intuito foi também explorar a falcoaria através do conceito *beings-in-the-making* criado por Schroer, que consiste na ideia de que humanos e aves evoluem na relação que constroem através de um envolvimento corresponsivo no qual estão inseridos (Schroer, 2014, p.155), tendo como caso exemplar *H Is For Hawk*.

Nesta pesquisa, tais animais silvestres não são tratados como objetos passivos enquanto as vontades de seus tutores se tornam principais na análise: eles são apresentados enquanto agentes igualmente ativos, tendo suas reações e características como interesses do estudo. Isso permite que seja desenvolvida uma noção de como suas transformações em seres domesticados condicionam o cotidiano no espaço onde estão inseridos. E como, através do manejo, muitos desses animais passam por um processo que resulta numa rápida e simples correspondência aos comandos de seus tutores, e vice-versa, é claro.

Para que fique mais claro, há um detalhamento do que é a falcoaria, tanto como arte milenar quanto como um esporte contemporâneo. Foram considerados na análise alguns escritos de falcoeiros sobre o treinamento dessas aves e quais as ferramentas utilizadas, tudo prezando por uma relação construída sem coerção e sim cooperação. Não cabe ao trabalho o desenvolvimento de discussões sobre a validade do exercício desse esporte, como já dito, e sim apenas a exploração da sua composição atual e histórica. Trata-se de algo essencial para a compreensão do modo como se constrói a relação entre falcoeiros e suas aves.

A dissertação segue uma metodologia qualitativa. Nela estão presentes diferentes trabalhos acadêmicos, artigos diversos e entrevistas com o intuito de enriquecer o trabalho na medida em que se apresentaram durante a investigação realizada. O exercício da pesquisa não foi feito seguindo um “modelo” estrutural rígido, permitindo assim um caminho mais criativo a partir da adição de pontos interpretativos inclusive das obras literárias que abordam o tema discutido. Trata-se de um estudo de caso por ser extensivamente trabalhado a partir de um objeto de estudo que pode ser verificado empiricamente, permitindo uma compreensão de caráter vasto e minucioso.

Segundo Robert E. Stake, o nome “estudo de caso” é enfatizado porque destaca uma questão que pode gerar aprendizado no caso específico sendo trabalhado. Como diz o autor, para pesquisadores o estudo de caso otimiza a compreensão por ir atrás de especificidades. Sua credibilidade é conquistada pelo ato de *triangular* descrições e interpretações, não só numa etapa da pesquisa e sim continuamente enquanto houver estudo (ibid., 2005, p.443):

Para a comunidade de pesquisa qualitativa, estudo de caso se concentra no conhecimento experimental do caso e na atenção à influência de seus contextos social, político e outros. Para quase todo e qualquer grupo, otimizar o entendimento do caso requer atenção meticulosa às suas atividades. (ibid., p.443-444, tradução nossa)

O estudo de caso é um modo comum de fazer uma investigação qualitativa. Para Stake, não se trata exatamente de uma “simples” escolha metodológica e sim, precisamente, de uma escolha *do que* estudar. Em meio ao desenvolvimento de um trabalho como esse, pode haver – e geralmente há – um interesse que vai além do caso que está sendo investigado, e não há como entender sobre esse caso sem que haja uma observação sobre outros; mas, enquanto essa investigação estiver sendo realizada, os recursos utilizados devem ter como prioridade compreender as complexidades do objeto de estudo em questão acima de qualquer outra coisa. Tendo isso em mente, para o efeito de reforçar o entendimento do que está sendo aqui proposto, há o uso de exemplos de outros casos que envolvem a relação entre seres humanos e não-humanos, com o intuito já mencionado de uma amplitude no olhar sobre tais conexões. Contudo, o foco segue sendo a relação que dá nome a este trabalho.

Quanto a sua estrutura, ele está dividido em três capítulos, além, é claro, da introdução e das considerações finais. O primeiro capítulo está voltado unicamente para as literaturas sociológica e antropológica sobre o tema. Nele há um panorama geral dos estudos feitos sobre animais não-humanos para que seja possível entender as mudanças visíveis nos escritos no campo das ciências sociais. É possível enxergar as alterações ocorridas continuamente nesse campo que compõem uma linha temporal que vai desde as perspectivas de uso de animais como vias de autoavaliação/autoafirmação do ser humano como superior e das suas diferentes capacidades até a contestação de tais argumentos, o que resulta numa renovação teórica mais abrangente e descentralizada. É imprescindível para este estudo entender a importância da *virada multiespécies* e a sua compreensível rejeição aos escritos que ignoram os diferentes aspectos que compõem a relação estabelecida entre humanos e não-humanos, inclusive e principalmente a reciprocidade no que diz respeito às ações realizadas por ambos nesse desenvolvimento. A agência animal se tornou objeto de discussão de algumas páginas, sendo analisada considerando sua complexidade, por assim dizer, por ser um tópico que rende diferentes análises por vezes conflitantes. Além disso, como já dito, a domesticação é tratada com uma intenção similar: de apresentar suas alterações até chegar nas discussões atuais, essenciais para a composição desta dissertação.

O segundo capítulo, por sua vez, traz a falcoaria desde os escritos mais antigos encontrados até os mais recentes, tendo a sua atualidade sendo bastante representada pelo

trabalho até então mais completo encontrado por mim nas ciências sociais: a tese de doutorado de Sara Asu Schroer: *On the wing: Exploring human-bird relationship in falconry practice*, de 2014. É uma etnografia bastante elucidativa que navega pelas características essenciais dessa arte em meio a dados empíricos e teóricos que são de suma importância para o entendimento do que é treinar rapinantes na atualidade. Esse segundo capítulo permite a ampliação da discussão que envolve as relações entre a nossa espécie e rapinantes na medida em que exemplifica o que foi abordado no capítulo anterior, possibilitando desafiar o antropocentrismo de modo a expandir o foco antropológico e incluir animais não-humanos, especificamente aves de rapia, considerando sua capacidade de desenvolver ou apresentar novos significados, inclusive no que diz respeito a capacidade de socialidade e conhecimento, tudo isso reconhecido a partir de uma atividade propriamente dita na qual as ações de ambos os indivíduos envolvidos são essenciais e igualmente significativas. Há detalhes sobre a falcoaria e como ela foi sendo desenvolvida até os dias atuais, principalmente na Grã-Bretanha. A ideia principal para essa retomada histórica é compreender como, com o passar do tempo, a relação entre falcoeiro e ave foi se delineando e quais as mudanças ocorreram ao longo dos séculos, de modo a evidenciar as diferenças no trato da ave até os dias atuais e o que ainda permanece sendo realizado no seu manejo.

O terceiro e último capítulo é voltado para o livro *H is for Hawk*. Ele acaba por se mostrar como uma ilustração do que foi discutido nos capítulos anteriores. Há nele um resumo do livro, uma verdadeira síntese dos aspectos essenciais da história de acordo com o objetivo deste estudo, dialogando fortemente com o que foi abordado anteriormente. Assim como no primeiro capítulo, há um desenho – embora informal – de uma linha evolutiva que culminou na relação firmada das protagonistas da história: Helen, a falcoeira, e Mabel a ave. O objetivo foi explicitar cuidadosamente a construção da relação de ambas e como isso evidencia o papel de cada uma delas na criação de uma identidade conjunta, algo indispensável na falcoaria.

Importante mencionar que embora seja utilizado em diferentes momentos o termo *não-humanos*, o intuito aqui é destrinchar a literatura focando especificamente em *animais* não-humanos e nos trabalhos que se voltam para a relação construída entre tais animais e seres humanos. Há o entendimento de que há infinitos escritos sobre outros tipos de agência e de domesticação para além do caminho aqui traçado, contudo, para que o foco fosse mantido no estudo de caso proposto, a discussão não se expandiu ao ponto de integrar outras relações e argumentações.

Com o intuito de facilitar a compreensão, serão utilizadas as palavras *falcon* e *hawk*, assim mesmo, em inglês, quando for necessário apontar a distinção que há entre elas. O que

acontece é que em português ambas são traduzidas para falcão, tanto para citar as aves do gênero *falco*, quanto a subfamília *Accipitrinae* – da qual o *accipiter gentilis* (açor, um tipo de gavião) faz parte. A ideia é poder separar o que diz respeito a cada família sem que haja uma confusão, pois, se o intuito é possibilitar uma maior proximidade com esses animais, considero importante que o trabalho não cause um mal-entendido. Em alguns pontos do livro, como no capítulo dois, é fácil confundir-se diante de uma tradução que não comporta a separação de termos, então coube a mim o apoio nos escritos originais para que fosse possível uma descrição mais exata do que foi dito pelos autores que abordam falcoaria. Embora não seja incomum o uso de ambos os termos sem uma distinção fixa<sup>2</sup>, cabe aqui a intenção de fazê-lo como apoio a uma visão mais clara da literatura abordada.

---

<sup>2</sup> Michael Woodford escreveu no prefácio da primeira edição do seu livro *A Manual of Falconry*, lançado em 1960, que no decorrer dos capítulos seria possível enxergar o seu uso indiscriminado de *falcon* e *hawk*, sendo *hawk* usado para “todas as aves utilizadas na falcoaria”. *Falcon*, portanto, foi uma palavra utilizada somente nos trechos voltados para descrições de alguns falcões, enquanto *hawk* se mostrou predominante nos seus escritos. Isso mostra que essa diferenciação embora seja tecnicamente significativa, não necessariamente é adotada por todos aqueles que estudam e escrevem sobre rapinantes. Robin Oggins (2004, p.10) traz trechos do *De arte venandi cum avibus* (A Arte de Caçar com Aves), de 1240, escrito pelo imperador Frederick II, para sinalizar uma diferença entre *falcon* e *hawk* que para ele é fundamental. Frederick II afirma que cada ave usada por um falcoeiro deve ser classificada de um modo ou de outro. E a diferença tem como base três fatores: diferenças físicas, como o formato das asas, os estilos de voo e a captura de presas. Tais discrepâncias acabam por definir quais são os melhores treinamentos e cuidados para cada ave. Wright (2006, p.8), por sua vez, acredita que tais termos podem ter mais do que uma definição. Em seu livro, ele usa *hawk* para aves de rapina diurnas, enquanto *falcon* é usado para se referir a um membro do grupo de raptos de longas asas.

## 2 O QUE É UM ANIMAL, AFINAL?

*Many limitations expressed by the animal subjects to date are the limitations of our methods, not those of the subjects themselves.*

Sarah E. McFarland e Ryan Hediger

Num contato mais próximo com um animal não-humano, seja esse contato físico ou não, não é incomum a tentativa de adivinhar o que será feito por ele. Muitas vezes essa tentativa recai em atitudes explicadas por seres humanos com o uso de uma palavra: *instinto*. Surpreendente é, portanto, quando esse mesmo animal age de um modo que não era esperado, arrancando de quem o vê uma reação como: “que inteligente!”. A ideia é de que esses animais sempre terão os mesmos comportamentos, atendendo suas básicas necessidades, pois é confortável para o ser humano a crença de que outras espécies sempre agirão de um modo previsível e limitado em contraponto à sua autoimagem singular.

De um modo ou de outro, seres humanos vivem com outros animais: seja dentro de casa, seja através da arte, do próprio trabalho, pelas ruas ou em outros ambientes. Se alimentam deles, assistem a programas de televisão *com* ou *sobre* eles; frequentam zoológicos ou circos; compram decorações ou roupas com estampas de pandas, cachorros, gatos, girafas etc. Mas, assim como afirma Fudge (2002), tais animais, embora façam parte do cotidiano de muitos, são usados ou enxergados como se fossem *inanimados*, sendo assim objetificados. Não encaramos facilmente sua presença. Em outras palavras, nos recusamos em muitos momentos a reconhecê-los em sua completude, nos limitando a uma imagem rasa, reduzida, sem abarcar significados propriamente ditos. Assim, a tarefa de entendê-los como agentes é mais difícil, muitas vezes não reconhecida como necessária. E não precisamos ir longe nas ciências sociais para enxergar indícios disso.

Süssekind (2018, p.162) ao retratar essas diferenciações que reduzem as outras espécies em prol da afirmação da singularidade humana, traz um panorama da antropologia moderna a partir de uma separação clara do que envolvia as ciências naturais. Durkheim é abordado como um pensador que construiu conceitos clássicos da disciplina tendo como base essa separação, como os fatos sociais que em nada se misturavam com o que partia do biológico. A sua definição de *homo duplex*, por exemplo, parte da ideia do indivíduo como composto por dois lados: o organismo biológico e a pessoa social, a natureza social e a humana. Basicamente, a velha distinção entre razão e instinto. O que era proveniente do lado biológico, afirma o autor, “concebido como duplo necessário do ser social”, acabava denotando “o humano desprovido

de sua natureza própria”, a natureza social, “e implicava claramente em uma redução da vida biológica à pura reprodução mecânica da existência” (ibid.). Süsserkind classifica essas definições durkheimianas como um dispositivo conceitual que faz da humanidade suspensa entre a civilização e a natureza, pois é essa qualidade que separa aqueles que a possuem dos que devem ser restringidos a uma objetificação ou instrumentalização. Como desprovido de humanidade, o animal se torna, portanto, um não humano genérico (ibid., p.163) em contraposição à singularidade humana que é dotada de razão e linguagem.

Mauss, em 1935, na sua discussão sobre o corpo enquanto algo composto por forças que vão além de uma neutralidade e como provido de potências fisiológicas, psicológicas e sociais, ao buscar colocar o ser humano como ser capaz de tais atributos, declara: “Não há técnica e não há transmissão [de aprendizado] se não houver tradição. Eis aquilo em que o homem se distingue antes de tudo dos animais: pela transmissão de suas técnicas e muito provavelmente por sua transmissão oral”.<sup>3</sup> As técnicas para Mauss são, por exemplo, os modos de agir que são de natureza social e vão sendo adquiridos por indivíduos quando inseridos em determinadas sociedades. Tais modos são técnicas do corpo humano, técnicas de um dito *agente*. Os humanos, assim, são os seres capazes de passar por determinadas mudanças de técnicas corporais a partir dos meios de ensino e aprendizagem, diferentemente dos outros animais.

A construção de um pensamento ocidental, se permitida uma rápida análise homogeneizante de muitos discursos sustentados sobre a vida animal, tem como matéria estruturante a concepção desses seres como dotados de atitudes mecânicas ou simplesmente desvirtuadas de consciência, como anteriormente mostrado. Se a análise for feita sob o ponto de vista filosófico, o apoio a essa concepção pode ser dado por discursos como o descartiano<sup>4</sup> que renuncia a ideia de consciência animal pela falta da linguagem e da capacidade de sentir dor, como também de uma alma, assim, “a inabilidade de um animal expressar consciência é mostrada como prova conclusiva de que não a possui” (Pearson, 2010, tradução nossa). Historicamente, a renúncia em enxergar animais não-humanos como seres conscientes estabeleceu um vácuo documental que reduziu as possibilidades de estudá-los amplamente de

---

<sup>3</sup> Mauss, M. 2003, p. 407.

<sup>4</sup> Meijer (2019, p.18-19) traz uma adição ao pensamento de Descartes sobre animais não-humanos: ele os encarava como máquinas por não terem a capacidade de usar linguagem humana, logo, se mostravam também incapazes de pensar. Para o filósofo, animais conseguem reagir a palavras direcionadas a eles como uma simples expressão de paixão, a qual é puramente uma reação mecânica aos impulsos sentidos. O que a eles foi ensinado a fazer seria, de acordo com esse ponto de vista, sempre uma simples expressão dessa paixão, assim, poderiam se manifestar sem a necessidade de pensamento. Eles poderiam expressar seus pensamentos assim como suas paixões caso tivessem algum, mas, como não se expressam através de palavras, pode-se concluir que não são seres pensantes.

modo a entender seu impacto social ao longo do tempo<sup>5</sup>. Por isso, se torna mais complexa a tentativa de trabalhar mais a fundo a sua trajetória na relação com seres humanos indo em busca de uma posição do animal como um ser de relevância social por si mesmo. Esse vácuo pode ser igualmente explicado pela renúncia em atribuir ao animal uma voz, pois, se não é capaz de tê-la, não tem também subjetividade, logo, sua importância histórica enquanto ser consciente é questionável. *No voices and no traces*.<sup>6</sup>

A autora Erica Fudge (2000) tratou dessa questão com a qual se deparou na pesquisa para um livro. Nas palavras dela, nas leituras que fez os animais estavam em um estado de *ausência-presença*: tecnicamente presentes, mas sem protagonismo. Os traços deixados eram referentes ao uso deles, ao treinamento, à carne, à exploração. Basicamente, animais não-humanos quando abordados por determinados teóricos eram ou são retratados/classificados a partir de esquemas que os colocam ou colocavam do lado oposto ao humano. Dito de outro modo, colocados em dicotomias paralelas: oposições natureza e cultura, instinto e agência, homem e animal, eu e o outro etc. (Ingold, 1995; Pearson, 2010; Casanova, 2016). A própria história prova que não é possível estudar o animal isoladamente, requerendo assim uma lente humana para fazê-lo. Contudo, é possível dizer que tal lente não pode oferecer uma imagem clara se refletir puro antropomorfismo.

Meijer (2019), na sua defesa por reconhecimento da capacidade de linguagem entre os não-humanos, afirma que esses seres são indivíduos com suas próprias perspectivas sobre a vida que têm a habilidade de investir em relações, inclusive com humanos. Para ela, nas últimas décadas tem ocorrido um avanço político impulsionado pelos teóricos do direito animal em prol da firmação desses seres como sencientes e morais, assim como os humanos, pertencendo, portanto, a comunidades morais até então reservadas somente a nós. Da mesma forma, a filosofia política sugere encarar outras espécies como pertencentes também a grupos políticos, abdicando assim de concepções que renunciam a elas a capacidade de definir seus próprios modos de vida e a configuração das relações que se dispõem a construir entre si e conosco. Para a autora, reconhecer as competências dos não-humanos é um meio de reformular tais relações políticas e morais estabelecidas entre ambos os lados – humanos e não-humanos – para enfraquecer o antropomorfismo. E a discussão sobre linguagem é uma via de importância

---

<sup>5</sup> Como afirma Segata (2011), costumamos ouvir histórias sobre animais, mas não que eles *produzem* história. Partindo da ideia da evolução biológica pela qual organismos passam, o ser humano é encarado por alguns autores como um ser que se desenvolve até o ponto em que começa a fazer história e a poder ter ferramentas pedagógicas para transmiti-la. Seguindo essa linha de raciocínio, o animal não-humano é colocado como ser incapaz de ter história ou cultura pela dita impossibilidade de transmiti-las.

<sup>6</sup> Sem vozes e sem vestígios. Pearson, 2010, p.18

considerável para alcançar esse feito, pois, aprendendo sobre a capacidade linguística desses seres, aprendemos mais sobre eles e encontramos novos meios de estabelecer conexões. Trata-se de um modo de “desafiar uma visão antropocêntrica de linguagem” desenvolvida por relações de poder para assim enxergar tais seres diferente e amplamente (ibid., p.3).

A autora aborda a capacidade comunicativa de indivíduos não-humanos e esse amplo campo de estudos que tem como intuito barrar uma ideia sobre linguagem que se reduz errônea e injustamente à verbalizada, deixando de fora um vasto número de espécies que possuem meios comunicativos de expressão. Como ela afirma, linguagem é uma importante ferramenta de interação e de construção de *mundos comuns* com outros, sejam eles da mesma espécie ou não. Esse é um modo de revisitar criticamente pensamentos que corroboram com o estereótipo que reduz não-humanos à incapacidade comunicativa, que mantém assim ileso a noção da linguagem atrelada à espécie humana, ou, em outras palavras, ao *excepcionalismo* humano. Romper com isso é partir da defesa de que diferentes espécies têm meios próprios de comunicação, e essa diversidade merece cada vez mais espaço nas ciências sociais de modo a expandir o pensamento que enxerga em animais não-humanos a sua própria subjetividade, assim como agência e linguagem, e como essas identidades não devem ser negadas quando estão em contato direto com a espécie humana.

Um bom começo seria reconhecer que entre animais não-humanos e humanos há inúmeras diferenças que devem ser levadas em conta quando falarmos sobre as relações estabelecidas entre ambos. Há uma diferença entre o resultado de uma análise que busca apontar somente as semelhanças entre tais seres e o de uma outra que mais abrangente procura reconhecer animais para além dessas paridades. Do mesmo modo, é interessante abordá-los enquanto indivíduos portadores de características pessoais que vão além das que definem de forma generalizante suas espécies. Como afirma Meijer, cada indivíduo, independentemente da sua espécie, pertence a diferentes coletivos, e muito disso é ditado por normas culturais e meios de criar significado enquanto pertencentes a uma mesma comunidade – interespecífica ou não.

Ainda sobre linguagem, Derrida tem uma argumentação similar à de Meijer na sua defesa de uma reestruturação da ideia de linguagem para que seja possível ultrapassar limites humanos. O autor afirma que defender a ideia de que o ser humano é o único ser com linguagem é altamente problemático. Se a definição de linguagem for em moldes humanos, obviamente não haverá mais o que ser discutido. Mas, se for reconsiderada numa rede de possibilidades que contempla outras formas, uma alteração se estabelece. “Essas possibilidades ou necessidades”,

diz ele, “sem as quais não haveria linguagem, são elas próprias não só humanas”<sup>7</sup>. Ele propõe o reconhecimento científico da complexidade em torno das linguagens animais. A suposta originalidade da linguagem humana, para ele, não nos permite excluir as outras. As formas de comunicação animal, sejam quais forem, não podem ser afastadas dessa definição.

A base de determinadas análises sobre as relações que são desenvolvidas entre seres humanos e outras espécies é a concepção de certas características como não compartilhadas ou diferenças intransponíveis, e essa linha argumentativa pode ser encarada como tão falha quanto buscar somente similaridades entre os dois lados. As associações feitas muitas vezes se mostraram unicamente como pontes para compor e determinar o que seria *humanidade*. É Ingold (1995, p.1) quem afirma que tais associações são “repletas de ambiguidades” e sobrecarregadas de “preconceitos intelectuais e emocionais”. A *animalidade* é, na visão do autor, construída e reconstruída a cada geração como uma representação do que há de deficiente nos seres humanos. É o lado instintivo, o não civilizado. Paradoxalmente, um lado pouco desenvolvido do ser humano e, ao mesmo tempo, um estado alternativo do seu ser (1995, p.6). A qualidade primordial humana se deu, com base nessa argumentação, pelo desenvolvimento da razão em conjunto com o intelecto, formando assim a já mencionada linguagem. A animalidade, desprovida dessa capacidade e atribuída tanto aos animais não-humanos quanto aos “primeiros seres humanos” em seu estado “natural e selvagem”<sup>8</sup>, é vista como

qualidade de vida no estado de natureza, onde se encontram seres “em estado cru”, cuja conduta é impelida pela paixão bruta em vez da deliberação racional e que são totalmente livres dos constrangimentos da moral ou da regulação dos costumes. Essa concepção da vida animal e da “animalidade humana” está extraordinariamente difundida no pensamento ocidental e ainda hoje dá o tom de boa parte do debate científico nos estudos sobre o mundo animal e o comportamento humano. (Ingold, 1995, p.6)

Seguindo um novo modelo de repensar o não-humano, Tim Ingold organizou um livro chamado *What is an Animal?* (1994) com base numa sessão realizada no Congresso Mundial de Arqueologia, em 1986, na qual foi sugerido que acadêmicos de diferentes áreas respondessem à pergunta que intitula o compilado de textos. A ideia era entender até que ponto iria a compreensão do que é um animal e quais os diferentes modos de sustentar argumentos.

---

<sup>7</sup> “‘Eating Well,’ or the Calculation of the Subject: An Interview with Jacques Derrida.” New York: Routledge, 1991, p.96–119 apud Farland, Sarah E. e Hediger R. *Approaching the agency of other animals, an introduction*. Animal Agency. 2009, p.9.

<sup>8</sup> Ver mais em *Uma questão de ter ou não cauda*, subtópico de Humanidade e Animalidade (1995), de Ingold.

Essa tarefa se mostrou essencial para que as pessoas presentes fossem impulsionadas a criar uma consciência sobre seus preconceitos tanto culturais quanto individuais. O resultado foi um livro diversificado que aborda não só animais não-humanos como outras formas de vida, contribuindo para evidenciar a complexidade e mutabilidade dos conceitos que envolvem essa questão. Partindo do pressuposto de que principalmente em grandes cidades o contato direto com animais que não são normalmente associados à imagem de *pets* é menos frequente, a formação e perpetuação de estereótipos é comum, o que é interessante ser elucidado para que novos meios de pensar sobre tais seres sejam impulsionados.

A certeza é de que essa pergunta foi e provavelmente seguirá sendo um dos meios de buscar saber o que nos diferencia de outros animais. A animalidade se mostra em muitos estudos, inclusive, como um estado de *ser natural*, a partir do qual “ações são estimuladas por impulsos emocionais inatos, sem a disciplina da razão ou da responsabilidade” (Ingold, 1994, p.5, tradução nossa). Sendo assim, esse conceito se estendeu de uma forma que pudesse contemplar humanos “não lapidados”, no sentido de ainda não terem sido expostos à “civilização”, como anteriormente comentado. Ingold afirma que desse modo o “tornar-se humano” é ser submetido a uma *inculturação* que se caracteriza por uma maturidade que o leva à superação da animalidade, um processo pelo qual, segundo o que muitos antropólogos sustentaram com o passar dos séculos, todos os seres humanos passaram mesmo que seguindo caminhos divergentes, até essa civilização. Intitulada por Ingold como *humanidade emergente*, estava por trás das investidas dos antropólogos do século XIX na reconstrução de uma “natureza humana” como “uma linha de base universal para todas as subseqüentes evoluções culturais e sociais”, o que continua sendo uma via para buscar compreender o comportamento humano a partir do que é analisado em outras espécies (ibid.).

DeMello em *Animals and Society* (2021) tem como um dos seus intuitos discutir a definição de animal. Um dos seus argumentos é que um obstáculo notável para estudar tais seres sem um apoio no *excepcionalismo humano* é sempre tratá-los como seres *não-humanos*, *outros* animais, *outros que não humanos*. Há quem sugira um novo modo de especificá-los, como através da palavra *anymal*, em inglês, excluindo *Homo sapiens*, num meio bem filosófico de especificar o máximo possível o objeto de estudo<sup>9</sup>. Contudo, para a própria DeMello, apresentar essa nova referência não nos aproxima de fato da questão principal: *o que é um animal?*. Para ela, o desafio é se aprofundar no assunto considerando que seres humanos tendencialmente definem esses outros seres de forma consideravelmente limitada. Por exemplo,

---

<sup>9</sup> Ver mais em Kemmerer, L. *Search of Consistency: Ethics and Animals*. Boston: Brill Leiden, 2006.

como definir galinhas para além da sua carne ofertada? Como definir papagaios para além da sua repetição de falas? Como definir porcos desconsiderando sua imagem de alimento ou estereótipos sobre sua higiene?

Em primeiro lugar, embora seja mais do que válido e interessante tentar desconstruir alguns muros e, após isso, construir pontes que nos aproximem de concepções mais abrangentes sobre esses animais, talvez seja um equívoco lançar luz a algumas particularidades linguísticas em vez de voltar a atenção para um plano mais amplo. Isto é, podemos sim buscar mudar o modo como nos dirigimos a esses seres nas análises feitas sobre seu papel social nas relações desenvolvidas, inclusive com seres humanos, mas será que o cerne da questão não vai além de determinadas terminologias? Em segundo lugar, e aqui cabe uma concordância com a autora, é muito mais interessante por ora se atentar à demolição das diferentes bases a partir das quais impusemos imagens e características limitadas a esses animais para poder ser possível vê-los claramente. A partir disso, todo e qualquer campo de pesquisa voltado para o assunto poderá amplificar cada vez mais novas vozes e vias para entender o que é um animal.

E os meios para conseguir isso são diversos! Dentro da própria sociologia é possível seguir perspectivas como interacionismo simbólico para compreender os significados das interações entre humanos e não-humanos; funcionalismo para analisar os papéis que animais não-humanos têm nas sociedades e os que humanos têm no contato com eles etc. (ibid., 2012, p.22). A antropologia, por sua vez, como já foi comentado, sempre fez uso – embora não exclusivamente – da categoria animal para discorrer sobre comportamento e evolução humana, como “um espelho para criar uma identidade pessoal e cultural<sup>10</sup>”: *we polish an animal mirror to look for ourselves.*<sup>11</sup> Contudo, utilizar conceitos de cultura para fechar um cerco que separa seres humanos de outras espécies, como se esses fossem os únicos capazes de ter cultura, algo tão comum nos escritos ocidentais, passou a ser questionado com o tempo.

O próprio Tim Ingold em 2013 trouxe a seguinte pergunta: por que logo antropólogos deveriam prestar mais atenção em não-humanos? O autor recusa a concepção de relações sociais como unicamente direcionadas para relações intraespecíficas para então apresentar uma antropologia que integra não-humanos como seres sencientes que têm papéis sociais, culturais, históricos e políticos, partes de comunidades que têm suas próprias regras<sup>12</sup>. Para o autor, a antropologia é mais do que estudo *dos* humanos ou *dos* animais não-humanos: é um estudar

---

<sup>10</sup> DeMello, 2021, p.23.

<sup>11</sup> *Nós polimos um espelho animal para nos enxergarmos.* Haraway, D. 1991, p.21

<sup>12</sup> Ingold, T. On Reindeer and Men. 1974.

com eles.<sup>13</sup> E esse é um bom exemplo da urgência na mudanças nas perspectivas sociológica e antropológica sobre o modo como outras espécies – que não a humana – são retratadas.

Encaradas a insuficiência dessas perspectivas e a necessidade latente de uma reformulação nas ciências sociais que não só afaste como também renuncie essa monoespecificidade que define a tudo com uma régua humana, surgiu a necessidade de uma *virada multiespécies* (Kirskey, S. e Helmreich, 2010; Süsskind, 2018). O exclusivismo humano foi posto à prova e, segundo Kirskey e Helmreich, desde a década de 80 passaram a ser publicados diferentes trabalhos que pouco a pouco foram construindo principalmente um novo modo de fazer antropologia. O enfoque deixou de ser o que construiria a humanidade em oposição às características de outras espécies e chegou a um grau de expansão que incluía não só não-humanos como humanos não contemplados pelos escritos ocidentais.

A virada multiespécies proporcionou não apenas a desconstrução das vias de entendimento da animalidade conectadas a uma centralização do discurso etnocêntrico do que faz do ser humano humano, incluindo, assim, diferentes formas de vida, de agência, expandindo a ideia de ciência social que engloba as ciências naturais e reconhece o papel de diferentes atores, sejam eles quais forem, nos contextos mais dissemelhantes. E, mais do que isso, ela lança luz à historicidade que contempla seres separadamente e rompe com essa concepção para dar espaço à ideia de histórias co-evolutivas, do *co-tornar-se*. Dooren, Kirskey e Münster trazem a noção de racionalidade multiespécies para apontar algo valioso que norteia este trabalho: “ela evidencia um mundo animado em que o ser é sempre tornar-se, em que tornar-se é sempre um tornar-se com” (Dooren et al., 2016, p. 1). Entrelaçamentos.

Os estudos multiespécies tomam esta compreensão do nosso mundo, inspirando-se nas ciências naturais e indo além, trazendo diferentes corpos de conhecimento para conversar e empurrando-os em novas direções. Os estudiosos multiespécies estão se perguntando como vidas humanas, modos de vida e responsabilidades terminam se constituindo nesses entrelaçamentos. (ibid., p.39)

Embora para os autores mencionados os estudos multiespécies extrapolem os que contemplam uma relação específica entre dois seres – como um humano e um não-humano, que é o caso deste trabalho –, sem serem amplos o suficiente para destacar uma teia de agentes, a menção a essa mudança nos olhares sobre o mundo multiespécies não deixa de ser essencial, pois a partir de tal virada uma porta foi aberta para uma interdisciplinaridade que ampliou os campos de estudos sobre as relações interespécies como um todo. Inevitavelmente, ao trazer

---

<sup>13</sup> Ver mais em Ingold, T. *Making: Anthropology, Archaeology, Art and Architecture*. Abingdon: Routledge. 2013.

para a discussão um estudo de caso como o elucidado aqui, um sem número de relações similares é contemplado, finalmente, permitindo uma maior imersão nesse não tão novo mundo.

Contudo, Ingold aborda a virada multiespécies como algo não muito surpreendente e um tanto problemático. Para ele, além dos erros cronológicos cometidos por Kirskey e Helmreich (2010) que aos olhos dele ignoram escritos que já iam de encontro ao antropocentrismo muito antes do período que apontaram como início dessa transição<sup>14</sup>, eles cometem um outro equívoco:

O problema com a etnografia multiespécies não é só o anacronismo. Reside no seu próprio apelo para a multiplicidade de espécies. Pois apenas no âmbito de uma humanidade universal – isto é, da perspectiva do ser genérico – o mundo dos seres vivos aparece como um catálogo de biodiversidade, como uma pluralidade de espécies. Se abandonarmos esta perspectiva soberana, a própria noção de que os seres podem ser agrupados com base na semelhança e divididos com base na diferença, e com ela o próprio conceito de espécie, terão de ser repensados. (Ingold, 2013, p.19, tradução nossa)

Para Ingold, a etnografia multiespécies falha ao perpetuar o conceito de espécie como uma imposição antropocêntrica (Dooren et al. 2016, p.5; Sússekind, 2018, p.168). Enquanto a etnografia multiespécies sustenta que a palavra espécie é uma base para envolver similaridades e diferenças biológicas, aproximando seres a partir das suas similaridades e os separando nas diferenças – biologicamente falando -, Ingold defende o oposto: as discrepâncias conectam enquanto as semelhanças dividem. Ele pontua que a etnografia multiespécies, assim como elucidado pelos próprios autores Kirskey e Helmreich na conclusão do seu texto (2010, p.562), por abordar tantos seres, de animais a fungos, pode correr o risco de recolocar o ser humano como o centro da discussão, como um ponto referencial. Quanto a esse debate sobre *espécies*, Dooren et al. responderam à altura:

“Espécie” aqui não pretende, de maneira alguma, sugerir que os tipos são fixos ou homogêneos; nem deve o termo ser levado a assumir um modo de taxonomia especificamente ocidental e científica [...]. Para os nossos ouvidos, a noção de “espécie” mantém abertas questões-chave: como esses agentes entrelaçados se torcem uns aos outros com as suas próprias práticas de classificação, reconhecimento e diferenciação? Como diferentes tipos de ser são promulgados e sentidos, nesse fluxo contínuo de ir e vir de agências em mundos multiespécies?<sup>15</sup>

A defesa de uma *antropologia para além da humanidade* é, para Ingold, uma renúncia a um modo de fazer antropologia que trate animais não-humanos como seres humanos e vice-

<sup>14</sup> Como o seu próprio texto *On Reindeer and Men*, de 1974.

<sup>15</sup> Dooren, Kirskey, Münster. 2016, p.3

versa, para assim encontrar “meios de modelar a vida social para que suas diferenças sejam permitidas” (Ingold, 2013, p.20, tradução nossa). Tais diferenças, portanto, não existem apesar de uma vida social constituída a partir dos entrelaçamentos entre seres, pois essa vida social é desenvolvida justamente graças a essas distinções em meios heterogêneos: “cada animal é diferente, mas essas diferenças são constituídas a partir do seu entrelaçamento no processo generativo de vida social. Eles não existem *apesar* disso” (ibid., tradução e grifo nossos). O autor defende acima de tudo uma forma de ver diferentes vidas que seja ontogenética. Focar numa análise multiespécies soa para ele como uma redução de diferentes vidas e sua composição a algo ultraspecífico como a noção de *espécie*. O que há de mais rico nas vidas contempladas pelos estudos para além da humanidade é o seu desenvolvimento, a sua composição, diz Ingold. Essa deve ser a prioridade de quem rompe com o antropocentrismo<sup>16</sup>.

A despeito dos incômodos ingoldianos diante da etnografia multiespécies por não concordar com algumas das suas concepções, seus pensamentos se alinham na ideia de que agentes se envolvem em entrelaçamentos, como nas relações desenvolvidas, que vão além das comumente contempladas em uma gama de estudos antropológicos: predador e presa, pesquisador e pesquisado, parasita e hospedeiro etc. (Dooren et al., 2016, p.3). E os contextos nos quais se dão são dinâmicos, numa formação contínua, heterogênea, a partir do compartilhamento de significados, interesses e afetos. Assim se formam as socialidades interespecíficas.<sup>17</sup> Não menos importante, os próprios autores Dooren et al. sinalizam a *antropologia para além da humanidade* como parte do guarda-chuva dos “estudos multiespécies”, destacando as similaridades mesmo em meio às assimetrias:

Apesar de suas diferenças, vemos todas essas abordagens como sendo unidas por um interesse comum de melhor compreensão do que está em jogo – eticamente, politicamente e epistemologicamente – para diferentes formas de vida flagradas em diversas relações de conhecer e viver juntas. Em outras palavras, cada um deles é um exemplo dos “new science studies” que Anna Tsing apontou, e que se baseiam em uma “imersão apaixonada na vida dos não humanos que são estudados”<sup>18</sup> (2016, p.5)

<sup>16</sup> Para acompanhar a discussão de Ingold sobre *Anthropology beyond humanity*, ver a palestra do autor na Universidade Macquarie em 2013. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=kqMCytCAqUQ&ab\\_channel=MacquarieUniversity](https://www.youtube.com/watch?v=kqMCytCAqUQ&ab_channel=MacquarieUniversity) Acesso em: 05 de abr de 2023.

<sup>17</sup> Esse assunto é melhor abordado no artigo *Etho-ethnology and ethno-ethology* de Lestel et al. 2006. Vale ressaltar que esse artigo foi mencionado tanto por Ingold no texto anteriormente citado (2013) quanto por Dooren et al. (2016). A crítica feita por Tim Ingold em seu trabalho recaía na suposta renúncia de Dooren e Kirskey em citar Lestel no seu texto de apresentação da etnografia multiespécies, o de 2010. Coincidentemente ou não, Lestel não só ocupou espaço nessa nova discussão de Dooren et al. (2016) como compôs o Conselho Editorial da edição da revista lançada pelos autores.

<sup>18</sup> Tsing, A. *Arts of Inclusion, or How to Love a Mushroom*. 2010, p.201

De qualquer modo, ainda que para Tim Ingold os estudos multiespécies possam deixar brechas para o antropocentrismo, qualquer passeio pela vasta literatura antropológica construída após a concretização, se podemos dizer assim, desse novo meio de estudar o não-humano – e também o humano excluído em meio ao etnocentrismo – permite reconhecer o grande passo dado no modo como as relações interespécies são encaradas. E um dos pontos mais importantes foi e é, parafraseando Segata, o rompimento com uma predefinição assimétrica que estabelece o humano como ponto referencial colocando-o como único ser capaz de assumir a posição de sujeito (2011, p.90).

## 2.1 CONSCIÊNCIA E AGÊNCIA ANIMAL

A autora Shelly R. Scott fez um trabalho de campo sobre os cavalos que competem no Turfe, um esporte que envolve corridas e apostas, em Kentucky, Estados Unidos, que resultou num dos artigos mais interessantes do livro *Animal and Agency*<sup>19</sup>. Suas pesquisas são voltadas para animais que participam de competições, assim, seu intuito é discutir as performances desses animais nos ambientes nos quais estão inseridos e como a agência deles pode ser analisada a partir disso. Segundo ela, o Turfe tem tanta influência no estado que o público se sente envolvido ao ponto de enxergar os cavalos campeões como mais do que simples figuras esportivas. A partir de uma análise teatral feita pela autora, eles se tornam personagens centrais nas narrativas: “não apenas performistas nas arenas, e sim jogadores em meio aos dramas”. Os puro-sangue que são destaques têm imagens construídas como verdadeiros personagens a partir do antropomorfismo (2009, p.45). Basicamente, aos cavalos é permitido que sejam personagens principalmente por terem sido atribuídos a eles qualidades humanas, logo, sua agência é erroneamente estabelecida através dessa elaboração.

Desconsiderar uma real agência dos cavalos não é incomum. Sullivan, autor mencionado por Scott, é descrente da capacidade de identificação humana com esses animais, como se eles não tivessem importância ou capacidade de ação suficiente para que fossem reconhecidos pelo seu protagonismo<sup>20</sup>. Essa opinião é refutada pela autora quando ela traz à discussão as diferentes situações nas quais o público se identificou com os animais assim como se identificava com atletas humanos, fazendo dos cavalos vencedores grandes ídolos merecedores de cartas e e-mails, como também de visitas com o intuito exclusivo de vê-los

---

<sup>19</sup> Livro editado por Sarah E. Mcfarland e Ryan Hediger (2009)

<sup>20</sup> Sullivan, J. Horseman, Pass By: Glory, Grief, and the Race for the Triple Crown. Harper's Magazine. 2002, p. 53.

(Scott, 2009, p.46). Bom, podemos supor que se não houvesse uma identificação com tais animais não haveria tanto empenho em criar um vínculo com eles.

Na sua compreensão, os animais são de fato personagens centrais nesses enredos que são desenvolvidos pelas pessoas que se conectam ao esporte e os acompanham enquanto se interessam por cada um deles. Contudo, o desenvolvimento da imagem desses animais a partir de atributos humanos impossibilita o reconhecimento deles enquanto indivíduos propriamente ditos. A argumentação de Scott recai na ideia de que apesar da ação de antropomorfizá-los permitir conceder a esses cavalos uma suposta agência, interpretá-los como se fossem humanos não os empodera e sim esconde suas consideráveis e importantes particularidades.

O comportamento dos cavalos é “lido” em meio às partidas a partir de categorias pré-definidas que podem vir a ajudar o público a entender qual será o resultado da partida. Neles são buscados, atentamente, sinais de vitória ou derrota, a partir de um desejo expresso na sua conduta. Depois de cada dado coletado no seu campo, Scott buscou descobrir o que nesse comportamento partia de uma consciência dos animais e o que era erroneamente visto dessa forma pelo público que os acompanhava.

Examinar a consciência animal a partir de suas ações me leva a questionar como eles se comportam enquanto agentes independentes. Agência pode ser definida como um uso intencional de poder, envolvendo mais do que ação ou reação. Com a agência surge escolha e responsabilidade porque ela está enraizada em livre arbítrio. Este trabalho traz duas grandes questões que envolvem agência animal: animais são capazes de agir independentemente? Se sim, o quanto de agência os seres humanos *permitem* que eles exercitem em meio ao modo como é configurada sua performance? (ibid., p.47, tradução e grifo nossos)

A autora desconsidera toda e qualquer atitude animal como expressão de agência se estiver contida no que já é esperado por ele em meio às competições. Se o atleta humano o comunica, através de uso de ferramentas, que quer que seja mais ágil e esse o atende, para Scott não passa de uma prova de coerção humana. Sua análise recai em dinâmicas nas quais o animal só pode revelar traços específicos das suas individualidades caso tenha *permissão* para tanto. Se esse animal em determinado momento ignora as mensagens passadas pelo seu companheiro de corrida, logo é classificado como um “pensador independente”, ser aproveitador do seu livre arbítrio. O modelo ideal para exemplificar o que Scott define como agente é aquele que se recusa a traçar o caminho que lhe é imposto para seguir sua própria vontade. Secretariat, considerado o melhor cavalo competidor de todos os tempos, é colocado como um exemplo de animal de forte agência. Visto como orgulhoso, ele só aceitava correr se as coisas fossem feitas

do jeito dele: o momento de correr mais rápido tinha que ser determinado por ele e não pelo seu companheiro humano. Ainda que fosse considerado dócil, sua personalidade forte se destacava nas suas decisões que deveriam prevalecer (ibid., p.55).

Nesse ponto da leitura do artigo da Shelly R. Scott, algumas considerações logo precisam ser feitas. Antes de tudo, é importante dizer que o conceito de agência animal é tão amplo quanto o de domesticação – assunto a ser destrinchado em seguida. Há uma exigência cada vez maior de um empenho interdisciplinar em buscar definir o que caracteriza agência, sendo ela atribuída diretamente a animais ou não. Como explica Rees (2017), agência passou a ter uma grande importância analítica para acadêmicos de diferentes áreas. Na história social se tornou essencial essa discussão para abarcar grupos marginalizados que até então não eram considerados relevantes em desenvolvimentos históricos, e um desses grupos é o dos animais não-humanos.

Porém, como Rees também afirma, apesar da agência histórica normalmente denotar o reconhecimento de indivíduos ou comunidades como tradicionalmente importantes, nem sempre há clareza no que quer dizer ser um agente. E com a intensiva busca por meios de compreender o que gira em torno da questão animal, como já abordado, as diferentes áreas que se dispuseram a encarar o desafio ajudaram a trazer questões elucidativas sobre agência animal, como as expostas pela autora.

A agência pode ser encontrada simplesmente na humanidade compartilhada? Consiste na ação autodirigida e no exercício de uma vontade independente? Deve ser encontrada na ação ou na intenção de agir – isto é, pertence ao corpo ou à mente? Dependerá de escolhas racionais – para distinguir claramente os atos intencionais das respostas instintivas? Ou seria mais claro dizer que a agência reside na ação deliberada? Em caso afirmativo, como devem ser entendidas as consequências, falhas ou erros não intencionais? A agência pode ser identificada em cooperação com a autoridade, bem como reconhecida na resistência? (ibid. p.2, tradução nossa)

Os estudos sobre agência foram se expandindo e a partir disso foram desenvolvidas diferentes teorias, como por exemplo a necessidade de focar em ação em vez de abstrações; considerar o impacto do ambiente, levando em conta que não há meios de expressar agência sem atrelá-la ao espaço no qual um indivíduo se insere, considerando contextos físico e social (ibid., p.3), como também a partir de parcerias e fora do binarismo submissão versus resistência (Mahmood, 2001). Nas palavras de Rees, agência pode ser formada por uma parceria entre dois ou mais indivíduos, estando eles num processo de compartilhamento de vontades e intenção de permanecer numa mesma direção, tendo a mesma linha de chegada ou não. Porém, “essas

parcerias”, ela diz, “também levantam potenciais ambivalências entre a intenção, o treino e o instinto dos animais” (2017, p.3, tradução nossa).

Voltando a Scott, é no mínimo interessante o modo como a autora segue sua argumentação mencionando diferentes outros animais com os quais conviveu ao longo das suas pesquisas. Esses animais para ela não são grandes exemplos de agentes porque em meio às suas apresentações não havia espaço para que tivessem posturas que fugissem das pré-determinadas nos seus treinamentos. Em outras palavras, para ela esses animais eram comandados por humanos porque seus comportamentos não ultrapassavam o que havia sido ensinado anteriormente às suas apresentações. A agência animal, para Scott, como na citação, é acima de tudo um *esforço*. No caso, esforço para ir além de uma dita coerção humana: agir de modo imprevisível, romper uma fronteira estabelecida sem sua escolha, mostrar poder - assim como Secretariat. Enquanto animais seguirem o que foi interpretado como *imposto*, tudo girará em torno de ação ou reação, ou seja, algo que para ela é insuficiente para configurar agência.

Inevitavelmente surge à mente a discussão da autora Vinciane Despret<sup>21</sup> sobre a ideia de atrelar a agência animal a uma concepção que exclui a disposição animal em meio a atividades que dele já eram esperadas. Despret questiona até que ponto é válida a concepção que reduz agência a atitudes explícitas de recusa, de resistência, de protesto, enquanto as ações realizadas por esses seres, quando partidas da relação estabelecida com humanos, são encaradas como submissão e por isso excluídas do que pode atribuir aos primeiros o papel de agentes. A questão é que a autora se distancia de definições mais firmadas de agência que partem de uma noção de intencionalidade, como algo premeditado, racional, uma experiência subjetiva e intenção autônoma (2013, p.29). Ela explica que muitos intelectuais que estudam sobre animais passaram a produzir suas respectivas pesquisas tentando enxergar esses seres a partir de seus próprios pontos de vista, encarando-os de forma mais ampla, compreendendo mais a fundo o que importa para eles. Dessa forma, se tornou possível reconhecer neles interesses, desejos, preferências, intenções etc. Mas essa conceitualização não é tão simples. Como já afirmado, é algo vasto, questionável, que demanda constantes diálogos interdisciplinares para um refinamento, se podemos dizer assim, do seu escopo.

O que melhor cabe na discussão aqui proposta é o intuito de entender a agência para além de definições reduzidas que desconsideram o largo campo de capacidades de agenciamento presentes em cada relação interespecie. Isto é, reconhecer que atribuir a um ser

---

<sup>21</sup> DESPRET, Vinciane. 2013. From secret agents to interagency. *History and Theory*, Vol. 52. p.29 - 44.

o papel de agente vai além de classificações definidas a partir de claros sinais de resistência, de atividade visível, da escolha de ir contra o que foi determinado pelo outro. Se trouxermos novamente o exemplo de Scott e sua pesquisa sobre performance animal, podemos dizer que partir do pressuposto de uma falta de agência nos cavalos – ou cachorros, porcos, quais forem os seres estudados pela autora – pelo fato de seguirem os passos e as determinações definidas pelos seus treinadores ou cavaleiros pode levar ao engano de só considerá-los enquanto dotados de vontade e ações próprias quando há descompasso, um agir para além do que foi treinado. Seguindo a argumentação de Despret, quando um animal é visto fazendo exatamente o trabalho que a ele foi ensinado, isso não desperta a atenção de quem o observa, justamente porque as ações dos animais estão dentro do que já era esperado. Cooperação animal é vista como fruto de uma exigência humana, logo, esses animais são vistos nesse contexto como incapazes de livre arbítrio (Scott, 2009). O trabalho animal só se torna visível se em meio à sua atividade houver algum sinal de resistência, desobediência, teimosia. (Despret, 2013, p.42).

É mais fácil, portanto, excluir desses animais sua faculdade quando sua disposição para assumir determinado trabalho é ofuscada pela nossa pré-noção de uma conformidade imposta. Essa facilidade nos induz ao erro ao desconsiderar que seguir os passos de um treinamento prévio, por exemplo, pode também significar agir de acordo com a própria vontade. Quando esses animais são inseridos nos treinos que os levarão às competições de Turfe, é construída uma conexão entre treinador e/ou cavaleiro e cavalo que pode resultar em uma cooperação. O cavalo pode *escolher* cooperar e se inserir naquele contexto a partir de uma confiança estabelecida entre os seres presentes naquela troca de saberes, interesses e expectativas. Para Despret, o agir conecta e articula narrativas, seres de diferentes espécies e contextos, e não há agência sem agenciamento, que é para ela uma relação de forças entre seres que afetam e são afetados, que são capazes de tornar outros seres igualmente capazes. Essa força recai em induzir, incitar, inspirar, instigar, cativar, ao mesmo tempo em que se é induzido, inspirado, instigado, cativado etc. (idem, p.38).

Destarte, podemos nos distanciar da linha de argumentação que exige do animal em meio a um trabalho ou performance reações inesperadas para que nele possa ser reconhecido o papel de agente, assim alongando a discussão de modo que abarque outros modos de agir que partam principalmente de um elo estabelecido entre os seres dispostos ao estabelecimento de um vínculo propriamente dito. Diferentemente do que é determinado por Scott que reconhece a consciência dos animais envolvidos em competições em relação aos seus próprios comportamentos e, ao mesmo tempo, desconhece sua capacidade de realizar escolhas em meio às suas performances, dada a certeza de que a permanência deles ali é unicamente por

interferência e determinação humana, podemos seguir uma linha de raciocínio que reconhece a capacidade animal de fazer escolhas para além do que é pré-determinado pelas noções de atividade e passividade, e também entende que o conceito de agência pode ir além da independência, como afirma Despret. Para ela, a questão não é procurar existências independentes e sim investigar os modos pelos quais um ser depende de outros, já que para ser agente é necessária essa dependência em um ir e vir que resulta em novos meios de afetar e ser afetado. Sendo assim,

não precisamos, portanto, pensar em quem é agente e quem não é, quem é ativo e quem é passivo, quem é autônomo e quem é submisso, mas em processos ativos de sintonização que nunca são definidos de uma vez por todas e em que a distribuição de atividade e passividade não é claramente demarcada, pois, como argumenta Despret (2013)<sup>22</sup>, se um dos participantes no jogo pode induzir, estimular, provocar o outro a fazer coisas, ele encontra correspondência na capacidade do outro em ser induzido, estimulado, provocado, sem que tenha plena clareza sobre quem começou a ação. (Souza e Rabelo, 2018, p.131)

## 2.2 DOMESTICAÇÃO RECONSIDERADA

Se a pergunta sobre o que é agência resulta numa leva de questionamentos e de definições para lá de divergentes entre si, os debates sobre o que envolve domesticação não ficam muito para trás, principalmente quando focamos nas mudanças nas análises sobre o tema. Discutir domesticação em meio às exigências por áreas de estudo que contemplem a consciência e a ação animal em vez de um apego à ideia de dominação torna tudo ainda mais instigante e envolvente. A ambiguidade presente no termo garante um vasto campo de trabalhos sobre tal fenômeno, provando que não se trata de um conceito simples de ser analisado. Inclusive, é Sautchuk (2018, p.87) quem afirma que a importância desse termo na antropologia se dá pela característica maleável do seu uso, possibilitando assim que não seja reduzido a algumas poucas e similares correntes de pensamento, o que para ele resultaria em uma grande perda para essa ciência social, pois é a partir dessa ambiguidade e das oposições nascidas das diferentes aplicações do termo que o discurso se renova, seja a partir de análises sobre o passado ou do apego às contribuições e práticas mais contemporâneas.

Como afirma Russel (2007), domesticação é um termo difícil de ser definido, considerando que envolve processos biológicos e social, tanto de mudanças a nível de

---

<sup>22</sup> DESPRET, Vinciane. From secret agents to interagency. *History and Theory*, Vol. 52. 2013. p.29 - 44

organismo quanto a nível cultural, tanto em não-humanos quanto humanos. Para além disso, as relações incluídas entre humanos e as mais diferentes espécies de animais são tão diversas que não teriam como ser abarcadas em concepções mais restritas. Portanto, configura um problema buscar encaixar em definições como “selvagem” e “doméstico” sendo que talvez fosse mais proveitoso, como afirma a autora, pensar tais relações como um espectro de diferentes tipos. Desse modo, não haveria a necessidade de tentar assumir que determinada relação construída seria com um animal doméstico ou um selvagem. Russel exemplifica trazendo à discussão os *pets*. Relembrando meu último trabalho sobre aves de rapina criadas em casa como *pets* (Santos, 2019), a fala da autora se mostra bastante útil: sendo essas aves consideradas selvagens, ainda assim podem se inserir em ambientes humanos após um processo de construção de relação de confiança e aprendizados mútuos.

Como o próprio Sautchuk explica, embora grande parte do campo antropológico tenha deixado de lado por algumas décadas a oportunidade de debater a pluralidade desse tema, uma outra foi no sentido oposto. A arqueologia, por exemplo, assumiu um enfoque que será destrinchado aqui: o da domesticação como “mais processual”, “qualificada como gradual, reversível, múltipla, mútua, não intencional e imprevista” (Lien, 2013, p.13 apud Sautchuk, 2018 p.88). Essa argumentação se distancia da que defende o processo como algo que parte do controle humano e resulta na transformação dos animais em propriedade (Cassidy, 2007, p.2). Partindo da ideia do processo como mútuo, é possível afastar-se da concepção que reduz a domesticação a uma exploração de animais por seres humanos para assim aproximar-se da perspectiva que a contempla como o resultado de relações correspondentes, recíprocas, que afetam os dois lados envolvidos. Para chegar a esse ponto da discussão, talvez seja interessante abordar as origens dela.

De acordo com Lien et. al logo na introdução de *Domestication Gone Wild* (2018), as ideias de civilização e progresso não podem ser separadas da noção da relação que seres humanos estabeleceram com animais e plantas ao longo do tempo. Segundo as autoras, conforme foi estabelecido historicamente, a civilização teve início com a alteração em certas práticas: da caça à pecuária, da coleta ao cultivo. O período-chave na solidificação de uma transição civilizatória se deu no momento em que seres humanos passaram de uma posição de passividade perante a natureza para uma de agentes transformadores da mesma, exercendo poder sobre ela. O período foi o da Revolução Neolítica, ocorrida no Oriente Médio de dez a doze mil anos. Esse cultivo em expansão a partir da domesticação de animais e plantas acabou por permitir o início de outros processos tais quais conhecemos hoje:

[A domesticação] abriu o caminho para o crescimento da população humana, a divisão do trabalho, a subjugação das mulheres, estratificação social, propriedade privada e formação do Estado. Em suma, a domesticação é enquadrada como aquilo que sustenta um processo aparentemente inevitável, um caminho histórico em direção “ao mundo como o conhecemos”. (idem, p.1, tradução nossa)

O problema dessa abordagem, como as próprias autoras afirmam, é que reforçou binarismos que definiram um mundo desigual que é, de fato, como conhecemos. Há nela a civilização e a barbárie, o domesticado e o selvagem, o progresso e o regresso etc. A nocividade presente nesse modo de contar a história da domesticação reforça o olhar ocidental como o único válido, que “serve para naturalizar e justificar um modo dominante e específico de vida” (ibid.). A força dessa concepção de domesticação recai, segundo a argumentação das autoras e como já percebido, na perpetuação de uma caracterização humana e não-humana hoje hegemônica que desconsidera outros meios de vida. Esmiuçar as diferentes definições desse termo é também pôr em evidência as relações de poder sustentadas e naturalizadas por ele ao longo dos séculos, mas sem desconsiderar sua importância antropológica. Uma das melhores formas de fazer isso é lançar luz às narrativas que contemplam corretamente os seres que são comumente marginalizados em muitos discursos dominantes.

A definição de Juliet Clutton-Brock (2015, p.33) para animal domesticado é “aquele que foi criado em viveiro para fins de lucro econômico em uma comunidade humana que mantém completo domínio sobre sua criação, organização de território e suprimento alimentício”. A autora acredita que domesticação é um processo que é tanto cultural quanto biológico que só pode acontecer quando animais que passaram por esse processo são incorporados em ambientes humanos e transformados em propriedades. Para Lien et al. (2018), domesticação é um processo mútuo, não havendo espaço para colocar o ser humano como “agente de mudança”. Esse processo é, na verdade, produto de uma relação a partir da qual a mudança é impulsionada nos dois – ou mais – lados.

Ingold (1974) já definiu domesticação como a transformação das relações entre humanos e não-humanos a partir da socialização animal num ambiente humano. Para ele, animais que passaram pelo processo de domesticação podem ser considerados como membros da sociedade, tendo então mais contatos com a espécie humana do que com a sua própria. Porém, no desenvolvimento dessa análise, somente a relação de humanos com animais virava narrativa, não o contrário. E as alterações nessas relações, operadas pela domesticação, acabam por modificar também o ser humano enquanto ser social, pois “o domínio no qual humanos estão envolvidos sob o aspecto de seres sociais, ao se relacionarem entre si, não pode ser

rigidamente separado do domínio do seu envolvimento com elementos não-humanos presentes no ambiente” (Ingold, 2000, p. 61, tradução nossa).

Partindo de um olhar semelhante, Despret (2004) encara a domesticação afastada de uma concepção de dominação e próxima de uma ideia de relação feita de “expectativas, fé, crença, confiança”. Para ela, essa é a essência do que estamos abordando aqui, e tem como base as práticas que impulsionam novas identidades e novos comportamentos, em ambos os lados. Podemos dizer, por exemplo, seguindo o ponto de vista da autora, que no treinamento de uma rapinante a ave e a pessoa falcoeira que a acompanha propõem um a outra um novo modo de *tornar-se*: constroem novas identidades a partir do ato de confiar na relação que ali foi estabelecida. A ave permite à falcoeira o “ser uma boa treinadora” e a falcoeira dá à ave a chance de desenvolver novas formas de “estar com uma humana” (idem, p.122). A crença na capacidade mútua de transformação em meio ao elo ali estabelecido possibilita que estejam disponíveis uma para a outra. Essencialmente, para Despret, a domesticação parte mais de uma ideia de reciprocidade do que de uma sobreposição humana.

Sara Asu Schroer em seu artigo *Breeding with Birds of Prey* (2018) traz esses animais, as aves de rapina, como seres que ao longo do tempo resistiram à definição tradicional de domesticação justamente pela sua também resistência à reprodução controlada por humanos. O contraste fica ainda mais evidente quando comparadas a outras espécies que mais facilmente se encaixariam no que o termo circunscreve. A autora explica que o comportamento territorialista e por vezes mais hostil que é direcionado aos seus parceiros de reprodução fez com que tornasse ainda mais difícil a reprodução dessas aves quando controlada em ambientes desenvolvidos por seres humanos. Todavia, no final do século XX essa reprodução se tornou uma realidade, sendo a partir de inseminação artificial ou “naturalmente”<sup>23</sup>. O intuito de Schroer é discutir a noção de controle sobre produção a partir de concepções clássicas de domesticação para poder introduzir um novo panorama. A autora reitera o que foi afirmado por Despret e exposto aqui sobre a domesticação enquanto prática transformadora para todos os sujeitos envolvidos para apresentar sua própria argumentação: reprodução em viveiro de aves de rapina não corresponde à concepção clássica de domesticação porque embora as afete significativamente, isso não acontece de modo irreversivelmente, ou negativamente, no sentido de tirar delas agência, tampouco as coloca como privadas de vontades próprias.

Como Schroer explica, aves são seres que possuem suas próprias vontades, seus desejos e regras de conduta (2018, p.34), então há a necessidade de uma negociação contínua entre elas

---

<sup>23</sup> Esse tipo de reprodução é abordado com mais detalhes nos próximos capítulos.

e seus criadores para que a relação permaneça sólida. Importante dizer que essa negociação constante em meio ao período de reprodução se assemelha ao que acontece em meio à prática de falcoaria, assunto a ser abordado nos próximos capítulos. Embora a falcoaria não seja comumente considerada como parte integrada do conjunto de relações que fazem parte do que é designado como domesticação,

(...) as relações dinâmicas presentes na falcoaria não se ajustam facilmente nas rígidas categorias de *wild* e *tame*<sup>24</sup>, tampouco se encaixam nas narrativas sobre superioridade humana, dominação e controle. Na falcoaria, humanos e aves de rapina aprenderem a cooperar entre si em meio à caça. A prática envolve métodos e técnicas próprios da falcoaria e envolve processos de *taming* e treinamento (...). O lado selvagem de aves de rapina não é entendido como algo a ser contestado ou superado, e sim como algo que falcoeiros apreciam e se esforçam para se aproximarem. Contrastando com outras relações entre humanos e animais não-humanos nas quais reprodução assistida leva ao desenvolvimento de raças de animais que em alguns casos são consideradas superiores às selvagens, na falcoaria essa ânsia pelo desenvolvimento de espécies de aves a partir da interferência humana não se torna dominante. (idem, 2018, p.35, tradução nossa)

Uma das consequências mais interessantes na abordagem dessa realidade da falcoaria, especificamente no convívio entre ave e humano, seja através da reprodução controlada ou do treino ou caça, é que ela desafia as definições ainda reproduzidas que colocam a relação estabelecida entre humanos e não-humanos como *inquestionavelmente* construídas com base na autoridade humana. A falcoaria como um todo desafia essa abordagem ao não ser considerada nessas concepções tão generalizantes – ao ponto de tais concepções não terem força para capturar as especificidades das aves domesticadas, como afirma Schroer. Não há nenhum outro modo de construir uma relação com tais aves que não seja partindo de um esforço mútuo em prol de um desejo em comum, tudo a partir de regras comunicadas por ambos para que essas interações sejam asseguradas. Caso os seres envolvidos não estejam na mesma página, por assim dizer, os contatos terão que ser interrompidos porque não houve um acordo. Esse acordo só pode ser garantido a partir de um elo criado pela confiança estabelecida.

Trazendo mais uma vez Schroer, ela explica que as noções de domínio e controle têm que ser entendidas nas suas diferentes aplicações, pois não são simplesmente humanas e unidirecionais. Claro, se o viveiro é o único meio de estabelecimento da relação entre ave e humano, nesse contexto, a reprodução assistida é de certa forma desigual, contudo, os criadores reconhecem que o modo de agir das aves configura essas relações, ou seja, os humanos não

---

<sup>24</sup> Wild pode ser traduzido para selvagem facilmente, porém, *tame* tem uma tradução mais complexa, por isso a tradução da palavra não foi feita. A título de informação, Sautchuk (2018, p.98) define *taming* como doma: “significa familiarizar o animal, aproximando-o do convívio humano, não necessariamente como propriedade”.

assumem o estabelecimento de regras; eles seguem muito do que é determinado pelas rapinantes. Podemos dizer que nesse ponto nem mesmo Scott negaria a agência das aves.

Essas observações nos levam à realização de que domesticação não deveria ser entendida como um conceito universal e monolítico, e sim uma gama de práticas interespecies que são dinâmicas e temporais. Descrever as múltiplas relações envolvidas em contextos de domesticação permite aprender sobre modos de sociabilidade mais do que humana de acordo como estão constituídas na vida cotidiana dos humanos e de outros seres vivos. (Schroer, 2018, p.47)

Sendo assim, é interessante reconhecer que a domesticação pode ser entendida para além de relações configuradas coercitivamente, rompendo com a objetificação animal e encarando novos meios de abordá-la para além de definições datadas e de binarismos que não enquadram algumas realidades que são de extrema importância na composição dos estudos sobre animais. E, falando especificamente de rapinantes e das relações desenvolvidas entre elas e humanos, considerar a inserção desse campo de estudos no guarda-chuva da domesticação é entender que há a possibilidade de domesticar animais num processo que é mútuo e, também, adentrar num universo no qual as relações interespecies estabelecidas não são hierarquicamente construídas, havendo uma coparticipação nas diversas etapas de aprendizado que compõem a relação entre falcoeiro e ave. Não há como falar de falcoaria e de ave domesticada sem considerar que muito do que é realizado é alcançado pelo respeito aos interesses desse animal, de modo que a sobreposição das vontades de um falcoeiro ou criador só resultaria em fracasso. Veremos mais sobre isso nos próximos capítulos.

### 3 FALCOARIA ONTEM E HOJE

*Hawks were the nobility of the air, ruled by the eagle. They were the only creatures for which man had troubled to legislate.*

T.H. White

Se no último capítulo o intuito foi abordar análises sobre o animal nas ciências sociais, esmiuçando alguns conceitos e apresentando novas concepções que diversificam discussões sobre o tema, o próximo passo é, então, adentrar no universo da falcoaria e fazer da apresentação da sua história e da sua contemporaneidade um meio de pensar tanto sobre essa relação interespecífica como também sobre um dos lados dessa parceria: a ave de rapina.

Lendo relatos de alguns falcoeiros, um tipo de comentário que se destacou foi o que trouxe a conexão que eles sentem ao passado no simples ato de pôr uma rapinante no punho. Isso acontece por alguns motivos. O primeiro é que em tais aves não houve nenhuma mudança biológica que as separasse das que foram treinadas décadas ou séculos atrás. O segundo motivo é que a falcoaria, embora conte na contemporaneidade com certas modificações que atualizam a sua prática, ainda tem na sua execução ferramentas e tratos que vêm sendo usados desde o seu início. Não é incomum um falcoeiro iniciante se voltar para escritos antigos na busca por desenvolver algumas habilidades específicas para que a relação estabelecida entre ele e a ave seja cada vez mais aprimorada, fazendo com que o vínculo com o passado siga firme, ainda que essa relação em si tenha seja constituída também por aspectos atuais. A própria Helen Macdonald traz esse elo com o passado numa passagem do seu livro.

Rapinantes treinadas têm a habilidade peculiar de evocar a história porque elas são, de certa forma, imortais. Embora aves individuais de diferentes espécies morram, as espécies permanecem imutáveis. Não há raças ou variedade porque elas nunca foram domesticadas. As que treinamos hoje são idênticas às de cinco mil anos atrás. Civilizações surgem e acabam, porém, as rapinantes permanecem iguais. Isto faz com que as aves de falcoaria pareçam relíquias de um passado distante. Você coloca uma rapinante no punho e imagina um falcoeiro antigo fazendo o mesmo. É difícil não sentir que é o mesmo animal. (2014, p.116, tradução nossa)

A falcoaria é uma prática tradicional e milenar de treinamento e voo de rapinantes que tem sua origem incerta, mas com permanência, ainda que oscilante por um período de tempo, e adaptações em meio a avanços tecnológicos. Se originalmente era um meio de obtenção de alimentos (Khalaf, 2009, p.309), aos poucos foi se reconfigurando e sendo adaptada aos mais diferentes contextos. Trata-se de uma prática que em meio às suas renovações segue agregando pessoas interessadas no contato constante com tais aves e os impactos positivos do seu

treinamento, tanto no que diz respeito especificamente à relação construída entre falcoeiro e ave quanto às comunidades nas quais há a sua execução, considerando seu uso no controle de fauna e conservação das próprias aves, como também na zooterapia e na educação ambiental<sup>25</sup> (Callado, 2014).

A partir de 2016, a falcoaria se tornou Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade pela UNESCO ao ser considerada uma prática social e recreativa que é um símbolo cultural em diferentes países. Ela é também é um bom exemplo de uma associação muito antiga e estável entre humanos e não-humanos, levando em conta que existe há mais de cinco mil anos. Segundo a Organização citada, a importância da falcoaria reside também no fato de ser uma arte transmitida de geração a geração, seja a partir de vínculos familiares ou em clubes voltados para a prática, e preenchida por falcoeiros de diferentes origens, partes de diferentes culturas, mas que compartilham princípios similares e o apego à tradição<sup>26</sup>.

Segundo Łukaszyk (2012), ao se tornar um patrimônio cultural, a falcoaria trouxe à tona uma provável consciência coletiva em expansão sobre como tradições vivas constroem e moldam comunidades que podem obter de tais tradições novos sentidos para suas existências a partir da identificação com uma grande extensão de valores. Segundo a autora, essa atividade não é um simples conjunto de técnicas ou ferramentas usadas para domesticar uma ave de rapina. É um *estado de espírito* (ibid., p.39). Não se reduz aos ganhos que historicamente explicavam e explicam a permanência da prática, tampouco às etapas técnicas às quais a falcoaria pode ser erroneamente limitada. Para a autora, é, na verdade, algo que construiu um legado significativo, transmitido por milhares de anos e que permanecerá sendo via de difusão de valores e conhecimento para as gerações futuras.

Outro ponto importante abordado pela autora e que vale a menção é que ela classifica a falcoaria como algo paradoxal: ao mesmo tempo que pode ser uma prática consideravelmente individual, permite e impulsiona a construção de uma coletividade composta por seres que têm o mesmo propósito e um olhar similar sobre a prática, como anteriormente mencionado. Diferentemente do que ocorria séculos atrás e que fazia dessa prática algo que determina e reafirma uma alta posição social – como veremos a seguir -, hoje é praticada por diferentes grupos que, como a autora afirma, “ultrapassam fronteiras e habituais limites de classes sociais,

---

<sup>25</sup> Há falcoeiros que utilizam suas aves em processos de terapia de pessoas com deficiências ou no espectro autista, como também em projetos que visam a construção ou fortalecimento de uma consciência ambiental em jovens. Ver mais numa matéria lançada pelo BBC Brasil em 2019: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-50522882>> Acesso em: 20 de outubro de 2023.

<sup>26</sup> Ver mais em: <<https://ich.unesco.org/en/RL/falconry-a-living-human-heritage-01708>> Acesso em: 20 de outubro de 2023.

etnias, diferenças de credo ou ideologia” (ibid., 40, tradução nossa). De fato, como percebido a partir das entrevistas realizadas com falcoeiros e falcoeiras no início da minha pesquisa sobre as relações estabelecidas na prática da falcoaria, embora fossem pertencentes a diferentes estados e a diferentes grupos sociais, havia um denominador comum, por assim dizer, e que é de fácil dedução, que os mantinha unidos: o universo das rapinantes. A parceria entre eles era forte, e nesses momentos de diálogos entre nós sempre surgia algum tipo de relato que fortalecia não só a ideia de uma intensa troca de saberes entre eles, como também uma gratidão pela possibilidade desse canal aberto entre interessados por aves de rapina e por toda a bagagem cultural que integra a falcoaria.

Da antiguidade à contemporaneidade, a beleza dessas aves e seus hábitos fizeram com que diferentes pessoas se tornassem entusiastas dessa arte em todos os seus aspectos mais empolgantes e também difíceis. O adquirir a ave, o tê-la por perto e também o fazê-la voar em liberdade, mesmo em meio às frustrações inerentes ao treinamento, decerto unem não só interessados ao redor do mundo como desenvolve essa conexão com aqueles que também se dispuseram a traçar esse percurso no passado. Para compreender mais facilmente o que é a falcoaria hoje, é essencial inicialmente introduzir essas aves e logo em seguida apresentar ou retornar aos escritos que relatam, na medida do possível, de quais formas essa prática se construiu e reconstruiu no decorrer da história. Importante salientar que o destaque aqui dado será à falcoaria como desenvolvida na Grã-Bretanha, não só por ser predominante na literatura encontrada como também e principalmente por ser o berço onde se desenvolve a história principal relatada neste trabalho: a de Mabel e Helen Macdonald.

### 3.1 RAPINANTES

O que é uma rapinante? Embora essa palavra não seja incomum, tampouco “aves de rapina”, a resposta não é tão óbvia principalmente por abarcar diferentes espécies. Rapinantes são definidas de modo generalizante como “Partes de numerosas aves carnívoras que caçam e matam outros animais”. Para Frost (2006, p.6), autor que traz essa definição, ela é um pouco rasa considerando as aves carnívoras que caçam mas não são de rapina. O que pode diferenciar de modo mais acurado estas de outras é o método utilizado para que obtenham e matem suas presas: muitas delas usam suas garras, enquanto outras aves carnívoras usam seus bicos. Uma outra definição popular é *raptor*, também considerada pelo autor, embora ele reconheça o risco

de deixar de fora espécies que podem não ser contempladas por terminologias como essa. Raptores se adaptam à caça de animais menores do que eles, sejam mamíferos, anfíbios, répteis, peixes, insetos etc., dependendo da espécie do raptor.

Segundo Bodio (2015, p.15), há características que todas as rapinantes compartilham: seus olhos pesam mais do que o cérebro. Cada um dos olhos possui duas fóveas<sup>27</sup>, enquanto os olhos humanos possuem somente uma. O que isso pode significar? Uma fóvea pode estar adaptada à busca e a outra à perseguição. Tais aves possuem uma capacidade fantástica de notar detalhes à sua volta que fugiriam aos olhos humanos, assim como conseguem enxergar num campo muito mais aberto que o nosso, considerada a sua visão binocular. Para além disso, são sexualmente dimórficas, o que significa que machos e fêmeas têm diferenças acentuadas no que diz respeito aos seus tamanhos: fêmeas são maiores do que os machos. Elas também são mais agressivas na caça, o que faz dessa diferença na habilidade de conseguir presas algo determinante para que sejam as mais escolhidas na prática da falcoaria (Venable, 1996, p.1). Por esse motivo, em muitos escritos é comum falcoeiros se referirem a uma determinada rapinante como she/ela e não he/ele.

Há mais de 300 diferentes espécies de raptores diurnos e mais de 200 corujas<sup>28</sup> (ibid.). Não há um número exato por conta das diferentes classificações feitas por especialistas entre espécies e subespécies. Esse grupo total é composto pelas ordens *Falconidae* (falcões e carcarás), *Pandionidae* (águia pescadora), *Titonidae* (corujas suindaras), *Strigidae* (demais corujas), *Cathartidae* (urubus<sup>29</sup> e condores) e *Accipitridae* (águias, gaviões e abutres)<sup>30</sup>, segundo Vianna (2019, p.87). Identificar tais aves pode ser uma tarefa difícil. Para fazê-lo, é necessário especificar partes do corpo, como formato do bico, das penas, cauda, cor da pelagem etc., como o fato de serem machos ou fêmeas, adulto ou filhote, assim como também o local onde são vistas e as características mais ligadas aos seus comportamentos. Às vezes é fácil

---

<sup>27</sup> Fóvea é uma área que está localizada na retina, na região posterior do olho, e é responsável tanto pela visão central quanto pela aguda.

<sup>28</sup> A título de curiosidade, há cerca de 100 espécies de rapinantes no Brasil. 50 Accipitriformes, 21 Falconiformes, 23 Strigiformes e 6 Cathartiformes. Para mais informações, ver em: <[www.avesderapinabrasil.com](http://www.avesderapinabrasil.com)>

<sup>29</sup> A inclusão de urubus (apontado por alguns como também *abutres do novo mundo*) no grande grupo das rapinantes levanta diversas discussões entre especialistas. Eles têm como área de incidência o continente americano e, diferentemente de outras aves de rapina, não possuem bicos e garras com tamanha força, tampouco são caçadores. Se alimentam de seres já mortos. Porém, segundo Menq (2016), dispõem de aspectos semelhantes a tal grupo: têm visão apropriada, enxergando mesmo à distância o seu alvo, como também boa audição e capacidade de voo considerável.

<sup>30</sup> Vale destacar que não cabe a este trabalho focar na taxonomia, nas diferentes abordagens e atualizações sobre tais divisões, apenas num panorama geral encontrado em escritos de diferentes autores, com o intuito de esclarecer quais são essas aves e assim contribuir para o entendimento da sua história. Para aprender mais sobre as identificações de tais aves, junto a ilustrações interessantes, ver mais em *Birds of Prey* de Norma Jean Venable (1996) e *Raptors of the world* de James Ferguson-Lees e David A. Christie (2001).

confundi-las, como no caso das semelhanças entre o gavião-da-europa (figura 1) e o açor (figura 2), como sinaliza Helen Macdonald no principal livro estudado nesta dissertação. A única grande diferença física entre o primeiro e o segundo é que este último é maior. Embora seja apenas um caso em meio a tantas espécies, é interessante ver a partir de imagens um exemplo claro das similaridades físicas existentes entre tais aves e como podem não refletir em outros aspectos definidores delas.

(...) Esse é o gavião-da-europa. É cinzento, com a frente listrada em branco e preto, olhos amarelos e uma longa cauda. O açor é parecido com ele. Também é cinzento, com a frente listrada em preto e branco, olhos amarelos e uma cauda longa. Você pensa: *Humm.* (...) Parecem idênticos. Açores são maiores, só isso. Apenas maiores. Não. Na vida real, açores se assemelham aos gaviões-da-europa da mesma proporção que leopardos se parecem com gatos domésticos. Maiores, sim. Mas também mais corpulentos, mais sanguinários, mais letais (...) e muito mais difíceis de encontrar. (Macdonald, 2016, p.12)



Figura 1 - Gavião-da europa.  
Foto por Han Bouwmeester/ [www.agami.nl](http://www.agami.nl)



Figura 2 - Açor. Foto por Chris van  
Rijswijk/ [www.agami.nl](http://www.agami.nl)

Sarasola, Grande e Negro (2018) explicam que aves de rapina são vulneráveis a transformações ambientais, tendo elas lidado em diferentes momentos com os impactos de alterações em seus habitats causados por seres humanos. Estudos sobre biodiversidade apontam os danos provocados em larga escala por tais mudanças, alertando sobre os impactos que já foram sentidos e os que virão a ser, e aves de rapina não deixam de seguir sendo ainda potenciais alvos dessas ocorrências. Porém, mesmo em meio às crises, a tecnologia que já gerou riscos para essas aves, como veremos a seguir, permitiu o desenvolvimento de diferentes instrumentos para aprimorar as medidas aplicadas nos processos de conservação delas.

É essencial haver uma observação das espécies em suas áreas de incidência ou em seus destinos pós-migração para ser possível, através do controle dos números de pares existentes, chegar a uma média de indivíduos e assim determinar a necessidade ou não de intensificar medidas de proteção. Os estudos sobre rotas migratórias, como afirmam Ferguson-Lees e Christie (2001), trouxeram à tona pontos essenciais para essa conservação. Contar anualmente números de rapinantes é contribuir para a ampliação de dados sobre tais aves e permitir a análise das antigas e novas populações. Um dos exemplos dessa prática de controle populacional é o anilhamento, principalmente em espécies que ao menos já correram risco de extinção em alguns territórios, como é o caso dos açores na Grã-Bretanha. Outras ações para a sua conservação são criação em viveiro e soltura, como medida de ampliação populacional, educação ambiental e incentivo à falcoaria, inclusive para que não se repita o quadro de ameaça à integridade dessas aves, como começou a ocorrer há alguns séculos.

### 3.2 RAÍZES DE UMA ARTE MILENAR

Há uma desconformidade entre os escritos sobre o início da falcoaria, tanto nos seus aspectos geográficos quanto temporais (Epstein, 1943; Callado, 2014; Schroer, 2014). Contudo, como afirma Schroer, há uma certa concordância sobre a possibilidade de ter se desenvolvido inicialmente no norte do Mar Cáspio que fica ao leste das montanhas do Cáucaso e ao oeste da Ásia Central (2014), há cerca de cinco mil anos (Sarasola, Grande e Negro, 2018).

Com o tempo, a falcoaria conquistou China, Japão, Índia, Europa e África do Norte. Em alguns países europeus, a falcoaria era um *hobby* bastante comum da elite na Idade Média. Do século V em diante houve o surgimento de evidências que apontam para a prática da falcoaria na Europa Ocidental, e esse marco foi definido por diferentes mosaicos que traziam tal prática como provavelmente comum na época. Esses mosaicos foram feitos nos territórios pertencentes ao Império Bizantino e nas suas áreas de influência. Para alguns estudiosos, trata-se de uma prova que o Império possibilitou uma ampliação considerável da falcoaria.

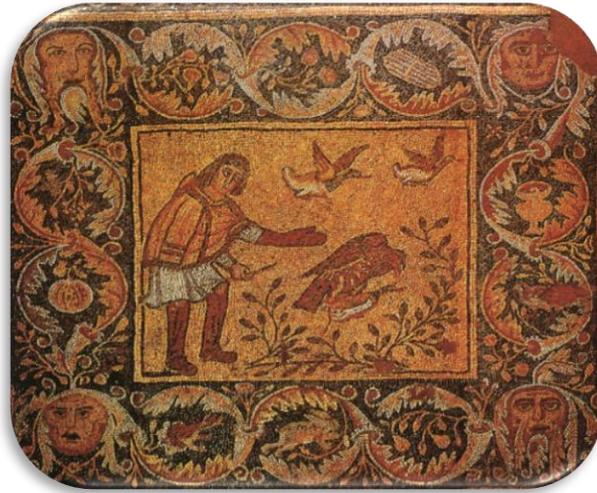


Figura 3. Fonte: The Archives of Falconry

Segundo Callado (2014), pouco tempo depois as pessoas praticantes da falcoaria já ultrapassavam os limites da elite: entre elas havia os camponeses, sendo que esses últimos praticavam para a obtenção de alimentos com os animais perdidos capturados por eles, enquanto a realeza o fazia como um tipo de esporte e interação com outras pessoas pertencentes ao seu grupo social. Ainda que houvesse a participação de camponeses, a elite era predominante na falcoaria. A dificuldade em obter as aves, o custo dessa obtenção, a facilidade em perdê-las - fosse pelas doenças que as acometiam ou pelo simples fato de não retornarem aos humanos que as adquiriam - e a necessidade de realizar novos gastos com a compra de outras resultavam num quadro de prática do esporte que contemplava quase inteiramente grupos sociais afluentes. Em outras palavras, era um passatempo pouco acessível. *Falcons e hawks* eram tirados direto de seus ninhos para que fossem repassados como presentes ou simplesmente comprados. A falcoaria atingiu seu ponto máximo, por assim dizer, em meio ao reinado do Rei Edward I (1272 – 1307 d.C.), algo evidenciado nos escritos, graças aos crescentes investimentos em aves na época e no que era necessário para seu uso em caças (Schroer, 2014, p.46). A popularidade da falcoaria permaneceu até o século XVII, em meio aos grandes eventos organizados pela realeza e às caças que serviam de entretenimento, tendo sempre profissionais falcoeiros contratados para que permanecessem a serviço da aristocracia (ibid.). O que acontece é que a realeza não era famosa por treinar suas aves. Na verdade, poucos eram aqueles que de fato sabiam treiná-las. Os profissionais que eram contratados cuidavam das etapas necessárias para que a da caça fosse alcançada com êxito (Oggins, 2004, p.111).

As evidências desse esporte se mostram mais fortes a partir do século XI, no início da Baixa Idade Média. Como afirma Oggins (2004, p.109), a falcoaria era tão marcante entre pessoas da classe alta que havia poleiros para as rapinantes nos quartos de seus praticantes e representações das aves nas ruas, além do hoje curioso costume de ir até mesmo a igrejas com uma rapinante em punho. Basicamente, havia um alto grau de familiaridade com essas aves, de modo que a sua presença em alguns locais não despertava estranhamento<sup>31</sup>. Era uma marca de prestígio social que aumentava de acordo com o valor gasto para a obtenção da ave para a caça. Algo curioso é que embora rapinantes fossem vistas acima de tudo como criaturas selvagens, elas recebiam nomes e eram reconhecidas pelas suas habilidades individuais de voo (Schroer, 2014, p.47). Se interessar por elas era um traço distintivo de quem tinha “*sangue azul*”:

Para a realeza, a falcoaria era considerada uma parte importante da sua educação, assim como outras habilidades de cavaleiro como equitação, natação, tiro com arco, xadrez e escrita de poesias. A prática não era reservada a homens, sendo aberta também para mulheres. A partir do século XII, representações de mulheres nobres segurando *falcons* ou *hawks* tornam-se um motivo frequente na arte medieval. No final da Idade Média, a falcoaria já não era apenas uma atividade de elite e parece ter sido conhecida e provavelmente praticada por clérigos, comerciantes e outros. Com o desenvolvimento dos manuais de falcoaria da imprensa se tornou mais acessível a um público maior. (ibid., p.48, tradução e grifos nossos)

Rapinantes eram de fato bastante caras. Como afirma o autor Oggins (2004), no século VI, a recompensa por roubar uma ave era maior do que por roubar uma pessoa escravizada. No século X, falcões passaram a fazer parte dos tributos reais. No século XIII, ao menos na Inglaterra, algumas aves podiam custar cerca de metade do que um cavaleiro recebia por ano! Considerando o tempo que deveria ser dedicado à ave, não havia – e, para muitos, ainda não há – como ser falcoeiro por parte do tempo. É uma atividade que consome muitas horas, o que dificulta o apego a qualquer outra. Não havia praticidade na escolha por seguir nesse esporte, então, ou a pessoa se dedicava inteiramente ou tinha dinheiro suficiente para contratar alguém que assumisse esse posto. A ideia na época era não se preocupar com o que era caçado pela rapinante e sim ter bons falcões, mais bem treinados do que os dos outros e que conseguissem honra e primazia na caça. Para Oggins, “nos termos sociológicos modernos, a falcoaria medieval era quase um exemplo perfeito de consumo notável: era caro, demorado e inútil” (ibid., p.111).

---

<sup>31</sup> Caminhar com um falcão no punho era algo muito comum, principalmente nessa época. O termo utilizado para essa prática é *Carriage*, o que significa sempre ter a ave em punho para ensinar-lhe o que é disciplina. Esse termo está detalhado no capítulo seguinte.

Apesar da fama conquistada pela falcoaria e sua adesão por uma parcela da sociedade, as críticas não eram poucas. Enquanto a nobreza valorizava o status reforçado pela prática, para muitos não só não havia valor como ela era vista como esporte extravagante e uma ferramenta perfeita para insultar os nobres. Era por muitos considerada uma prática de fato frívola, desnecessária. Embora a falcoaria fosse só uma forma de caça, muitos comentários negativos sobre o ato de caçar acabavam por incluí-la. Sendo assim, classificavam-na como atividade de um ser humano indigno, sem controle, apegado a coisas rasas. Em críticas religiosas, a falcoaria era vista como uma tentação diabólica e o carregar um falcão no punho um sinal de caráter duvidoso (ibid., p.132). Porém, a prática alvo desses julgamentos tinha também uma defesa significativa:

A prática da falcoaria permite que nobres e governantes estressados e preocupados com os cuidados do Estado encontrem alívio nos prazeres da caça. Os pobres, assim como os menos nobres, seguindo esta vocação podem obter algumas das necessidades de vida; e ambas as classes encontrarão nas aves manifestações atraentes dos processos da natureza. (Frederick II apud Oggins, 2004, p.127)

O enfraquecimento da falcoaria ocorreu, segundo alguns autores, no final do século XVII (Blaine, 1936; Mellor, 2006; Schroer, 2014). Segundo Schroer, isso se deu provavelmente pela junção de diferentes fatores sociais e ambientais que culminaram na redução ainda maior de praticantes no final do século seguinte, especificamente na Grã-Bretanha. O desenvolvimento econômico e a urbanização fizeram surgir novas atividades, inclusive de caça, que com sua tecnologia acabaram por deixar a falcoaria à margem. Alguns autores apontam a criação da espingarda e a prática da caça a base de tiros com essa arma como um dos fatores determinantes para a mudança no modo como as rapinantes eram percebidas: se o foco agora era na caça com espingarda, as aves de rapina representavam um risco às presas, portanto, se tornaram indesejadas, pragas, sendo assim perseguidas pelos guarda-caças (2014, p.48). Ou seja, essas aves passaram de símbolos da nobreza para malquistas<sup>32</sup>.

---

<sup>32</sup> A própria Helen Macdonald, no primeiro capítulo de *His For Hawk*, explica que os açores (goshawks), tratados desse modo explicitados e perseguidos se tornaram extintos no território britânico. Contudo, o esforço grupal pela preservação de aves e, conseqüentemente, da falcoaria, como veremos, fez dos anos 1960 e 1970 décadas de iniciativas silenciosas porém essenciais para a retomada dos açores como partes desse território. Graças à importação de aves de lugares como Suécia, Alemanha e Finlândia, o cenário se alterou. Como era permitido adquirir uma ave de fora para si se fosse também adquirida uma segunda para libertá-la, essa atitude foi tomada por falcoeiros de diferentes lugares da Grã-Bretanha, resultando, depois de um tempo, em um número próximo a 450 pares de açores. Diante desse fato, Helen afirma: “A existência dessas [450] aves revela como é mentiroso o pensamento de que a vida selvagem é sempre algo intocado por mãos e corações humanos. Ela pode ser resultado de uma ação humana” (2014, p.8, tradução nossa)

Quanto aos fatores ambientais, houve uma alteração significativa nos campos onde falcoeiros treinavam e caçavam com suas rapinantes. Schroer (ibid.) explica que houve drenagem de pântanos – o que reduziu os habitats de presas – e fechamento de alguns campos. Com essas mudanças, houve também uma redução de praticantes e uma procura maior pelas atividades de caça com tiro, corridas de cavalos e pesca. Em meio a esse declínio, foi necessária uma estratégia para que não houvesse riscos do desaparecimento da falcoaria, como afirma Sebright já no século XIX: “Falcoaria, a distração favorita dos nossos ancestrais, está tão em desuso que essa arte corre perigo de ser inteiramente perdida” (ibid., 1826, p.1 apud Mellor, 2006 p.iii, tradução nossa). Mellor (2006) fez da sua tese uma investigação sobre o que causou essa transição e, mais ainda, sobre o que permitiu uma adaptação para assegurar sua sobrevivência. Como o autor afirma, embora a falcoaria seja uma arte mais voltada para o que é tradicional e conservador, em meio às tentativas de sobrevivência se mostrou dotada de um dinamismo essencial para que sua reestruturação resultasse em sua salvação. Segundo a explicação de Grassby, “tradição não se perpetua por conta própria. Cada nova geração tem que ser doutrinada para sustentar qualquer modelo de comportamento social” (1997, p.55 apud Mellor, 2006, p.46, tradução nossa). Em meio a esse declínio, não há documentado nenhum monarca que assumisse a postura de lutar pela permanência do esporte, o que resultou numa luta inteiramente encarada pelos falcoeiros.

Para Mellor, a falcoaria foi o resultado de uma fissura entre ser humano e natureza ocorrido no início da Grã-Bretanha moderna. Segundo o autor, aos poucos o ser humano foi visivelmente se desassociando da natureza, o que abriu as portas para ciência, comércio, racionalidade, o que fez a sociedade britânica seguir num outro rumo. A apreciação pelo que era *selvagem* foi substituída pelo que caracterizava o processo de urbanização iniciado, fazendo assim com que a influência humana estivesse mais potente do que nunca (ibid., p.43). A literatura, maior fonte de pesquisa dos estudiosos da falcoaria, logo anunciou essa grande mudança: a caça com aves de rapina não tinha mais tanto espaço no que era escrito, abrindo espaço para metáforas ligadas a outros tipos de caça, inclusive com a espingarda. Isso para autores como Mellor representa uma drástica mudança no imaginário da época.

Para que a falcoaria fosse salva, os praticantes remanescentes criaram, financiaram e coordenaram o *The Confederate Hawks*, ou *The Falconer's Club* no ano de 1771. Como explica Schroer (2018), assim como na época em que a falcoaria tinha ampla adesão, as pessoas que se juntavam ao clube não sabiam bem como manipular a ave, dependendo de profissionais falcoeiros contratados para o feito, aproveitando para assumir a posição de espectadores. Outros clubes foram sendo criados na Grã-Bretanha na medida em que alguns eram finalizados. Há

documentos que atestam a fundação de outros em 1853, 1760 – anterior ao Falconer’s Club -, como também em 1864 e 1870. Esse último clube mencionado, criado em 1870, tinha o intuito de reanimar a falcoaria, por assim dizer, a partir do desenvolvimento de uma escola que contava com uma quantidade considerável de aves que ficavam à disposição do público interessado em vê-las e estudá-las.

Aos poucos a falcoaria foi se alterando, se tornando cada vez mais uma atividade solitária, mais individual, sendo de fato praticada por um só indivíduo ou por pequenos grupos de amigos, e esse novo panorama foi se expandindo com a influência dos novos clubes que permaneceram em destaque e se desenvolvendo inclusive nos séculos XX e XXI. Tais clubes tinham e ainda têm como principais objetivos o oferecimento de “uma plataforma para falcoeiros se conhecerem e para iniciantes terem contato com praticantes mais experientes, assim como para organizar encontros em campo nas temporadas de caça” (ibid., p.52, tradução nossa). Para além da Grã-Bretanha, as ações em prol da conservação dessa arte são visíveis, como no caso da The International Association for Falconry and Conservation of Birds of Prey e medidas próprias de países que impulsionam a prática. E essa prática, em toda a sua magnitude, permanece um misto entre as influências antigas e ações mais contemporâneas, como veremos a seguir.

### 3.3 TREINAMENTO E FERRAMENTAS ATEMPORAIS

Além da conexão com o passado, um dos aspectos mais destacados por pessoas falcoeiras sobre a relação estabelecida com uma rapinante é como é ao mesmo tempo desgastante e gratificante o processo de treinamento delas. Não podemos comparar, ainda que de modo bastante superficial, com o adestramento de espécies bastante diferentes dessas. Treinar uma ave de rapina é estabelecer um *compromisso* com uma atividade que basicamente tomará grande parte do seu tempo e acabará por assumir o topo das suas prioridades, dizem eles. É um modo de vida. Praticar esse esporte corretamente, afirmam, significa estabelecer uma relação tão forte com a ave como se todo o seu mundo fosse preenchido por ela. Não há espaço para muitas outras distrações: “Você se dedica tanto a essa ave desenvolvendo o

potencial dela que isso consome todo o seu tempo. Mesmo sem perceber, isso já tomou conta de toda a sua vida”<sup>33</sup>.

Há particularidades no convívio com uma rapinante. O processo do desenvolvimento de confiança, inclusive, é considerado delicado justamente por ser atípico, se formos comparar ao treinamento de animais de espécies bem distintas. Shawn Hayes, considerado um Embaixador estadunidense da falcoaria e conhecido globalmente pela sua influência e conhecimento, tem uma opinião parecida: “Quando treino uma ave, realmente gosto de construir uma relação com ela. Gosto de fazer com que ela fique confortável comigo. Você não pode disciplinar um falcão. Eles não reagem da mesma forma que um gato ou cachorro”<sup>34</sup>. Essa fala do Shawn Hayes não é incomum no meio falcoeiro. Na tentativa de especificar o que integra essa relação, a ênfase na diferença existente entre elas e animais comumente criados em casa é dada para que seja possível compreender que certas particularidades das rapinantes devem ser reconhecidas e levadas em conta se o intuito for desenvolver uma relação onde essas aves não se sintam amedrontadas ou confrontadas.

Para Woodford (1977), há certas considerações que devem ser feitas antes de treinar uma primeira ave. O autor explica que não é incomum se deparar com pessoas que falham na prática pela crença de que é possível tratar a rapinante como um “objeto inanimado”, mais um equipamento em meio à prática de esporte. O equívoco está em não considerar que justamente por não ser uma simples ferramenta de caça, o animal demanda uma atenção que, como vimos anteriormente, é indispensável na relação. O comprometimento deve ser inegociável por ser essencial o exercício diário do treinamento, até mesmo para que a ave permaneça sempre num bom condicionamento físico que resulte no êxito de cada etapa da prática. Sendo assim, é fácil chegar à conclusão de que a obtenção de uma ave de rapina deve girar em torno de uma obrigação com as necessidades dela, de modo a não ser possível considerar tê-la para que ela atenda aos interesses do falcoeiro. Só é possível agir corretamente e atingir o “ápice” do treinamento se o contato diário com a ave girar em torno do que é essencial para ela. Em outras palavras, se não houver diligência no trato com a ave, se não houver discernimento para compreender que suas demais atividades ou interesses pessoais deverão estar em segundo plano em prol do treinamento, o animal provavelmente não estará na sua melhor forma para o voo –

---

<sup>33</sup> Trata-se da narração traduzida do início do documentário *Game Hawker: A Wild Journey to Falconry* da Patagonia Films, dirigido por Brett Marty e Josh Izenberg, lançado em fevereiro de 2022 e disponível no youtube. Ver mais em: <[https://www.youtube.com/watch?v=hfCaLMGmSxQ&ab\\_channel=Patagonia](https://www.youtube.com/watch?v=hfCaLMGmSxQ&ab_channel=Patagonia)> Acesso em: 01 de novembro de 2023.

<sup>34</sup> *ibid.*

seja essa forma a física ou em relação ao ser humano que o acompanha – e, possivelmente, em meio ao voo livre decidirá não voltar.

Outro ponto a ser considerado é que embora a falcoaria não mais seja praticada predominantemente por uma classe social, há aspectos inerentes ao seu exercício que definem quem tem condições de exercê-la e quem não tem. O autor Woodford define como sábia a pessoa que reconhece, diante de uma análise da sua rotina, que embora fascinada pelo esporte ela não dispõe de tempo para cultivá-lo (1977, p.30). Porém, é um erro considerar viável a prática unicamente pela disponibilidade de tempo e condições, inclusive financeiras. Há detalhes do convívio e do treinamento em si que podem requerer características específicas de falcoeiros que podem não ser encontrados em qualquer pessoa fascinada pela prática. Ora, se há aves específicas para determinados manejos, como no caso do açor Mabel e o treinamento diferenciado dado pela sua falcoeira, podemos sugerir que da mesma forma há pessoas com e sem habilidades desenvolvidas para a falcoaria.

Um dos livros mais famosos sobre falcoaria é *The Goshawk* de Terence Hanbury White, escritor britânico que o escreveu na década de trinta após desistir do seu trabalho de professor. Na tentativa de buscar um novo rumo, decidiu adquirir um açor, assim como a Mabel, porém macho. White nunca havia treinado uma rapinante, tampouco conhecido um falcoeiro. Ele tinha lido somente três livros sobre falcoaria e a ideia de que poderia bastar tê-los em mãos ou na memória para compreender todas as particularidades daquela relação prestes a se desenvolver, ainda que um desses tivesse sido publicado três séculos antes (White, 1951, p.15). Embora saibamos que muitos dos ensinamentos sobre falcoaria possam se mostrar atemporais, alguns outros não resistem às melhorias trazidas pelo tempo e aprimoramento de práticas. Mesmo que White reconhecesse o impacto positivo que a paciência pode ter no treinamento de uma rapinante e a necessidade de ignorar qualquer via coercitiva ou violência à ave, o seu apego a alguns escritos datados sobre falcoaria, meras suposições e questões pessoais apenas abriam espaço para decisões e atitudes que acima de tudo atrapalhavam o desenvolvimento do estabelecimento de confiança e afeto entre ele e seu açor, o Gos.

Uma das táticas utilizadas por White foi manter a ave acordada o máximo possível ao andar com ela em punho por horas a fio. O indicado era fazer isso por vários dias, até que a ave estivesse tão cansada e tão pronta para dormir que aceitasse qualquer comando para que o seu momento de descanso logo chegasse. O recente falcoeiro estava disposto a apostar nisso para mudar a atitude do seu açor a todo custo: “Se necessário, ficaria acordado por três dias e noites se, em meio a isso, assim esperava, o tirano aprendesse a parar de se debater e aceitasse minha mão como se fosse um poleiro para se alimentar nela e, assim, se tornasse mais acostumado à

estranha vida dos seres humanos” (White, 1951, p.17, tradução nossa). De fato, essa estratégia foi usada séculos antes, mas contando com o descanso do falcoeiro e a substituição por outro. Tendo dormido menos de sete horas depois de quatro dias acordado, o empenho de White não poderia ser o mesmo. A paciência prezada não encontrava mais espaço. Para Helen Macdonald, uma estudiosa da sua história, um dos grandes erros dele foi se ater a alguns achismos, ações pré-determinadas, em vez de focar nos *sentimentos* da sua ave (Macdonald, 2014, p.102). E, embora Helen não tenha apontado isso como um erro, afirma que o interesse de T.H. White em praticar a falcoaria partia de uma fuga, acima de tudo interna, o que incluía a necessidade de se afastar de outros seres humanos e procurar refúgio no que poderia encontrar de *selvagem*, buscando assim um senso de pertencimento que seria inédito para ele. Era como se o foco não fosse a ave e sim o que ela representava, o que mencionamos aqui ser questionável, segundo muitos falcoeiros, e insuficiente para se iniciar no esporte.

O problema, então, é que ele não estava pronto, inclusive para entender as regras básicas da falcoaria, por assim dizer. Sua base era, inicialmente, unicamente teórica. Ele entendia que não deveria oprimir a ave, mas não compreendia que chegar ao seu extremo de cansaço e impor o mesmo à sua ave faria com que ambos se desencontrassem e ressentissem um ao outro. Há algo muito específico no treinamento de uma ave de rapina que não poderá ser descoberto sem que haja um verdadeiro suporte, próximo, de quem já tem familiaridade com o esporte e preferencialmente também com a espécie sendo treinada<sup>35</sup>. White no máximo tinha quem passeasse com a ave, sem ter abordado de fato algum suporte propriamente dito nas decisões que tomava. Não há evidências no livro de um contato próximo e físico com falcoeiros, de modo que fosse possível contribuir com o treinamento de Gos na prática.

White demorou até perceber o que para Macdonald é o grande mistério da falcoaria: a rapinante voará até seu treinador se estiver sempre com um pouco de fome (ibid., p.120). Ele chegou a alimentar Gos exageradamente, da mesma forma que a fez esperar muito por suas recompensas em forma de carne diante da correspondência aos comandos do seu treinador. Na medida em que White foi construindo, a duras penas, sua experiência nessa prática, de modo a

---

<sup>35</sup> Ao realizar as entrevistas para o meu trabalho anterior sobre falcoaria (Santos, 2019), me pareceu essencial saber como aquelas pessoas aprenderam tudo o que estavam colocando em prática no dia a dia com seus falcões. Ao menos aqui no Brasil e a depender da condição financeira de quem decide se iniciar nesse esporte, materiais sobre a prática não são tão acessíveis e cursos muito menos. Os que são podem não ter tanta profundidade aos olhos de quem se interessa em saber os pormenores que preenchem a falcoaria. O que quase todos os entrevistados tinham em comum era o fato de considerarem como fonte de aprendizado inesgotável o contato direto com quem consideravam uma mentora. Encarada uma referência nessa área, era ela quem compartilhava saberes adquiridos no seu contato direto e contínuo com essas aves, permitindo assim que seus “alunos” buscassem sempre novos e melhores modos de treiná-las. A falcoaria, como vimos, embora seja por um lado uma prática solitária, requer, sem dúvida, uma troca de saberes que é indispensável para que o bem-estar da ave seja assegurado. Há sempre descobertas e percalços que são melhor resolvidos quando se possui uma rede de apoio.

ir compreendendo o que se adequava à sua ave e o que para ela não era aceitável, uma relação foi sendo de fato construída. Contudo, depois de algumas semanas a sua insistência em buscar proporcionar a Gos o que parecia essencial se transformou em negligência. White de modo deliberado ou não dominava seu aqor enquanto seguia com algumas outras atitudes nocivas. Aos poucos foi percebendo que havia privado sua ave da liberdade que ela acabou buscando por conta própria. O fim da relação entre ele e Gos foi abrupto: o aqor, preso em ambiente interno por um barbante que era longo o suficiente para fazê-lo voar a curta distância e depois voltar, se rompeu, como já havia acontecido, resultando na sua fuga (White, 1951, p.136). White tentou recuperá-lo, mas sem sucesso. A fuga ocorreu em meio a um mau tempo, estando Gos ainda envolto nas ferramentas que comumente facilitam seu treinamento, porém, usados inteiramente em meio a um voo livre – forçado – possibilitam que a ave se prenda a galhos e não encontre meios de se libertar, resultando, possivelmente, na sua morte.

O intuito de trazer este exemplo é introduzir a discussão sobre a atuação do falcoeiro como parte determinante no êxito não só do treinamento em si como da relação propriamente dita, nos seus mais diferentes estágios. Embora T.H. tivesse buscado alcançar todas as etapas de conhecimento para praticar cada fase que integra a falcoaria, havia um vácuo experimental no que diz respeito ao seu contato com rapinantes, como também uma falta de entendimento, talvez, do desenvolvimento da confiança mútua como determinante no processo de domesticação da sua ave. Para além disso, em diferentes passagens do livro é possível perceber o seu descontentamento e falta de afabilidade em relação ao Gos, como ao chamá-lo de tirano. Açores são considerados difíceis comparados a outros animais utilizados na falcoaria, então talvez White tenha atribuído a isso as constantes situações nas quais Gos se debatia e se rebelava diante dos seus comandos. No entanto, embora reconheçamos que cada ave – indivíduo, não espécie – tem suas próprias características e demandam tratamentos diferenciados, é importante partir do falcoeiro uma *adaptabilidade*, ao menos para atender as necessidades dela.

Seguindo a argumentação de Despret (2004) já citada neste trabalho, o estabelecimento da confiança faz emergir novas identidades para as pessoas inseridas na relação criada. A domesticação tem como constitutivo um misto emoções, expectativas e essa confiança, o que para a autora é a essência do processo. Na domesticação é estabelecida uma troca a partir da qual os seres propõem um ao outro um novo modo de desenvolvimento de algo em conjunto. Ela, a domesticação, portanto, se torna uma possibilidade a partir da viabilidade de construção de um elo que assegura confiança mútua, como já discutido aqui. A partir da perspectiva de Despret, podemos considerar que houve no treino de Gos ações e reações de White que impossibilitaram que ao aqor fosse dada a chance de desenvolver uma forma de “estar-com-

um-humano” e, conseqüentemente, a criação de novas formas de estarem juntos (2004, p.122). Podemos supor também que as atitudes confusas partidas do treinador impossibilitaram que o seu acompanhante, o açor, encontrasse meios de seguir uma linha coerente de comandos, dada a inexperiência do seu humano e a inabilidade de encontrar ferramentas – emocionais, inclusive – para a formação da confiança que faria com que ambos estivessem disponíveis e, ao mesmo tempo, se mostrassem adaptáveis a cada ciclo da relação a ser estabelecida.

A leitura dos escritos de White embora não tenha sido feita com o intuito de condenar o então recente falcoeiro, pode despertar um sentimento desconcertante em quem se habituou a ler ou ouvir de falcoeiros os métodos utilizados para o treinamento de suas rapinantes. Os utilizados por T.H. White para fazer Gos chegar ao voo livre pareciam originados de uma vontade de ser *obedecido*; como se o êxito na sua prática fosse alcançado a partir de uma via coercitiva, o que já sabemos que não possui espaço na domesticação de uma rapinante. Embora tentasse interpretar algumas atitudes e sentimentos da ave enquanto reforçava a necessidade de ser paciente, sua falcoaria era tão *técnica*, no sentido de ser de certo modo instrumentalizada, que os sinais de insuficiências ou exageros não pareciam ser vistos de fato. Em determinada passagem do livro, o autor destaca cada atividade realizada em prol da ave em meio ao treinamento e sua conduta “direita”, sem gritos, sem a violência que parecia ser *merecida* pela rapinante (1951, p.125). É como se esse dizer partisse de um estranhamento diante de seus esforços e da reação negativa de Gos, como se por todos os seus feitos ele tivesse que ser ao menos tolerado em vez de tratado como inimigo, como chegou a acontecer. Havia um ressentimento da parte de White que era palpável e que o incomodava em sua reciprocidade, como se Gos devesse de um modo ou de outro reagir de forma positiva a todos os seus esforços.

White parecia projetar na ave o que esperava de uma companhia e depositar nela seus interesses. Não tendo o resultado esperado, seu ressentimento seguiu crescendo. Tanto nos escritos sobre falcoaria como nos que envolvem as relações entre humanos e não-humanos, trata-se de uma conduta problemática: o treinamento se torna consideravelmente prejudicado pela renúncia em dar mais espaço aos limites da ave e a relação se torna incompleta e danosa a partir do momento em que um lado, o humano, não se deixa afetar da melhor forma diante das respostas do animal às suas ações, tampouco constrói a sensibilidade e atenção necessárias para interpretar os interesses e expressões desse animal de modo a desenvolver uma relação verdadeiramente empática (Souza, 2017).

Parry-Jones define que um dos pontos mais significativos aos quais é importante se atentar antes de iniciar na falcoaria é enxergar a compatibilidade ou incompatibilidade entre ave e pessoa treinadora. Não é somente o que envolve disponibilidade de espaço, presas e

tempo. Há também o *temperamento* de quem treina o animal: “Não há motivo para uma pessoa temperamental adquirir uma ave igualmente temperamental porque eles nunca se darão bem. O conhecimento em relação a diferentes espécies de aves, como são e do que são capazes, estando confinadas ou não, é vital” (1995, p.24, tradução nossa). É interessante pontuar esse aspecto, considerando que ao menos na literatura consultada não há outra menção a essa recomendação. É mais uma evidência da relação estabelecida entre ambos os lados, ave e ser humano, como delicada, demandando cuidados antes mesmo da obtenção da ave. Para a autora, chega a ser comum o processo de treinamento de rapinantes dar errado e elas serem responsabilizadas por isso, sendo passadas de mãos em mãos porque não houve perseverança da parte de quem as treina. Segundo ela, aves no geral levam cerca de dois anos e meio até que consigam se desenvolver de fato (ibid.), e nem todos esperam esse tempo.

Já James Campbell traça uma lista de qualidades essenciais para a pessoa que se dispõe a treinar uma ave de rapina. O primeiro capítulo da sua obra *A Treatise of Modern Faulconry* (1773) se volta para esse assunto e já é iniciado com uma das qualidades centrais: força. A pessoa falcoeira precisa ser dotada de uma força excepcional para combater o cansaço das andanças nas etapas de voo e caça, como também para encarar as dificuldades presentes nessas experiências. É preciso ser ágil, ter voz clara para os comandos; ser metódico e ter verdadeiro interesse pela prática:

Seu amor pelo esporte deve ser muito intenso para incentivá-lo a suportar, destemido, os incontáveis inconvenientes que aparecerão (...). Isto fará com que o seu principal prazer seja sempre estar com suas aves, treinando-as para a obediência, corrigindo as suas falhas e verificando sua saúde e beleza. Para fazer tais coisas efetivamente, ele precisa entender seu temperamento e deve possuir paciência e indulgência na aplicação do seu conhecimento. Rapinantes sob o manejo de um homem qualificado estará sempre bem para voar, exibindo o maior arrojo e habilidade na perseguição de suas presas, agradando os observadores de seus movimentos e honrando a habilidade e atenção do seu guardião. (ibid., p. 122-123, tradução nossa)

Talvez, para além disso, a habilidade essencial a se destacar numa pessoa prestes a embarcar na falcoaria é a de conseguir conquistar a confiança da ave. Nem sempre é fácil. Como veremos no terceiro capítulo, há para além da atenção às particularidades da espécie a ser treinada certos macetes que podem contribuir para o sucesso tanto do primeiro passo de familiarização quanto da convivência como um todo. Para estabelecer esse elo de confiança, algo é imprescindível: compreender que a criação dessa conexão não tem como ocorrer por vias coercitivas, como no caso de White e Gos. O ato de submeter uma rapinante a situações estressantes, a título de exemplo, apenas para atender aos interesses de um falcoeiro, é eliminar

as chances de uma boa relação, como já afirmado. Uma ave que confia no seu companheiro de caça e que atende os seus comandos comprova que a pessoa que a leva em punho tem como atributos o que Campbell descreveu no seu livro.

Escolhendo embarcar nessa empreitada, há sem dúvidas a necessidade de obter as ferramentas essenciais para a prática da falcoaria, como local onde a ave ficará descansando, os itens que possibilitarão tê-la em punho, a balança para acompanhar o seu peso etc. Basicamente, itens indispensáveis ao manejo, treinamento e cuidados gerais da ave. Essas ferramentas são geralmente feitas a partir de materiais simples como madeira, couro e metal e têm que estar bem adaptadas à ave em questão no que diz respeito à espécie, sexo, idade e peso. De acordo com Woodford (1977, p.6), poucas vezes esses materiais passaram por grandes mudanças nos últimos quinhentos anos. Até a época de publicação do livro do autor, segundo ele, não havia tanto espaço para sintéticos e plástico, pois eram considerados de pouca qualidade em meio ao uso constante dos itens que compõem a prática. Tendo em mente que é necessário mantê-los sempre íntegros para que não interfiram nos cuidados com a ave, o mais indicado pelo autor seria optar pelos primeiros materiais citados.

O local de permanência da ave precisa ser protegido inclusive de ondas de calor ou de muito frio e umidade. É indicado investir em um *poleiro* confortável, escolhido de acordo com a espécie a ser adquirida e treinada, para que suas dimensões façam parte da garantia desse conforto, principalmente em meio à primeira etapa de inserção da ave a um novo ambiente e à adaptabilidade à pessoa que passará a ser sua companheira de caça. O poleiro precisa ser coberto de tecido ou couro, garantindo não só o conforto citado como a segurança, inclusive nos possíveis momentos de estresse da ave, nos quais ao bater as asas com força – que é sinal de descontentamento – o poleiro em si não ofereça riscos. Esse poleiro serve tanto para uso interno quanto externo, seja para o descanso em si, treinamento de voo ao punho e exposição ao sol. Um *banho* ou uma *banheira de água* é outro objeto fundamental no trato da ave por ser sua fonte de hidratação e banhos, e deve estar à disposição dela.

Aves de rapina usam *jesses* assim como cavalos usam rédeas. *Jess*, no singular, é uma tira de couro, muitas vezes produzida pelos próprios falcoeiros, colocadas nos tarsos (pernas) delas a partir do *tornel*, um duplo anel metálico, e usadas para controlar seus movimentos, seja ao colocá-la em punho ou no poleiro. São destacáveis, o que facilita sua retirada nos momentos de voo. Para uni-las, são usados os *destorcedores* que impedem que se enrolem com a *leash*, que é uma espécie de tira pequena de pouco mais de um centímetro que tem um nó numa das suas pontas e é utilizada para conectar a ave ao seu poleiro ou à *luva* do falcoeiro a partir do

destorcedor. Um outro equipamento essencial é o *guizo*<sup>36</sup>, que é como se fosse um pequeno sino que auxilia na localização da ave em meio ao voo livre. Para contribuir para o controle do animal em voo, usa-se também o *apito*, desse modo, esta sabe que é o momento da sua volta. E, falando em voo, no treinamento externo, quando a rapinante é ensinada a voar e voltar à luva, há o uso de *fiador* e *lure*. O fiador é um cordão de em média vinte metros, que impossibilita a fuga e o lure um objeto que faz vez de uma presa, despertando o interesse da ave e fazendo com que volte ao ponto de partida. É uma tática inclusive para melhorar o condicionamento físico dela. Já o *capuz* – ou *caparão* – é uma peça de couro usada para ser possível cobrir a cabeça da rapinante para que não haja estímulos visuais, permitindo que ela alcance um estado de tranquilidade. É essencial principalmente no início do treinamento.



Figura 4 - Ave de rapina pousada numa luva de falcoaria, estando ela com um capuz, tornel, jesses, leash, guizo e fiador. Fonte: desconhecida.

Não menos importante, há o *alimento* em si. Seu uso tem motivos diversos! Além do fim esperado de alimentação da rapinante como fonte de energia e manutenção do seu peso, é

<sup>36</sup> Um exemplo de avanço tecnológico nos equipamentos de falcoaria é a *telemetria*, substituto do guizo, que consiste num conjunto de emissor e receptor de sinais que permite saber em tempo real a localização da ave de rapina.

um meio de estabelecimento de confiança e meio de tranquilizá-la. Essa alimentação precisa ser sempre parte de uma dieta pré-estabelecida de acordo com as carnes mais adequadas à espécie treinada. Essas carnes precisam ser pesadas numa *balança*, assim como a própria ave, para haver um registro diário da sua condição corpórea, considerando que é algo que interfere diretamente na sua relação com a pessoa que a treina e com o voo propriamente dito<sup>37</sup>.

É importante salientar que aqui há a exposição dos principais equipamentos utilizados, não de todos, e que os termos utilizados são algumas das designações dadas a esses itens em solo brasileiro, ainda que alguns sejam iguais aos utilizados em países de língua inglesa. Os materiais são considerados básicos para quem quer se iniciar na falcoaria, podendo ser aprimorados na medida em que a pessoa vai se habituando à ave e à prática em si. Não é incomum, depois de um tempo, confeccionar pelo menos alguns desses objetos ou comprá-los nas mãos de diferentes artesãos que vão aprimorando-os tanto em qualidade quanto em novas especificidades. É indispensável apostar somente em materiais resistentes, afastando principalmente a possibilidade de acidentes e visando sempre o bem-estar da ave de rapina.

### 3.4 FALCOARIA CONTEMPORÂNEA

Parafraseando Bodio, a forma mais eficiente de compreender o que é a falcoaria é buscar compreender também a fundo a principal relação a ser estabelecida para o seu desenvolvimento (2015, p.21). Podemos dizer que para entendê-la é importante também refletir sobre a preservação dos animais que preenchem essa prática e integram a relação mencionada. As medidas de conservação de aves de rapina permanecem em alta em diferentes lugares do mundo porque os riscos não se extinguiram. Alguns se fortaleceram, outros surgiram. Segundo Ferguson-Lees e Christie (2001, p.49), atirar nesses raptos ainda é um “*hobby*” em alguns lugares do mundo, e segue também sendo um método para fortalecer a caça a presas costumeiras das aves de rapina. A prática iniciada com o advento da espingarda não cessou: as tradicionais rotas de aves são observadas por caçadores para que seu “esporte” seja realizado. Em outras palavras, essas pessoas matam as rapinantes que permanecem sendo considerados *vermes* para que assim seja garantida a “proteção” dos animais que são alvos de *game shooting*. Esse

---

<sup>37</sup> Mais detalhes sobre essas etapas da relação entre rapinante e falcoeiro ou falcoeira estão no capítulo seguinte. Embora este tópico seja voltado para o treinamento, é interessante entender as nuances do processo sob o ponto de vista da falcoeira que detalha cada fase passada por ambas, treinadora e ave, como é o caso da Helen Macdonald. Portanto, a descrição dos equipamentos e um breve contexto servem como uma introdução, por assim dizer, à história exposta na terceira parte deste trabalho.

problema não se concentra na Inglaterra, invadindo territórios europeus, além de China, Taiwan, Américas Central e do Sul.

É possível encontrar notícias recentes sobre o problema que indicam o aumento ou diminuição no índice de rapinantes encontradas mortas por tiros ou envenenamento. Ainda que noticiem tal diminuição, aos olhos de quem trabalha pela preservação dessas aves a informação pode não estar de acordo com a realidade: essa prática ilegal não pode ser considerada decrescente sem uma investigação minuciosa, já que muitas aves que são resgatadas já mortas não têm causa de morte determinada<sup>38</sup>. Para além disso, rapinantes também são vítimas de construções elétricas, pesticidas, destruições de habitat etc. Na tentativa de ao menos reduzir consideravelmente as fontes de riscos para esses animais, falcoeiros seguem exercendo atividades importantes na manutenção de práticas de preservação, reprodução e reabilitação. Organizações como *The Peregrine Fund* criam planos estratégicos para disseminar informações sobre ameaças à biodiversidade que estão causando danos consideráveis às aves de rapina, fazendo com que corram sérios riscos de extinção<sup>39</sup>. Na mitigação desses danos, falcoeiros exercem de fato um papel essencial: monitoram as populações de aves, as estudam, as reproduzem em cativeiro, libertam e oferecem, através de projetos educacionais, aulas sobre a preservação desses animais e também sobre a importância da continuação da falcoaria como um esporte.

No Brasil, esse trabalho é feito pela *S.O.S. Falconiformes*, uma instituição mineira fundada no final dos anos noventa e que se ampliou de modo a atuar em outros estados brasileiros. Seus trabalhos envolvem o recenseamento das espécies presentes em território brasileiro, coleta de dados biológicos sobre tais espécies e características gerais dos seus habitats. Não menos importante, também promove educação ambiental, reprodução em cativeiro das aves em risco de extinção e diversas parcerias com outras instituições e profissionais diversos para o monitoramento de diferentes rapinantes. Não surpreendentemente, nos estados brasileiros há também percepções e ações em relação às aves de rapina que as colocam em risco. Superstição, perseguição e tráfico desses animais não são estranhos aos que trabalham pela sua conservação. A perseguição e a consequente diminuição da população efetiva contribuem inclusive para um desequilíbrio ecológico, considerando que tais aves

---

<sup>38</sup> Ver mais em: <<https://www.theguardian.com/environment/2023/nov/24/bird-of-prey-killings-fall-to-lowest-level-in-decade-but-true-figure-may-be-far-higher>> Acesso em: 05 de dezembro de 2023.

<sup>39</sup> Para saber o status populacional dessas aves, em alguns lugares do mundo, de acordo com possíveis riscos de extinção, ver mais em: <<https://peregrinefund.org/explore-raptors-species>>.

regulam populações de presas e seu declínio pode resultar em uma ampliação considerável de roedores e insetos<sup>40</sup>.

Não são poucas as instituições e os falcoeiros que em grupo trabalham em prol do desenvolvimento de políticas que assegurem o direito das rapinantes ao bem-estar. Ao redor do mundo há leis e medidas que exigem a obtenção dessas aves só a partir de centros legalizados de reprodução. No Brasil, a falcoaria não é regulamentada, então só é possível ter aves para fins de adestramento ou para exercer a prática no controle de fauna. Para obter uma ave, é indispensável entender como funcionam as leis sobre criação de rapinantes em solo brasileiro tanto para saber quais são as obrigações de um tutor como passar pelo treinamento de alguma organização voltada para o adestramento dela. É necessário que a ave seja comprada em um criadouro credenciado pelo Ibama, o qual confere a cada ave um número presente na anilha que é presa ao tarso dela. Essa identificação e a venda legalizada permitem um controle a partir de rastreamentos, inclusive em meio a denúncias de maus-tratos.

Para além disso, a falcoaria atualmente é um meio de alcançar a segurança em aeroportos, nos momentos de decolagem e pouso das aeronaves. O que acontece é que o treino da falcoaria permite que às rapinantes seja ensinado o momento certo de dissipar ou capturar – não matar - os pássaros que surgem nas gramas ao redor da pista. Na presença de um predador, muitos desses animais de fato se afastam ou se tornam presas, o que diminui em até 40% a probabilidade de colisões desses pássaros e aeronaves, segundo o falcoeiro e biólogo Carlos Eduardo Carvalho<sup>41</sup>. Esse monitoramento feito por rapinantes treinadas vem sendo adotado por aeroportos de grandes centros urbanos, desde o JFK de Nova York, Portela em Lisboa, até os presentes em território brasileiro como no Rio de Janeiro, Porto Alegre, Belém, Belo Horizonte etc. A falcoaria, assim, opera em momentos-chave da aviação e reduz consideravelmente as chances de graves acidentes.

Como é possível ver, ainda que a falcoaria represente uma conexão com o passado distante, ela se renova e integra novas abordagens e ações que permitem a sua total inserção em novos tempos. E, no campo acadêmico, permite outro tipo de renovação ao ampliar os campos de discussão sobre como diferentes relações podem ser construídas com aves de rapina, até mesmo para além do elo estabelecido com falcoeiro ou falcoeira, como no caso da população

---

<sup>40</sup> Ver mais no Plano de Ação Nacional para a Conservação de Aves de Rapina, do ICMBio, disponível em: <<https://www.gov.br/icmbio/pt-br/assuntos/biodiversidade/pan/pan-aves-de-rapina/1-ciclo/pan-aves-de-rapina-livro.pdf>>. Acesso em: 05 de dezembro de 2023.

<sup>41</sup> Informação retirada da matéria “A Arte Milenar que ensina falcões a prevenir acidentes aéreos”, escrita por Mamede Filho, da BBC Brasil. Disponível em: <A arte milenar que ensina falcões a prevenir acidentes aéreos - BBC News Brasil>. Acesso em: 05 de dezembro de 2023.

que se relaciona com elas, direta ou indiretamente, inclusive a partir de vias que possibilitam o seu exemplo para o enriquecimento de uma educação ambiental. Para além disso, a falcoaria se beneficia das novas abordagens sobre consciência animal na medida em que vira objeto de estudo sobre o tema, da mesma forma que permite o enriquecimento de discussões como a proposta neste trabalho.

#### 4 HIS FOR HAWK

*Crossing species boundaries does not threaten identity but defines it.*

Gisli Pálsson

Não é incomum se deparar com escritos de tutores sobre os animais que criam e sobre a relação que constroem com eles ao longo da vida. Seja por meio de uma clara pesquisa ou apenas relatos em seus mais diferentes formatos, há como pôr no papel as diferentes etapas desse convívio e o impacto causado por ele. Em muitos casos, o animal é um mero coadjuvante, posto ali no papel como um ser que provoca reações no seu tutor ou age de uma forma inusitada, por vezes engraçada ou curiosa, mas nem sempre como um agente detentor da capacidade de se comunicar ativamente tal qual o humano que o apresenta, ainda que diferentemente. Numa primeira leitura de *H Is For Hawk*, é fácil perceber que o livro não segue essa linha.

Helen Macdonald, uma poeta, escritora, historiadora e falcoeira inglesa, traz nas páginas do seu livro as mais diferentes histórias, tanto suas quanto também daqueles que se aventuraram no passado na arte de conviver com aves de rapina, apontando o temperamento dessas aves, suas exigências, vontades e interesses, sua linguagem corporal, enfim, mostrando entender principalmente o que a ave Mabel sente até nas demonstrações mais sutis. Há nas páginas do livro o interesse em passar para leitores tudo o que a falcoeira vê sendo transmitido pela ave que cria, da mesma forma que expõe seus próprios sentimentos e as transformações pelas quais passou nesse mesmo processo. Tudo isso buscando não recorrer ao antropomorfismo, mostrando dualidade ou algo que vai no sentido contrário a ele.

O livro pode ser considerado um manual para entusiastas de falcoaria, história ou literatura – dado o lirismo presente nas páginas – e por quem, como eu, tem fascínio por esse tema, com descrições de relações interespecíes. E, para fazer com que seja possível entender como se configura essa relação específica, de Mabel e Helen, é importante trazer uma síntese do livro. Junto a ela, serão abordados aqui pontos mencionados no documentário de mesmo nome, tendo-o como mais uma fonte de conhecimento, um complemento, graças à possibilidade de observação das interações além do que foi lido, embora como retrato de um outro momento e do treinamento de um outro açor. De qualquer modo, se assemelha e muito ao conteúdo do livro.

Antes de trazer os aspectos que preenchem o livro e o que o fizeram virar um bom objeto de estudo em meio ao tema trazido neste trabalho, é interessante abordar a receptividade do público a uma história que para a autora pareceu ainda que por pouco tempo um motivo de

vergonha. Para ela, poucos aceitariam se aventurar nos escritos tão emotivos e por muitas vezes depressivos. Talvez, aos olhos dela, as chances que o livro teria de alcançar pessoas interessadas residiria simplesmente na amabilidade de Mabel – o que por um lado é uma fala redundante, mas por outro não é, dada a fama impregnada na história dos açores como hostis que se desmancha nesse relato tão próximo e vivo sobre o cotidiano de uma falcoeira compartilhado com a dita “ave sanguinária” que acabou se mostrando uma bela companhia.

*H Is For Hawk* virou um *best seller*. Considerado pelo *The New York Times* como um livro de tirar o fôlego, descrito nas palavras da autora do texto, Vicki Croke, como “(...) uma inegável impressão da essência feroz de um raptor – e dela mesma – com palavras que parecem penas, tão incrivelmente bonitas que nem notamos sua surpreendente engenharia”<sup>42</sup>. Ganhador do Costa Book Awards e do Samuel Johnson Prize, o livro aproximou até quem não sabia muito sobre aves de rapina e falcoaria, permitindo assim uma familiaridade com um tipo de conexão entre humano e não-humano pouco representada em livros atuais de alto alcance. Embora não tenha sido o propósito da autora, seu relato emocionado de amor às aves e à falcoaria possibilitou que esse tipo de interação chegasse ao imaginário de um sem número de pessoas, moldando assim, inevitavelmente, um novo olhar sobre relações interespecies e, mais do que isso, a capacidade não-humana de se inserir em tais relações ativamente.

Como explica Macdonald no seu livro, a dupla constituída por ave e falcoeira precisa ter como base uma confiança mútua, pois é essa confiança que garante à parceira humana que a ave está pronta para voar até longe e voltar, e à parceira ave que ela quer de fato regressar. Numa conversa com leitores do seu livro, Helen foi perguntada sobre como era possível amar a natureza e ainda assim domesticar uma ave, como se o exercício da falcoaria configurasse manter o animal longe do que ele é essencialmente<sup>43</sup>. Como resposta, ela disse:

Porque é algo extraordinário. Falcoaria se for feita corretamente – porque há falcoeiros ruins – é para mim uma das formas mais maravilhosas possíveis de relação entre humanos e não-humanos. Porque toda vez que você sair com a ave, ela obviamente poderá voar para longe de você. Não há coerção envolvida, tudo é nos termos dela. Você tem a possibilidade de compartilhar com ela um espaço muito íntimo, o que é difícil de fazer de qualquer outra forma, a não ser que a ave esteja presa numa gaiola e eu não tinha nenhum interesse nisso. Eu queria que essa ave pudesse ser... uma ave! Isso é o que penso sobre falcoaria. É um modo de estar no mundo selvagem e compartilhá-lo com a ave de modo que espero que seja

---

<sup>42</sup>Tradução nossa. *Helen Macdonald's 'H is For Hawk'* disponível em:

<<https://www.nytimes.com/2015/02/22/books/review/helen-macdonalds-h-is-for-hawk.html>> Acesso em: 30 de outubro de 2021.

<sup>43</sup> Politics and Prose. Helen MacDonald, "H is For Hawk". YouTube, 2016. Disponível em: <[https://youtu.be/fUjwCjjU2SM?si=rRh\\_8PJq4f15w9cX&t=2448](https://youtu.be/fUjwCjjU2SM?si=rRh_8PJq4f15w9cX&t=2448)> Acesso em: 30 de outubro de 2021.

enriquecedor para ambos. As pessoas geralmente pensam que a falcoaria é dominação de uma criatura selvagem, sendo que na prática é sobre a confiança que parte dos dois lados.

Mais tarde, já treinando uma nova ave, oito anos após a trajetória trazida no livro, Helen reforçou: “Falcoaria”, disse ela, “é sobre o que pode voar para longe escolhendo retornar para você”<sup>44</sup> Ame-a e deixe-a livre, se ela voltar...

#### 4.1 A PEQUENA FALCOEIRA

A relação construída entre crianças e animais – sejam eles pets ou não – é cientificamente apontada como benéfica para o desenvolvimento delas (Purewal et al., 2017; Taylor, Pacini-Ketchabaw, 2019). Nota-se uma ligação entre animais não-humanos e humanos quando esses últimos, desde o início da vida, se habitam a dividir sua vida com diferentes bichos, relacionando-se com eles seja fisicamente ou até através de outros meios, consumindo materiais que geram familiaridade com esses outros seres vivos. Essa relação próxima entre ambos, principalmente quando dotada de afeto e cuidado, torna-se uma via de construção de relações sociais positivas, inclusive quando envolve interações com animais selvagens – algo pouco explorado, talvez, como explicam Taylor e Pacini-Ketchabaw (2019), por não serem comumente vistas como benéficas para crianças, no sentido de aparentemente não oferecerem suporte emocional, físico, educacional, comportamental ou cognitivo. A dificuldade em enxergar tal convivência como positiva – para ambos – impossibilita abrir espaço para conhecer casos de relações como as que Helen Macdonald desenvolveu com aves desde o início da vida.

Autores como Matthew Cole e Kate Stewart buscam através de seus escritos trazer uma contribuição que enriqueça o Critical Animal Studies, estabelecendo a importância das relações entre humanos e não-humanos no debate sociológico, e fazendo isso através de escritos que evidenciem o mérito sociológico de animais na vida de crianças e vice-versa. Para eles, é essencial estudar e estabelecer o papel que um tem na construção do outro. Na seção do seu livro voltada para a socialização contemporânea presente na relação entre ambos durante a infância, afirmam que aos poucos as crianças foram se tornando o foco da unidade familiar moderna, sendo assim protegidas, cuidadas e educadas para que desenvolvessem habilidades essenciais para a vida adulta. Desse modo, as interações e hábitos frequentes no seio familiar

---

<sup>44</sup> H Is For Hawk: A New Chapter.. Direção: Mike Birkhead. Produção de BBC Studios. Inglaterra. 2017.

têm um peso considerável no processo de desenvolvimento de empatia nas crianças diante de animais, além do estabelecimento das relações desenvolvidas com eles (Taylor, Pacini-Ketchabaw, 2019, p.75). Assim, se desde o início da vida a criança é impulsionada pelos seus familiares a desenvolver o laço com esses animais, é natural que haja desde tal fase da vida um apego maior às particularidades desses seres, às suas necessidades e feitos.

De fato, isto é algo notável nos escritos de Helen sobre sua infância. No livro, e também em algumas entrevistas, a autora explica que se apaixonou por aves graças à influência do pai, Alisdair Macdonald, um fotógrafo que para exercer essa profissão precisava ter *paciência*, uma virtude ensinada à filha muito cedo e que foi essencial no desenvolvimento na sua paixão pelas aves de rapina, principalmente açores. Açores, conhecidos por sua agilidade no voo, são perdidos de vista num simples piscar de olhos, e demandam, portanto, uma boa dose de paciência para que possam ser admirados no alto das árvores. Alisdair, para fotografar, precisava esperar o momento certo de fazê-lo, ainda que tivesse que ficar por horas numa mesma posição. Era essa paciência que resultava em cliques admiráveis e foi essa mesma paciência, nos passeios com a filha, que fez com que ela passasse a enxergar e admirar a natureza.

Foi aos oito anos de idade que Helen Macdonald teve o seu primeiro contato com o livro que será abordado ao longo dos seus escritos: *The Goshawk* (1951) de T.H. White. Foi o primeiro contato com esta obra que despertou já na vida adulta um olhar mais crítico e entendedor das diferentes nuances que preenchem a relação entre um ser humano e um açor. Para a Helen menina, parecia apenas uma descrição de uma relação estranha e incapaz de alcançar o nível de perfeição de um açor. Para ela, T.H. White pecava em tratar um açor como monstro, como algo a ser domado através de práticas equivocadas que ele considerava serem partes de um treinamento viável e honrável – mas que era o oposto. Embora esse livro não tenha sido apresentado em *H Is For Hawk* para destruir a imagem desse autor, nos fez e faz ver até que ponto uma relação mal construída entre humanos e não-humanos pode afetar a ambos, comprometendo o convívio até que seja tarde demais, como discutido no segundo capítulo. De qualquer modo, a abordagem desse livro clássico é o que conecta essa paixão antiga da Helen pela falcoaria aos acontecimentos desafiadores que deram início na sua vida algumas décadas depois.

## 4.2 PERDA E FUGA

Como mencionado, a relação entre Helen e o pai foi, dentre outras coisas, fonte de aprendizados e suporte. Era como se superasse uma “simples” relação entre pai e filha e chegasse à amizade. Desse modo, a perda repentina do seu amigo levou Helen, segundo ela, a um estado de luto nunca enfrentado. Foi desse luto que muitas transformações ocorreram. Em meio ao luto pela perda do pai, Helen almejava construir algo diferente, um “mundo novo e habitável” (Macdonald, 2016, p.22). A desordem do luto gerou a urgência em ordenar seus sentimentos não teve resultado positivo, apenas frustrações. Enquanto se perguntava se estava passando pelos estágios de luto, algo se tornou recorrente: sonhos sobre *hawks*, predominantemente açores. Eles não cessavam.

No passado, Helen nunca havia considerado treinar um açor. Ela se lembrava da experiência que teve, ainda criança, quando foi para uma floresta acompanhada de um grupo de homens que estavam prestes a treinar essas aves. Para ela, aquele foi o primeiro contato com a morte, a morte da presa de um açor, um faisão. Helen ficou perplexa diante do ataque, sem saber muito o que sentir. Atrelada a essa experiência, estava a de ver as aves desses falcoeiros como insistentemente teimosas: elas voavam até os galhos das árvores e lá permaneciam imóveis, dispostas a ficar ali enquanto seus treinadores esperavam pacientemente – ou não – que voltassem para eles. Helen chegou a mencionar o trecho de um livro lido no qual o autor afirmava que havia dias em que açores ficavam tensos, de mau humor, antissociais, fazendo com que os falcoeiros precisassem lidar com esse descontentamento. Afinal, o fim do dia de treinamento acaba dependendo da vontade do animal de ceder. Se ele optasse por ficar horas no galho se recusando a voar até o punho do falcoeiro, isso significaria também horas de espera.

Dentre outros motivos, essa situação fez Helen passar bem longe de chances de conviver com um açor. A possibilidade gerava desânimo na falcoeira. Para ela, açores representavam a *morte* e a dificuldade; eram psicopatas, fantasmagóricos (2016, p.29). De fato, essa fama rodeia açores desde sempre. A eles é atribuída uma figura estranha a ser temida por todo e qualquer falcoeiro, desde os menos experientes aos que já estão há anos praticando tal arte. É muito comum que haja a preferência pelas aves pertencentes ao gênero *falco*, desde sempre glorificados, almejados, por motivos que vão além de suas características próprias, alcançando motivos históricos:

Levei anos para entender que essa glorificação dos falcões se devia em parte àqueles que se punham a treiná-los. Você pode fazer um açor voar em quase qualquer lugar, porque o estilo de caçada deles é uma arremetida veloz do punho até a presa a uma

curta distância. No entanto, para fazer com que falcões voem apropriadamente, você precisa de espaço: terrenos para caça de tetrazes e de perdizes, imensas áreas de campos agrícolas abertos, coisas não muito fáceis de se conseguir a não ser que você seja rico ou tenha contatos importantes. “Entre os povos cultos”, escreveu [Gilberto] Blaine [1936], “o uso e a posseção dos nobres falcões eram restritos à aristocracia, como privilégio e direito exclusivos.” (Macdonald, 2014, p. 23)

Comparado ao falcoeiro aristocrático, o treinador de açores, chamado de *austringer*, era considerado desonrado. Ele era descrito como solitário, contrastando com os falcoeiros que exerciam a atividade de treinar em grupo – ou simplesmente não solitariamente – outras aves de rapina. Historicamente os treinadores de açores foram ridicularizados, assim como os açores que os acompanhavam. Abertamente desrespeitados, eram colocados num patamar inferior ao concedido a aves admiradas, como por exemplo o falcão-peregrino. Importante a menção desse fato por dois motivos: o primeiro é mais simples, consistindo em entender o motivo da renúncia inicial da autora em ter um contato mais próximo com essa espécie. O segundo, mais complexo, diz respeito à noção construída sobre tal espécie como se todos os animais pertencentes a ela carregassem essas características, como se devessem ser temidos a todo custo sem que houvesse uma oportunidade de entendê-los. Na medida em que a relação construída entre as protagonistas dessa história for sendo apresentada, ficará mais fácil enxergar o problema presente nessa abordagem restritiva.

Schroer (2014, p.60) apresenta açores como geralmente apontados como as rapinantes mais enlouquecedoras que existem, inclusive pelo seu temperamento de difícil compreensão, considerando que eles podem mudar de uma hora para outra, sem aviso, pegando o *austringer* de surpresa. Contudo, na sua pesquisa, falcoeiros que mantiveram contato próximo com açores por muito tempo constataram que assim que se deram a oportunidade de entender o modo de ser dessas aves, puderam enfim criar um laço com elas de modo que puderam conviver em cooperação e harmonia. Ainda que haja essa noção sobre o cuidado em compreendê-las para facilitar o convívio, a lida com açores segue não sendo algo recomendado para novatos na arte da falcoaria. O recomendado é que haja experiência de sobra para que seja feito o manejo correto.

De início, ao conversar com um outro falcoeiro, este afirmou para Helen que das aves de rapina ele preferia os açores por saber onde está pisando quando acompanhado deles. Diante dessa resposta, Helen perguntou se eles não eram um “pé no saco”, para ouvir do homem em seguida que não, não se a pessoa conhecer *o segredo*. O segredo é: deixar que eles matem! Matar faz com que fiquem tranquilos.

Eu fiquei pensando: *Minha Nossa! Vou ficar só com falcões-peregrinos, muito obrigada!* Nunca imaginei que fosse treinar um açor. Nunca. Eu jamais me vira, sob qualquer aspecto, refletida nos olhos assassinos e na solidão deles. *Não é para mim*, pensei tantas vezes. *Não é para mim*. Mas o mundo havia mudado, e eu também. (Macdonald, 2016, p.29, grifos da autora)

#### 4.3 E ASSIM NASCE UMA PARCERIA

*I wanted to fly with a hawk to salve my grief,  
cross from this world into another, wilder one.*

*Helen Macdonald*

O que foi contado sobre o primeiro contato entre Mabel e Helen revelou um amor à primeira vista. Mas só para o lado humano da história. Mabel ainda mantinha seu capuz para que tudo o que o estava disponível visualmente não afetasse o ser que até então só conhecia o que o viveiro tinha a oferecer. A inserção nesse novo mundo tem que ser gradual e isso faz parte do processo de desenvolvimento da inserção da ave de rapina num meio tão... humano.

É muito intrigante o modo como as coisas funcionam no viveiro. Para quem é responsável por ele, é de fato necessário que seja extremamente interessante. O que acontece é que comandá-lo é um dos maiores testes de paciência que se pode imaginar. O processo de reprodução de aves é longo e cansativo. É necessário que haja monitoramento constante, por horas, para que seja possível saber o momento certo de iniciar o acasalamento e posteriormente o nascimento dos açores.

A chave é a observação do comportamento das aves mantidas no viveiro. E a certeza de que é o momento certo para o acasalamento é determinante para que ele aconteça. É simples de entender embora difícil de observar e definir: o macho e a fêmea são colocados em dois espaços fechados e conectados somente por uma grade firme que os separa, servindo ao mesmo tempo como medida de proteção e uma via para que mantenham contato visual até o momento esperado. Medida de segurança porque não é nada incomum que a fêmea ataque o macho para matá-lo sem aviso, pois “há uma linha muito tênue entre a excitação sexual de um açor e a violência terrível e mortal” (Macdonald, 2016, p. 54). É preciso esperar enquanto um se exhibe para o outro por um determinado espaço de tempo, na transição do inverno para a primavera, até que a fêmea se mostre pronta. O que a faz transmitir essa certeza para os criadores que a observam é incerto, porém, o que é certo é que juntá-los é uma atitude que não permite equívocos: tirar a grade que separa o macho da fêmea pode levar tanto ao nascimento de novos açores quanto à morte do primeiro.

Alguns podem explicar inteiramente essa certeza mencionando o *feeling* do falcoeiro, no sentido de atribuir inteiramente a ele o entendimento da situação pela sua aparente capacidade intuitiva diante de uma situação específica, o que poderia ser, sob alguns aspectos, mais uma amostra do modo de interpretar o mundo através das lentes já gastas que enxergam tudo a base de uma excepcionalidade humana. Antropocentrismo à parte, alguns outros podem apontar essa mesma certeza como mais um exemplo da habilidade não-humana de expressar-se. Trata-se de mais um exemplo de *linguagem* não-humana direcionada a outro ser para esse entender o que está sendo transmitido. Como já discutido por Meijer (2019, p.5) e abordado neste trabalho, animais não-humanos têm meios de comunicação dotados de nuances e complexidade, estejam se direcionando a membros da sua própria espécie ou a outras, incluindo a nossa. É essa capacidade de comunicação do açor – com outro animal da sua própria espécie enquanto observado por uma outra, no caso, a humana – que permite ao criador saber o exato momento de agir. Essa ação resultou no nascimento de Mabel e no início da parceria que deu origem ao livro.

Mabel foi transportada numa caixa até um cais escocês, saída diretamente do viveiro. Foi sua primeira experiência diante do mundo que extrapolava aquele pequeno ambiente que conhecia desde o seu nascimento. Não tinha o que ver, pois o capuz e a caixa limitavam os sons e as cores ao redor. Sua caixa estava ao lado de uma outra, na qual estava um açor mais velho que seria destinado a Helen Macdonald. Mabel tirou seu capuz sozinha e se assustou com tudo o que via, da claridade às pessoas ali presentes. Não era ela a ave destinada a Helen, mas assim foi.

Mais uma vez mencionarei uma palavra-chave na vida de qualquer falcoeiro, especialmente para os que se permitem se aproximar dos açores: paciência. Antes de tudo, paciência para que o ponto de partida na relação seja dado, e o meio de fazê-lo é mostrando para a ave que não há nada a temer; que esse contato contínuo com um ser humano não causará danos. Essa etapa é essencial, considerando que é impossível haver uma verdadeira parceria se um dos lados não cooperar, pois é a partir da confiança mútua que duas espécies com perspectivas e linguagens tão distintas conseguem construir e firmar uma relação mais íntima e sólida. E conquistar a confiança de um açor não é uma tarefa exatamente simples.

Os açores têm a fama de serem difíceis de domar. De se habituarem ao contato com humanos, processo de *manning* no linguajar da falcoaria. (...) Certa vez, deixei um gavião-asa-de-telha livre para voar após quatro dias. Mas os açores são aves nervosas, tensas, e leva um bom tempo para convencê-las de que você não é o inimigo. (...) Os açores são nervosos porque vivem a vida em uma velocidade dez vezes mais rápida do que a nossa e reagem aos estímulos literalmente sem pensar. “De todas as aves de

rapina”, escreveu Richard Blone, falcoeiro do século XVII, “o açor é sem dúvida o mais acanhado e reservado, em relação tanto aos homens quanto aos cães, exigindo mais o cortejo de uma Amante do que a autoridade de um Mestre, estando ele apto a lembrar qualquer prática bruta e desagradável; todavia, sendo tratado com a delicadeza, torna-se assaz maleável e gentil para com o seu zelador”<sup>45</sup>. Bem, então usemos de delicadeza e esperemos receber delicadeza. (2016, p. 60)

Mabel teve a capacidade de alterar completamente o ar da casa assim que chegou, segundo sua companheira Helen. Como processo de ambientação, permaneceu com seu capuz até que pudesse no dia seguinte reagir mais tranquilamente àquele novo espaço. O processo foi aos poucos, pois ela pôde encarar dessa vez a claridade progressivamente, primeiro com as cortinas fechadas de modo a não desviar seu foco, para depois o mundo ressurgir amplamente. O primeiro sinal de medo foi evidenciado no “olá!” que ouviu, como uma apresentação à humana, quando tensionou suas asas. Foi o sinal que precisava ser dado para que o contato entre ambas passasse a ser trabalhado suavemente. Após isso, foi colocada no punho da sua companheira, mostrando o segundo sinal: se agitou, se contorceu, fincou suas garras na luva, ainda sem saber o que poderia surgir daquele primeiro contato direto com Helen. A familiarização foi sendo construída a passos lentos, ou melhor, a manejos espaçados, dotados de paciência. E, como parte desse início de parceria, como sempre feito na falcoaria, Mabel foi colocada numa balança para que seu peso fosse descoberto. Essa é sem dúvidas uma das etapas mais importantes no treinamento de uma ave de rapina.

Como explicado no meu trabalho anterior, o comportamento delas é ditado pela necessidade ou não de mais alimento junto à sua condição corpórea (Santos, 2019). Se uma ave está acima do peso ou totalmente saciada, ela se torna mais solitária e possivelmente arisca, recusando contatos e conseqüentemente o treinamento. Se o peso está muito baixo, o efeito pode ser o mesmo, acompanhado de infelicidade e impossibilidade de voar pela falta de energia. É necessário saber qual o peso ideal da espécie, se o da ave específica está sendo influenciado pela formação de músculos e, não menos importante, qual tipo de carne é ideal para a fase de treinamento enfrentada. Em alguns casos, determinadas carnes são consideradas mais leves ou pesadas para o voo. Numa etapa já bem avançada do treinamento, na falta de franguinhos, Mabel foi alimentada com codornas por uma semana, o que a deixou “de cabeça quente, alucinada, protagonista-de-uma-tragédia-cheia-de-vingança” (Macdonald, 2016, p.236). A mudança comportamental da ave foi ditada simplesmente pela comida gordurosa em excesso.

---

<sup>45</sup> BLOME, Richard. *Hawking or Falconry*. The Cresset Press, 1929 apud Macdonald, H *is For Hawk*, 2016, p.60.

Já em outro momento, foi por um erro da falcoeira - considerado por ela como amador - que a agressividade da Mabel escalou a ponto de machucá-la. Só depois a causa foi descoberta: Mabel estava faminta. O peso da ave estava sendo monitorado diariamente, como deve ser, e ele permanecia o mesmo, o ideal. Porém, a falcoeira não se deu conta de que o que estava contribuindo para aquele número que aparecia na balança a cada pesagem eram os músculos que foram sendo formados na medida em que Mabel voava mais e mais. Essa foi inclusive uma questão também abordada no meu trabalho de conclusão da graduação.

Quando [falcoeiros] recebem aves de rapina, muitas vezes elas se encontram acima do peso e com pouco preparo físico por terem sido mantidas em viveiros sem o condicionamento necessário para que atingissem uma condição corpórea favorável inclusive ao voo. O erro de alguns tutores é tentar medir esse condicionamento a partir do peso unicamente. Os números dados pela balança são um complemento. O que confirma é o contato direto com o peitoral da ave e seu esterno, onde os músculos peitorais estão inseridos (...). A depender do quanto puder sentir do esterno, de pouco a muito, será possível compreender quão acima do peso a ave pode estar, além de ser possível também sentir a flacidez da musculatura no caso das aves mais inativas em contraste com a musculatura peitoral mais firme, característica das mais ativas. (Santos, 2019, p. 41)

Num ponto mais avançado do livro, quando Mabel estava no início do treinamento propriamente dito, no qual o voo é o propósito, a irritabilidade dela sumia quando na balança ela atingia o peso novecentos e cinquenta gramas, e era aí que ela apresentava “uma calma imperturbável, um fluxo de perfeita atenção como se tudo dentro dela estivesse alinhado com exatidão” (Macdonald, 2016, p.122). A balança, inclusive, como a autora pontua no parágrafo seguinte, é algo mais atrelado à falcoaria contemporânea. Podemos dizer que a determinação das características físicas da ave que hoje auxilia nesse controle de peso era o único modo de fazer com que antigos falcoeiros soubessem a condição de voo das aves de rapina. Era e é preciso que a pessoa responsável pelo treinamento dessas aves seja realmente experiente para que nada dê errado ao usar somente esse método mais antigo. Mabel, porém, por cuidados da sua companheira, seguiu sendo pesada por ser o meio mais eficaz de entender o estado emocional de uma ave em relação a alimentação e seu interesse em voar.

Ao ser pesada, Mabel voltou ao punho, ainda com o capuz. Seus batimentos estavam acelerados, mostrando o nervosismo despertado pela nova interação. De repente, seu capuz foi tirado e, no contato direto com o olhar de Helen, sua vontade parecia ser de fugir para longe, o que não conseguiu porque estava ligada à humana pelos *jesses*. Seu terror era visível; os gritos, ininterruptos. Sendo essa uma etapa que não deve ser pulada, a ave precisou lidar com seu medo até que Helen não mais fosse vista como uma ameaça. Basicamente, a falcoeira precisava obter,

nesse processo, a cooperação ativa da ave para que o próximo passo fosse alcançado. Trata-se de um momento delicado, pois representa o início da relação que tem como via de construção a confiança mútua. Mabel precisava se habituar às características da sua companheira e do espaço que estava ao redor de ambas enquanto Helen precisava entender o significado das ações e reações da ave. Sendo assim, ambos os lados precisavam desenvolver “uma capacidade de afecção recíproca, que implica descobertas e aprendizado da sintonização entre eles” (Souza e Rabelo, 2018, p.126).

O que permitiu que fosse acelerada essa ambientação foi a *invisibilidade*, ou seja, a tentativa da falcoeira de não estar lá. Não em um sentido literal, é claro. Esse é um truque antigo usado entre falcoeiros: permanecer imóvel, encarando qualquer lado do ambiente para que não parta da pessoa nenhuma nova fonte de pavor para a ave. É como se realmente não estivesse lá, tanto para ela - pelo deixar o pensamento ir para longe, ou simplesmente não pensar - quanto para a ave, pois a falta de movimentos faz com que esta possa focar em qualquer outra coisa. No documentário já citado, se torna possível enxergar como é esse processo. Não é exatamente o mesmo caso por se tratar de um novo açor, Lupin, mas é idêntico. Após a ave se debater estando no punho, Helen passou a fitar algo mais abaixo, como talvez a própria mão, permanecendo estática e piscando o mínimo possível. Lupin começou então a enxergar tudo o que estava ao seu redor. Ela passou a emitir sons e manter suas asas baixas, como estivesse prestes a voar. Na interpretação da falcoeira, a ave estava finalmente mais calma, embora não inteiramente relaxada.



Figura 5 - Helen e Lupin.  
“Invisibilidade”

Para entender melhor esse momento de apresentação, é importante ter em mente que se a ave em punho é *unmanned*, ou seja, ainda não passou pelo processo de *manning*, que será

abordado detalhadamente mais a frente, ela não sabe o que está acontecendo por ser algo inteiramente novo para ela. Num momento ela está em contato direto com algumas outras aves de rapina, convivendo com seres humanos em momentos espaçados sem ser de fato manejada, e de uma hora para outra está no punho de um ser humano nunca visto. É um momento que cheira a perigo e imprevisibilidade (Schroer, 2014). Desse modo, é indispensável fazer dessa experiência o menos estressante possível, por isso a técnica da invisibilidade.

A única forma de domesticá-los é através de um tipo de reforço que seja positivo, como oferecer comida. Por isso, para Mabel foram oferecidos pedaços de carne já de início, para que ela se acalmasse ao focar no alimento enquanto a falcoeira se preocupava em tentar se fazer ausente, “invisível”. Prestando atenção na carne e querendo comê-la, o açor permite acima de tudo duas coisas: a primeira é ultrapassar o medo a ponto de aceitar o alimento que parte de quem inicialmente causou pavor pelo simples fato de estar ali; a segunda, por sua vez, que o pontapé seja dado para que ambos se tornem no futuro próximo companheiros em meio a caças, pois ali ele já estará começando a entender que aquele outro ser, de uma outra espécie, o ajudará a conquistar novas presas.

São vários os passos que têm que ser dados pelos dois lados dessa relação. A ave precisa desenvolver um senso de confiança em quem está ali disposta a conquistá-la, como já afirmado. A humana, por sua vez, precisa dar margem para que essa confiança se desenvolva, iniciando pela “invisibilidade”, como já dito, depois incentivando a ave a comer direto na luva, para então trabalhar para que ela se sinta à vontade num novo ambiente, no caso, na casa da falcoeira. Desse ponto em diante, a ave já estará confortável em buscar por ela para obter comida até que partam para a etapa final do treinamento: voo com fiador seguido de um voo livre. Todo esse caminho a ser traçado lado a lado por ambas requer muita dedicação. No caso da tutora é importante que haja um empenho quase que exclusivo a essa atividade. É como se o mundo se resumisse às duas. Essa empreitada fez de Helen uma verdadeira *austrianger*: houve avisos para que os amigos não a perturbassem para que ela acomodasse e treinasse Mabel, de forma solitária, o máximo possível. Em meio a dificuldades houve a ajuda de um amigo ou outro, mas, no geral, em boa parte dos dias era como se tudo girasse em torno delas.

Toda essa etapa descrita aqui faz parte do que na falcoaria é chamado de *mannig*. Significa período de adaptação, no qual, como explicitado, o falcoeiro ou a falcoeira busca desenvolver uma ligação de pura confiança com a ave, enquanto esta se acostuma ao espaço, aos equipamentos utilizados e também às etapas do treinamento, tudo isso a partir de atos como ser levada ao punho e alimentada (Schroer, 2014; Macdonald, 2014). Para Glasier (1998), não é tão necessário nessa etapa manter a ave em punho. Basta fazê-lo somente ao alimentá-la,

porque é o alimento que roubará a sua atenção de modo que não se assuste facilmente diante de coisas que para ela são estranhas. Considerando sua pouca familiaridade com o mundo, certamente esses sustos são recorrentes. Na medida em que esses momentos permanecerem acontecendo, a proximidade ficará cada vez menos estressante de modo que será cada vez mais fácil ir expandindo o mundo da ave: de uma sala fechada e escura na qual o vínculo entre falcoeira e açor é a única coisa sendo trabalhada, pode-se então dar um próximo passo em direção a novas apresentações, a novos estímulos visuais e sonoros. Resumidamente, para ajudar a desenvolver a relação entre ave e humano é necessário entender os limites da primeira para que não haja rejeição à sua companhia diária e ao espaço ao qual foi introduzida.

*Manning*, como já é possível perceber, é uma etapa que leva bastante tempo. Para Glasier (1998, p.125), é um processo que não tem exatamente um fim. Se partirmos da ideia de que é um meio de adaptação da ave ao novo, sempre haverá algo ou alguém até então desconhecido para ela, logo, se torna ainda mais importante dar cuidadosos passos seguindo esse caminho para que se torne uma realidade ter por perto uma ave que permanece relaxada mesmo em meio a novas experiências. No fim das contas, toda essa paciência necessária e insistentemente mencionada inevitavelmente deve partir de ambos os lados. É imprescindível ser paciente para lidar com tantas mudanças junto a uma outra espécie logo no início da vida em conjunto.

Assim como o treinamento em si, que será abordado no tópico seguinte, *manning* pode e deve ser visto como exercício corresponsivo; um ato contínuo em busca de uma aprendizagem mútua no qual o humano aprende ou desenvolve mais ainda seu papel de falcoeiro e no qual a ave aprende a ser uma ave de falcoaria. Tudo isso num compromisso diário que requer um nível de abertura para novos entendimentos que recaí nas duas partes da relação, afinal, são perspectivas distintas que precisam estar alinhadas, na medida do possível, para que se estabeleça uma confiança indispensável para o convívio e contato direto. Assim como, no caso, o açor precisa aprender a confiar, a falcoeira precisa aprender a passar a confiança necessária para que o *manning* seja o que de fato precisa ser: uma base sólida para a evolução dessa parceria. Mas o caminho é longo e exaustivo.

#### 4.4 OS ENSINAMENTOS DE MABEL

*Training a bird of prey is not a one-way street; not only are you teaching the birds, at the same time you are learning from them.*

Sara Asu Schroer

Reza a lenda que a habilidade de uma ave como o gavião ou o falcão para a falcoaria é inversamente proporcional à braveza do nome que é dado a ele (Macdonald, 2016, p.90). Por exemplo: se um falcão-peregrino for chamado de Matador, ele estará muito longe disso e será difícil de treinar. Se for Fofuxo, será a fúria em forma de ave de rapina, exemplar na caça. Inicialmente a autora achava curiosa essa mania. Mas, com o açaor por perto, se afastou o máximo possível de qualquer nome que a aproximasse do matar. Então que fosse algo mais neutro: Mabel, *amabilis*, amável.

Os primeiros dias de *mannig* foram repletos de observações. Paradoxalmente, o ser que tinha sede de sangue era o mesmo que surpreendia continuamente sua companheira humana com sua postura tranquila e seu sono constante, a ponto de fazer Helen Macdonald se perguntar se havia algo errado. Ela estava preparada para lidar com uma ave irritadiça, totalmente estressada, complicada, basicamente um terror, exatamente como os açores foram descritos não só por autores de livros como também pelos seus amigos falcoeiros. Então o que poderia estar acontecendo para que Mabel fosse o exato oposto? Em primeiro lugar, era uma ave muito nova, tinha pouco mais de dez semanas de vida. Ela dormia bastante por esse motivo. Em segundo lugar, e mais importante para essa discussão, ela era realmente tranquila, e podemos sugerir que fosse algo específico e próprio *daquela* ave. Podemos pontuar mais uma vez a necessidade de enxergar muitos animais não-humanos como se enxerga o humano: dotados de personalidade individual, com características singulares que são capazes de distingui-lo de um outro ser da mesma espécie, como já comentado no primeiro capítulo.

As observações contínuas da tutora merecem ser detalhadas a partir de uma citação do livro. Lendo é possível entender o porquê de a relação ter dado certo mesmo com percalços, e também a importância de buscar enxergar quais as características que constituem o ser que te acompanha, principalmente no início da ambientação.

Os primeiros dias com uma nova ave de rapina selvagem constituem uma dança delicada e reflexiva. Para julgar quando coçar o nariz sem ofender, quando caminhar e quando se sentar, quando retroceder e quando se aproximar, você deve interpretar o estado mental de sua ave. Você consegue fazer isso observando sua postura e suas penas, cujos movimentos fazem da aparência da ave um barômetro de humor controlado com primor. As emoções mais simples de um açor são facilmente percebidas. As penas junto ao corpo significam *Estou com medo*. Quando estão mais soltas significam *Estou à vontade*. No entanto, quanto mais você observa um açor, mais sutilezas consegue enxergar; e, em pouco tempo, com meu estado de supervigilância, eu reagia ao mais ínfimo dos sinais. Uma contração das peninhas em torno do bico e um estreitamento quase imperceptível dos olhos significavam algo como *feliz*; uma expressão específica, fugaz, em seu rosto, estranhamente distante e reservada, significava *com sono*. (Macdonald, 2016, p.87, grifos da autora)

Essas palavras de Helen me fazem retomar dois pontos significativos neste trabalho. O primeiro é o motivo pelo qual escolhi esse livro para ser estudado e trabalhado em meio ao que diz respeito às relações interespecíes. Ele explicita detalhadamente uma via de entendimento da capacidade de desenvolvimento de uma relação plena entre dois seres que se comunicam e enxergam o mundo de maneiras bem distintas. O segundo é a relevância de se dispor a entender uma ave sob todos os aspectos possíveis a partir do simples gesto de *observá-la*, de observar os sinais que ela transmite voluntária ou involuntariamente. É interpretar o estado mental da ave a partir do que ela passa.

Como na construção de qualquer relação, é indispensável a busca pela compreensão dos limites do outro indivíduo. O primeiro passo – e aqui falo especificamente da relação entre um ser humano e um não-humano – é respeitar o que o constitui, no sentido de não procurar apagar ou simplesmente minimizar suas características próprias para substituí-las por outras que aproximem mais do que parece ser mais humano. E isso só é possível a partir da disposição do falcoeiro em entender com a ave a partir do que ela transfere, seja algo referente ao seu temperamento ou às suas limitações físicas. Se mesmo ao seguir esse caminho de predisposição para ser compreensivo e se permitir ser confiado pela ave há possibilidades de erros que podem acarretar – ainda que momentaneamente – na dissolução ou, antes mesmo disso, na impossibilidade de desenvolvimento da parceria entre ambos, optar por uma relação por vias coercitivas, na qual as decisões são tomadas unilateralmente privilegiando apenas as vontades humanas, é a certeza do fracasso.

E falando especificamente da ampliação do *manning* como meio de querer uma segunda chance para o desenvolvimento da parceria, essa informação se choca com o que foi afirmado por Glasier (1998), como mostrado anteriormente, pois diferentemente da visão desse que trata essa etapa como contínua, Schroer, a partir das entrevistas realizadas no seu trabalho de campo, chegou à conclusão de que para muitos falcoeiros o *manning* precisa ser um processo por tempo determinado. É necessário saber bem o momento de pôr um fim a essa fase para obter êxito o na próxima, o treinamento propriamente dito. Isso porque essa ampliação pode fazer da ave muito centrada e dependente do humano que a acompanha, pois “leva ao desenvolvimento de uma relação na qual a ave passa a tratar o falcoeiro como uma figura paterna (ou materna) em vez de um parceiro de caça, o que é reforçado pelo alimento que o falcoeiro provê para ela” (Schroer, 2014, p.88, tradução nossa). Assim, a ave pode começar a desenvolver “maus hábitos”, como agressividade direcionada ao falcoeiro e renúncia em caçar. Nas palavras da autora, se torna uma adolescência sem fim.

Para fugir disso, deve haver uma noção clara do que deve ser feito para que a transferência de uma etapa para a outra seja benéfica. Assim, o *manning* se torna um momento de criação do elo entre ambos e uma porta de entrada para que a ave se sinta confiante o suficiente com o seu parceiro para que o início da etapa do treinamento e da caça seja atingido sem estresses para nenhum dos lados. É esse aspecto tão detalhado aqui que afasta essa falcoaria da *tradicional*, dos ensinamentos transmitidos ao longo dos séculos sobre como *dominar* a ave de rapina para que ela aja “adequadamente”, em outras palavras, de acordo com o que era mais cômodo aos seus respectivos falcoeiros.

Macdonald, em seu mundo reduzido à ave, parecia que em alguns momentos enxergava muito bem os sentimentos da Mabel mas, em alguns outros, os interpretava erroneamente por se culpar por algumas reações da ave. Por um breve momento Helen não conseguiu entender que acima de tudo a ave era tranquila, e não doente, algo comprovado pelo seu amigo que se surpreendeu diante da reação da ave ao se ver numa casa diferente e frente a frente com um cachorro, um ser que ela ainda não havia visto. Ao tirar o capuz da Mabel, as pessoas presentes esperavam dela histeria. A única coisa que notaram foi surpresa diante do novo. Aquela parecia ser a prova que faltava de que ela estava finalmente ambientada. Em outras palavras, o *manning* havia dado certo e não seria um equívoco dar um próximo passo já em direção ao treinamento propriamente dito. E assim teve início a etapa *carriage*.

*Carriage* é o nome dado na falcoaria para o simples caminhar com uma ave de rapina em punho para acalmá-la ao mesmo tempo fazê-la enxergar novidades que ambientes externos trazem. É óbvio, inclusive e principalmente para Helen, que esse ato não é hoje tão simples quanto era no século XVII, ou até mesmo nas primeiras décadas do século XX, por exemplo. Nos dias atuais há muitos mais estímulos para uma ave, muito mais curiosos encarando ou se aproximando, considerando que *carriage* nas épocas mencionadas era muito comum, o que chamava menos atenção. Numa comparação entre esses momentos, é natural que no hoje haja apreensão. Surpreendentemente ou não, Mabel não reagiu mal andando pelos jardins próximos à casa. Enquanto Helen se retraía em meio àquela bagunça de sons e movimentos, como se antecipasse o mal-estar da sua companheira, Mabel estava interessada em tudo que ela conseguia captar com sua visão – o que é mais do que qualquer ser humano seria capaz.

O mundo onde ela vive não é meu. A vida é mais veloz para ela; o tempo corre mais devagar. Os olhos de Mabel podem acompanhar as batidas das asas de uma abelha tão facilmente quanto os nossos olhos acompanham as batidas de asas de um pássaro. *O que será que ela está vendo?*, penso, e meu cérebro dá voltas tentando imaginar, porque não sou capaz. Tenho três diferentes receptores sensoriais nos olhos: vermelho, verde, azul. As aves de rapina, como as demais aves, têm quatro. Meu açor

pode ver cores que não consigo, dentro do espectro ultravioleta. Pode ver luz polarizada, também, observar uma cortina de ar quente se levantar, rastrear nuvens e atravessá-las, e traçar as linhas magnéticas de força que se estende através da Terra. A luz incidindo em suas profundas pupilas negras é registrada com uma precisão tão assustadora que ela consegue ver com intensa clareza coisas que possivelmente não consigo distinguir de um borrão generalizado. (Macdonald, 2016, p. 99-100, grifos da autora)

Helen pontuou que seres humanos e aves de rapina enxergam tudo ao seu redor diferentemente. Não é só pela capacidade visual, como já mencionado, como também pelos interesses propriamente ditos. O que nos interessa, segundo a autora, é realmente desinteressante para a ave. E até o que parece meramente interessante para ela fica em segundo plano quando enxerga um bater de asas. É o que rouba seu fascínio e tudo o que importa nesse momento é fazer desse bater de asas uma nova presa. Como afirmou a falcoeira, é como se Mabel estivesse “possuída”, de tão transformada. “As penas da crista se levantam (...), as penas da barriga saltadas, os ombros caídos, as patas muito firmes(...). Sua conduta se altera de *todas as coisas me apavoram para eu vejo tudo; tudo me pertence(...)*” (ibid., p.175).

Eis que começa o treino propriamente dito. Antes de fazer a ave voar ao ar livre, é necessário que ela passe a atender o comando de quem a treina ainda dentro de casa. O intuito é fazer com que ela voe do poleiro para o punho até que diante de muitas repetições desse comando, a partir de uma distância cada vez maior, a ave passe a voar naturalmente até pousar na luva. Esse comando demanda um pedaço de carne em mãos e um apito. Assim, é apresentada a carne como presa e o apito (ou até o assobio) é o que associa o seu uso à necessidade do voo. Porém, Mabel não fez de primeira o que dela era esperado. O interesse dela era alcançar a comida sem precisar sair do lugar. Ainda que o que a separava da carne fosse uma distância de vinte e cinco centímetros, sendo Mabel uma ave pequena, ela tentou de todos os modos e nada conseguiu. Só quando viu que não haveria meio de chegar até o pedaço de carne ela decidiu voar até Helen. Voou rapidamente, pousando com força, como se estivesse de fato querendo alcançar uma presa. E a partir disso se iniciou a repetição.

Além da distância que se ampliava, havia um truque interessante: enquanto a ave comia a carne, que era seu alvo, Helen selecionava o momento certo para esconder a parte restante do alimento num movimento rápido. Mabel, confusa, procurava pelo chão o pedaço que sumiu até que fosse colocada de novo no poleiro para o próximo voo. Só então a parte restante da carne “magicamente” aparecia para servir de impulso. A vontade de continuar de onde parou resultava nesse voo que de tantas vezes feito passou a ser algo natural.

E assim as duas seguiram num treinamento contínuo. Com todos os equipamentos necessários, as duas foram até o campo para que Mabel voasse. Esse momento foi garantido pelos cálculos da Helen que garantiam que o peso da ave estava perfeito para tanto. Como dito anteriormente, trata-se de uma etapa que não pode ser diminuída se o intuito é fazer com que a ave voe plenamente. E esse voo pleno só ocorrerá se a ave *quiser*. Se o falcoeiro estender o braço, assobiar e a ave não for imediatamente em direção a ele, nada mais poderá ser feito a não ser esperar por um próximo momento e uma nova tentativa.

A ave pula até o parapeito de madeira da varanda e vira a cabeça para mim agachada como um boxeador. Recuo quase dois metros, ponho metade de um frango na luva, estendo o braço e assobio. Não há hesitação. Ouço um arranhar de garras na madeira, um abrir de penas, um profundo movimento para baixo, o breve e pesado balanço de garras se impulsionando e o baque surdo no momento em que ela atinge minha luva. Depois que termina de comer, fazemos aquilo novamente, e dessa vez me posiciono e o baque surdo no momento em que ela atinge minha luva. (...) Na terceira vez que a coloco no parapeito, ela já está voando quase no momento em que viro as costas: uma batida do meu coração, uma luva estendida rapidamente, e lá está ela, ao meu lado, devorando o resto da comida, a crista levantada, as asas caídas, os olhos resplandecentes, um exemplo perfeito de triunfo. Enrosco a leash de volta pelo destorcedor e desato o fiador. Por hoje chega. Ela voou perfeitamente. (Macdonald, 2016, p.125-126)

No quarto dia a ave já estava voando a uma distância de vinte e cinco metros! Atingindo o dobro, já poderia voar livremente, ou seja, sem nenhum equipamento que a conectasse a Helen. Antes disso, num novo momento, repetiram Helen e Christina o treino. Mabel saltou do punho de Christina, amiga de Helen, e foi na direção da falcoeira, mas não pousou. Em vez disso, tentou alcançar a comida com as garras de uma pata enquanto tentava voar para longe. O não conseguir assustou a ave que tentou se afastar mais, e Helen fez a única coisa que pôde.

Agarrei o fiador e corri com ela, impondo resistência na linha até que Mabel fosse trazida para o solo, a crista levantada, as asas totalmente estendidas, os pés plantados no gramado, o bico aberto, ofegante de raiva. Estiquei o punho e ela voou direto para ele, como se nada tivesse acontecido (Macdonald, 2016, p.135)

O problema seguiu acontecendo sem que existissem pistas do motivo. Algo assim ocorreu em experiências com outras rapinantes quando não estavam no peso ideal, mas não era esse o erro pois havia a certeza de que Mabel estava como deveria estar. Surgiu então uma possível resposta: o problema estava em alimentá-la com frango nesse estágio do treinamento. É uma carne muito rica que atrapalha o voo. Ironicamente, a carne que deveria atrair a ave até o punho da Helen acabava por repeli-la. O certo seria dar coelhos. Assim foi feito: o alimento foi substituído. Infelizmente, o problema seguia ocorrendo, o que causava estresse em ambas.

Depois de muitas tentativas, houve a certeza: o peso dela ainda não era o ideal de voo. Atingir finalmente oitocentos e oitenta gramas transformou Mabel numa ave de “postura estranhamente ereta, (...) penas pálidas afofadas perto dos dedos, (...) penas se eriçando na crista, modo firme e possessivo de suas patas ao agarrarem a luva”. Sob o olhar de falcoeiros experientes, era um sinal claro de que finalmente ela estava pronta para voos completos.

Na parte II do livro começa então a descrição do voo livre, que é o momento de transformar a vida da ave e ampliar o seu mundo de modo a ultrapassar a fase do voo curto de poleiro até a luva para introduzir a esse mundo o que é essencial para ela: possibilidades de voo, ventos, árvores, caça. Antes disso, importante mencionar que se faz mais do que necessária a colocação de um guizo na ave antes do início dessa nova etapa. Embora pudesse ser esperado, Mabel não se incomodou com ele. Tendo essa parte assegurada, do uso do guizo que não se soltará da ave, aí sim o treinamento do voo livre pode ser iniciado.

À noite, Mabel foi levada ao topo de um morro. Helen ansiosa e aflita, Mabel igualmente ansiosa e inquieta. Ela queria voar, queria caçar. Chegando ao destino, o *destorcedor* e a *leash* de Mabel estavam guardadas e seus *jesses* foram trocados pelos finos que não correm o risco de prender nos galhos. Num simples e rápido movimento, Mabel direcionou seu olhar para um lado da vegetação onde havia sinal de alguns bichos e esse foi o ponto de partida ideal para ela seguir em voo livre. Ave feliz, falcoeira apreensiva e temerosa de perder sua companheira de vez. Mabel mergulhou em direção ao alvo da caça, mas o perdeu, então começou a voar em círculos, no alto, olhando para sua tutora mas passando incerteza sobre a vontade de voltar. O voo livre em círculos, algo antes impossível pela conexão com Helen através dos equipamentos, agora era possível.

Helen estendeu a mão, Mabel foi até ela, tocando levemente na luva para então voltar a voar em círculos e entrar num bosque. Mas ainda estava olhando para a falcoeira, e de frente para ela, o que foi considerado positivo. Helen então colocou carne na luva, estendeu o braço, apitou e chamou o açor pelo nome. Mabel finalmente voltou. Novos voos livres obviamente foram realizados. Como era de se esperar, não foi em todos eles que as duas entraram em sintonia. Por vezes, Mabel se dirigia a bosques, adentrava as florestas e fazia Helen forçar sua audição na expectativa de ouvir o bendito guizo que indicava que o açor estava pelo menos minimamente próximo. Lidando com aflições, numa uma espera longa em meio a corridas e mais corridas na direção que parecia ser a também tomada pela Mabel, Helen se apegava às expectativas de alcançar a ave. No fim das contas sempre conseguia, às vezes no susto quando a ave aparecia do nada, como num disparo, e avançava na luva e ali ficava; às vezes quando se deparava com ela se alimentando da presa, da qual Helen também se aproximava para que em

um truque capturasse parte da caça sem deixar parecer que foi tomada. Mas, em meio ao apego que sentia, era como se sempre houvesse o medo de perdê-la. Ainda assim, cada experiência de observação do voo e do reencontro era única e insubstituível, em parte ao luto e em parte à conexão propriamente dita.

Fazia um bom tempo que eu não caçava com uma ave de rapina, então não me lembrava de ser assim. E estava certa de que nunca fora assim. (...) O professor Tom Cade, falcoeiro e cientista, certa vez descreveu a falcoaria como uma espécie de “observação de alta intensidade de pássaros”. Achei que era uma expressão feliz, precisa. Mas agora sabia que estava errada. O que eu acabara de fazer não tinha nada a ver com observação de pássaros. Era mais como um jogo, embora as apostas fossem infinitamente mais sangrentas. No âmagô, era uma desejada perda de controle. Alguém deposita seu coração, suas habilidades, até mesmo sua alma em uma atividade — treinar uma ave de rapina, aprender os padrões da pista de corrida ou dos números num jogo de cartas —, e depois abre mão do controle sobre isso. Era esta a armadilha. Uma vez que os dados são lançados, o cavalo começa a correr, a ave de rapina deixa o seu punho, a pessoa se abre para a sorte e não tem como controlar os resultados. No entanto, tudo o que fez até aquele momento a convence de que talvez tenha sorte. Talvez a ave capture a presa, talvez tenha a mão cheia no jogo, talvez o cavalo seja o primeiro colocado. Aquele mínimo espaço de incerteza é um lugar estranho. A pessoa se sente segura porque está inteiramente à mercê do mundo. É um barato. (Macdonald, 2016, p.173-174)

#### 4.5 LIÇÕES DE UMA RELAÇÃO INTERESPÉCIES

*Falconry is in many ways deep down about conjuring presence in absence, it's about having this wild creature that's decided that it wants to come back to you.*

*Helen Macdonald*

Folheando mais uma vez o livro e enxergando as diferentes anotações que rabisquei, recordei que numa primeira leitura o que mais me chamou a atenção nele foi o uso constante do *nós* que em muitas páginas está circulado por mim. Oculto ou expressamente, ele estava ali nas descrições detalhadas da Helen Macdonald sobre as suas aventuras com a Mabel. Esse ponto pode ser exemplificado numa fala da autora presente na entrevista que foi citada logo no início do capítulo. Helen explica que sua história com Mabel não pode ser simplificada e reduzida a um “Eu estava triste, então adquiri uma ave e fiquei feliz”. Nas palavras dela: “Mabel

me levou a muitos lugares obscuros, mas voltamos *juntas*”<sup>46</sup>. Isso parte do olhar sobre a relação construída como agir não *para mim* e sim *comigo*. E esse *comigo* que representa uma agência compartilhada só se firma se a relação for entendida como uma parceria propriamente dita na qual animais não-humanos são vistos como seres com os quais seus parceiros humanos podem desenvolver uma comunicação significativa, e que possuem suas próprias histórias e habilidades de aprendizagem através das experiências que acumulam (Schroer, 2014, p.24). E só se pode chegar a essa conclusão se partir do pressuposto de que a socialidade não está limitada à espécie humana, que se expande e abarca outras espécies que têm a capacidade de agir inclusive junto a ela.

Essa relação firme inevitavelmente me faz pensar no texto *The Body We Care For: Figures of Anthro-zoo-genesis* da filósofa Vinciane Despret (2004), já mencionado neste trabalho, e o experimento de Rosenthal detalhado por ela para chegar a uma conclusão sobre o experimento em si, o psicólogo que encabeçou o estudo, seus estudantes envolvidos e, não menos importantes, os ratos estudados. Como parte do resultado desse experimento e das consequências, Despret traz uma explicação que acredito caber na discussão aqui proposta.

Guardadas as devidas proporções, Helen também depositou sua confiança em Mabel, que foi acima de tudo emocional, se tratando de uma fase de luto que de um modo ou de outro acompanhou a falcoeira e conseqüentemente a ave, e que igualmente foi transmitida através dos seus movimentos, dos gestos direcionados a Mabel – que também recebeu essa confiança através do manejo em si, do carinho, dos alimentos e incentivos constantes. Assim como no texto de Despret, Helen conseguiu criar uma sintonia entre suas crenças e a ave, crenças essas que também fizeram criar novas identidades tanto para ela quanto para Mabel<sup>47</sup>. Uma relação pautada nesse misto de características, do peso emocional à prática do cuidado contínuo no contato direto e constante, nessa ligação inevitável, é o que para Despret revela a essência da prática da domesticação. Como pontuado no primeiro capítulo, ao se tratar de domesticação, em vez de defini-la a partir da ideia de controle, deve-se partir do sentido da relação emocional desenvolvida a partir da confiança, da crença, de expectativas, que transforma os seres nela envolvidos no sentido identitário, transformando também seus respectivos mundos. E é exatamente isso que está sendo tratado neste trabalho.

---

<sup>46</sup> Politics and Prose. Helen Macdonald, "H is For Hawk". YouTube, 2016. Disponível em:<  
[https://www.youtube.com/watch?v=fUjwCjjU2SM&t=2447s&ab\\_channel=PoliticsandProse](https://www.youtube.com/watch?v=fUjwCjjU2SM&t=2447s&ab_channel=PoliticsandProse)> Acesso em: 30 de outubro de 2021.

<sup>47</sup> Despret, 2004, p.122

“Ambos transformam a prática que os articula em o que podemos chamar de uma 'prática de antropo-zoo-gênese', uma prática que constrói animais não-humanos e humanos” (Despret, 2004, p.122, tradução nossa). Nesse sentido, há uma reciprocidade entre eles na proposta de novo modo de “vir a ser”, segundo Vinciane Despret, na medida em que estabelecem a relação. Relembrando o que foi exposto nos capítulos anteriores e atribuindo agora às protagonistas da história abordada, é como se Mabel possibilitasse Helen ser uma boa falcoeira, principalmente uma boa treinadora de açores, e Helen possibilitasse que Mabel criasse novos meios de ‘estar-com-uma-humana’ e novos modos de ‘estar-junto’. Ser uma ave com uma humana, ser uma humana com uma ave de rapina, ainda que venham, por assim dizer, de mundos completamente distintos.

O escritor e ecologista americano Aldo Leopold certa vez escreveu que a falcoaria era um ato de equilíbrio entre a selvageria e a domesticação — não apenas no caso do falcão, mas dentro do coração e da mente do falcoeiro. É por isso que ele a considerava o hobby perfeito. Estou começando a perceber o equilíbrio se nivelando agora, e a distância entre mim e Mabel aumentando. Percebo também que o mundo dela e o meu mundo não são o mesmo, e uma parte de mim está espantada de que alguma vez eu tenha pensado que fossem. (Macdonald, 2016, p.227)

Considerada a atenção aos usos constantes do *nós*, algo ainda mais significativo virou destaque no livro. É comum encarar rapinantes como falcões, águias e açores como seres assustadores que atacariam qualquer pessoa. E não é um estereótipo infundado. De fato, historicamente, eles foram “desenhados” para que representassem morte, violência, como se fossem “predadores sem pena de coisas mais fracas do que eles mesmos” (Macdonald, 2016, p.197). Infelizmente, falcões chegaram a ser um símbolo nazista porque representavam para esse grupo o ícone perfeito para a ideologia que defendiam. E o açor, especificamente, como aprendido através do livro, segue sendo considerado sanguinário, difícil de “domar” e inevitavelmente sorratoeiro. Pois então, quem poderia imaginar a capacidade que eles têm de brincar? Brincar mesmo, de ter um momento de diversão que não tinha absolutamente nada a ver com a tal sede de sangue.

Os olhos dela estão semicerrados em um riso de passarinho. Também estou rindo. Enrolo uma revista como um tubo e olho através dele como se fosse um telescópio. Ela baixa a cabeça para me olhar pelo buraco. Enfia o bico ali o máximo que consegue, bicando o ar vazio lá dentro. Colocando a boca na abertura do meu lado do telescópio de papel, falo: — Olá, Mabel. Ela tira o bico. Todas as penas de sua cabeça estão eriçadas. Ela balança a cauda rapidamente de um lado para outro e estremece de felicidade.(ibid., p.114-115)

Num outro momento, a autora confidencia como num diário que em muitas noites ela e Mabel brincaram. Para esses momentos, criou brinquedos de papel e cartolina. Quando Helen jogava alguma bolinha para sua companheira, essa pegava com o bico e jogava de volta, logo depois se inclinava na expectativa de que a falcoeira fizesse o mesmo. Coincidentemente, e aqui falo de uma experiência particular, é exatamente o que costumo fazer nos momentos que dedico às brincadeiras com a gata que crio. Essa minha informação não gera o mesmo impacto da história contada pela autora por motivos óbvios: de gatos é esperado esse tipo de ação, essa *capacidade* de brincar. De uma rapinante, definitivamente não. Quando Helen contou para o seu amigo Stuart que se divertiu com Mabel utilizando bolinhas de papel, ele não acreditou. “Não se brinca com açores. Não é o que as pessoas fazem” (2016, p.216). Por que não?

A alegria proporcionada a Helen pela Mabel, ao manifestar seu desejo de brincar, foi substituída pela tristeza diante da noção de que nunca foi dito a ela que açores brincavam. Nenhum falcoeiro amigo, nenhum livro, nada. Surgiu a dúvida sobre essa informação nunca ser mencionada porque de fato nunca foi dado espaço para que os açores mostrassem esse outro traço de personalidade. Se apegar a uma imagem de um animal não-humano incansavelmente veiculada sem dar-lhe a oportunidade de comunicar o seu próprio *eu* é um erro reforçado constantemente pela indisponibilidade – e não incapacidade – de ater-se às suas diferentes manifestações.



Figura 6 - Helen e Mabel brincando.

Mabel faleceu pouco antes de *H Is For Hawk* ser finalizado. Uma infecção repentina e impossível de ser tratada fez com que a parceria tivesse fim. Oito anos depois uma nova dupla foi formada com Lupin, um novo açor igualmente surpreendente que encontrou Helen num melhor momento da vida. Seu treinamento não mais foi solitário: houve proximidade com

outros seres humanos e outras aves, em treinamentos em grupo. Podemos dizer que se tornou uma relação mais saudável na qual a falcoeira não buscava enxergar através dos olhos do açor, e sim tentava sentir o que ele sentia (Schroer, 2014, p.221) com o intuito de auxiliar o firmar do laço, de auxiliar positivamente no voo e na caça, e não para fugir do seu próprio universo. A experiência do voo livre foi alegre e encarada como é: o produto de todas as etapas de ambientação e formação da confiança mútua, confiança essa finalmente testada num momento-chave.

Como afirma Schroer (2018, p.34), as relações firmadas entre humanos e aves de rapina em meio a falcoaria são diversas e têm um passado e tanto, contudo, ainda não foram largamente consideradas sob o “guarda-chuva conceitual da domesticação”. De fato, tal relação não se encaixa facilmente na divisão entre *wild* e *tame*, tampouco cai na ideia de superioridade e dominação. Como repetido em diversas linhas deste trabalho, o que configura essa ligação entre ambas as espécies é na verdade a cooperação; não só na caça propriamente dita, na qual o ser humano envolvido mostra que ajudará a alcançar a presa e a ave acredita que de fato é esse o papel da pessoa que a acompanha, como também em todo o processo transformador que se inicia no estranhamento diante do novo e culmina na solidez de uma parceria segura.

Schroer (2018), num outro trabalho, explica que a prática da falcoaria traz curiosas questões sobre a socialidade e a formação da identidade presentes nela. Os componentes dessa relação que residem principalmente num balanceamento entre dependência e independência, *wildness* e *tameness* da ave, não têm como ser compreendidos a partir de conceitualizações que apontem uma oposição entre o selvagem e o domesticado. O ato *tornar-se* que manifesta em ambos, tanto no humano quanto no não-humano, não se enquadra nessa categorização tão familiar às ciências sociais.

A falcoaria e, conseqüentemente, a parceria entre falcoeira e ave, como aqui exposto, não têm como ser entendidas se não for o intuito do pesquisador partir de uma ênfase na relação social ali formada e a comunicação que é estabelecida. Talvez o que mais chame a atenção em *H Is For Hawk* seja a capacidade nele descrita de dois seres como esses que buscam conseguir criar e recriar uma relação tão íntima que acaba inevitavelmente transformando suas respectivas perspectivas de modo a integrar um pouco o que constitui o outro. Para as personagens principais do livro foi de fato algo muito real. Mabel aprendeu a relaxar enquanto assistia à TV com Helen, enquanto brincava com revistas e papéis diferentes e, no geral, enquanto convivia com ela em meio às suas mais diferentes atividades próprias. Helen, por outro lado, aprendeu em meio aos passeios com Mabel a sentir a natureza de uma forma diferente que se não fosse a parceria com a ave de rapina nunca seria possível.

O traço mais marcante da ave, *wildeness*, ou seja, sua qualidade enquanto “selvagem”, não é algo a ser combatido pelos falcoeiros, pelo contrário! É algo a ser cultivado, admirado, buscado no exato momento em que uma pessoa decide se tornar falcoeira. Em outras palavras, não há uma tentativa de “civilizar” (Schroer, 2014, p.90) a ave para conectá-la às culturas humanas. Sendo assim, o ato de domesticar – ou o *taming* – não é uma via que tem como destino o apagamento desse traço pois vai num outro sentido: de buscar, na medida do possível, um compartilhamento de mundos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação me possibilitou ir mais a fundo na compreensão de como os aspectos que envolvem novas discussões sobre animais não-humanos dentro das ciências sociais permitem um olhar heterogêneo diante das mais diferentes relações estabelecidas entre seres humanos e tais animais. O trabalho foi estruturado para que essa discussão, quando ligada à apresentação da falcoaria, resultasse numa nova perspectiva que fizesse com que a relação estabelecida entre Mabel e Helen, e tantas outras, fossem enxergadas de um modo novo ou pelo menos mais amplo. A associação entre as discussões destrinchadas em cada uma das seções foi estabelecida nessa ordem com o intuito de oferecer vias que dessem origem a uma construção ou fortalecimento desse olhar mencionado, indo da base teórica à empírica.

O propósito na estruturação do primeiro capítulo foi construir uma linha expositiva que resultasse num “passeio” entre alguns dos principais representantes – aos olhos desta pesquisadora – de argumentações que marcaram fases de debates sobre o assunto aqui levantado, desde meras passagens de escritos que abordam animais de modo restritivo e ancorado em preceitos antropocêntricos a reestruturações tanto mais antigas quanto mais atuais que abrem portas para pesquisas como esta. Já o segundo capítulo foi desenvolvido com o intuito de apresentar os aspectos mais importantes para a compreensão do que é falcoaria, partindo dos principais escritos sobre a sua constituição até o modo como é encarada e preservada hoje, tendo no meio disso algumas abordagens breves porém suficientemente descritivas para ser possível conhecer quais são os animais que a integram, com o intuito de tornar a compreensão sobre esse esporte e suas etapas mais acessível aos que estão tendo pela primeira vez um contato mais próximo com o que o constitui. As discussões que preenchem esses dois capítulos culminam no que foi exposto no terceiro, quando enfim a história que é objeto de estudo deste trabalho foi de fato apresentada minuciosamente, com o apoio tanto no livro quanto em entrevistas que possibilitaram o enriquecimento do que aqui foi proposto.

Em meio às exposições mencionadas, busquei ter sempre em mente a importância de trazer diferentes perspectivas no preenchimento destas páginas, considerando e reconsiderando quais os melhores modos, dentro das minhas possibilidades, de desenvolver um trabalho que pudesse oferecer uma contribuição ainda que singela para a ampliação dessa discussão inclusive dentro da universidade, e não somente um jeito único de encará-la. Analisar o caso de Mabel e Helen, e até mesmo o de White e Gos, embora esse brevemente, é uma forma de transmitir um pouco do que integra essa prática milenar e também enxergar seus aspectos constitutivos pelo

viés socioantropológico. É possível dizer que o maior incentivo para apresentar a ideia desta dissertação e obstinadamente seguir na sua construção foi compreender que a lógica que configura a boa prática da falcoaria gira em torno da colocação do animal não-humano no *centro* do esporte, sendo isso afirmado e reafirmado por muitos praticantes. Apontar as incongruências presentes em discursos redutivos sobre consciência animal é ainda mais enriquecedor em meio à empiria. E as falas da Helen Macdonald sobre o que a Mabel transmitiu ao longo do que construíram juntas é o que torna tudo isso mais evidente inclusive para quem encara como novas as argumentações sobre agência animal.

Ainda é possível questionar a importância dos estudos sobre animais dentro do campo socioantropológico. “Por que pesquisar sobre animais enquanto nós, seres humanos, enfrentamos problemas que seguem requerendo análises profundas dentro das ciências sociais?”. Tal pensamento por vezes se ancora na ideia do animal não-humano como *coisa*, como um objeto, e não um sujeito. O olhar supostamente amplo sobre a ideia de sociedade e cultura recai numa análise dos estudos sobre animais como algo que não deveria ocupar tanto espaço nas ciências sociais, o que acaba por gerar o risco de dificultar a ampliação de grupos de discussão sobre o tema em meios já heterogêneos, cientificamente falando, que poderiam ser ainda mais frutíferos. Dito de outro modo, pesquisas que envolvem animais podem ser consideradas teoricamente aquém do que lidera as discussões socioantropológicas. Animais são os “outros”, o “lado de lá” de dualismos presentes nas ciências sociais, como a natureza colocada do lado oposto à cultura (Descola, 2006; Sússekind, 2018), eu e o outro, mente e corpo, civilizado e primitivo, agente e recurso, selvagem e domesticado etc. (Haraway, 1991, p.177; Russel, 2002).

Esses dualismos que como tantos outros não dão conta da complexidade do mundo e o que o compõe, são reforçados na medida em que há uma resistência em desestruturar concepções que reduzem animais a meros coadjuvantes que assumem uma posição de inferioridade frente à dita excepcionalidade humana. A separação entre esses seres, o animal e o humano, foi demarcada nas ciências sociais a tal ponto que foi necessário um esforço conjunto para buscar romper com tal inferiorização nos discursos antropocêntricos e antropomórficos, e a virada multiespécies pode representar essa mudança benéfica. Embora esse possa não ter sido o primeiro passo em busca de um olhar mais aberto na direção da amplitude presente no que preenche o “mundo animal” (Ingold, 1995; Sússekind, 2018), ele foi suficientemente significativo na medida em que foi fortalecendo uma *desantropocentralização*, isto é, foi renunciando a prática de colocar o ser humano como central para compreender o mundo.

Mas, ainda assim e mais uma vez, por que estudar o animal nas ciências sociais e seguir aprimorando o modo de enxergar a relação que este estabelece com o ser humano? Trazendo Dooren, Kirskey e Münster: “Todos os seres vivos emergem e fazem suas vidas dentro de comunidades” (2016, p.2, tradução nossa). As existências dos seres vivos, como afirmam os autores, estão entrelaçadas de tal modo que muito do que emergiu e emerge no mundo foi calcado em *conjunto*. O tornar-se é co-tornar-se, como já evidenciado neste trabalho. Os processos de desenvolvimento que compõem este mundo não ocorrem isoladamente, sendo assim, a compreensão do que o constitui, naturalmente, pode requerer uma abordagem interdisciplinar, precisando ser abrangente para contemplar as relações entre os mais diferentes modos de vida, numa articulação biológica e também sociocultural. E a literatura socioantropológica que foi se constituindo com base nessa ideia, principalmente nas quatro últimas décadas, abriu um terreno vasto para que argumentações fossem formuladas e reformuladas em prol de pesquisas cada vez mais afiadas no modo de questionar velhos modelos, evidenciando seus esgotamentos conceituais enquanto lançavam e lançam um novo olhar sobre o que vem tomando cada vez mais espaço, inclusive em forma de articulações entre diferentes áreas de pesquisa, para possibilitar novas imersões no vasto mundo multiespécies.

Trazer aves de rapina para desafiar alguns discursos datados sobre as relações estabelecidas entre humanos e não-humanos é, aos olhos desta pesquisadora, o resultado de todo esse esforço feito por diversos teóricos em diferentes cantos do mundo na construção de saberes dotados de pluralidade que são dinâmicos e reconfigurados ou reconfiguráveis, no sentido de expansão de uma literatura que reconheça o papel ativo e considerável do ser que não é humano em contextos anteriormente reduzidos ao protagonismo da nossa espécie. As rapinantes nas relações que estabelecem com os seres humanos em meio à prática da falcoaria não poderiam ser retratadas em pesquisas sociológicas ou antropológicas como um exemplo que reforçasse a ideia de *dominação* humana, de uma coerção que resultaria num treinamento produtivo, afinal, ela não pode ser forçada a uma cooperação (Schroer, 2014). Como foi abordado nos capítulos que compõem esta dissertação, a ave de rapina faz justamente o oposto: evidencia a fragilidade dessas concepções nos debates contemporâneos sobre o tema. O desenvolvimento do elo entre falcoeiro e rapinante só pode ser possível se houver espaço para o estabelecimento de uma relação de igualdade e de respeito. Para isso, é indispensável para o lado humano o reconhecimento das vontades e limites da ave em meio ao convívio e, para o lado da rapinante, que quem estiver com ela em punho não represente ameaças à sua integridade ou à sua sede de caça.

A parceria presente na falcoaria pode ser considerada peculiar no contexto das relações comumente vistas e abordadas entre humano e animais domesticados. As duas espécies permanecem autônomas até certo ponto, pois agem com essa autonomia mas ao mesmo tempo se mostram numa perfeita sinergia. O conceito de domesticação como um processo reversível se adequa às rapinantes justamente porque as que são mantidas com seus tutores podem voar para longe a qualquer momento e isso não afetará, por exemplo, sua busca por alimento. Elas não se tornam dependentes do ser humano. Se em meio ao voo livre elas decidirem retornar, será pela familiaridade criada e não por uma possível tentativa de coerção. Podemos traçar um paralelo entre o caso abordado do autor T.H. White e seu açor e o caso de Helen e Mabel. Enquanto no primeiro caso os limites da ave não foram respeitados e houve a tentativa de treinamento sob o véu do domínio, estremecendo a relação a tal ponto que a ave não mais voltou, no segundo a ave e a humana que a acompanhava desenvolveram uma cooperação na qual a independência permaneceu em primeiro plano, dentro das suas devidas proporções.

A falcoaria, desse modo, em toda a sua complexidade, pode contribuir cada vez mais para discutir esse vínculo entre humano e não-humano sob olhares contemporâneos de alargamento de abordagens sobre tais relações, inclusive em contextos culturais distintos, considerando a prática dessa arte como presente nos mais diferentes lugares do mundo. Essa prática se expande na medida em que nos deparamos com as nuances que rompem categorias redutivas e nos apresentam novas dimensões que ultrapassam os dualismos citados e, ao mesmo tempo, se renova, não sendo apenas um elo com o passado, como também um modo de discutir o presente e o futuro no que diz respeito às relações estabelecidas entre seres humanos e outras espécies.

Um dos pontos mais interessantes na observação das falas e posturas de falcoeiros em relação às aves conforme vão criando um laço em meio ao treinamento é que ambos, falcoeiro e ave de rapina, se inserem nas atividades que compartilham de formas similares, desenvolvendo, como explica Schroer, conjuntamente seus sentidos de *pertencimento*, o *estar* no mundo (2014, p.28). Cada etapa do treinamento desperta algum sentimento ou postura de um em relação ao outro no ambiente no qual estão inseridos, permitindo assim uma aproximação ou distanciamento entre ambos. Tudo recai, de fato, nas etapas bem executas desse laço em estabelecimento que requer, além de tudo, uma comunicação em meio às trocas inerentes à prática da falcoaria. Através dessa comunicação, tanto falcoeiro quanto ave correspondem aos movimentos do outro, a ponto de passarem a antecipar o que virá a ocorrer em meio ao treinamento e à convivência como um todo. Ou seja, eles se afetam mutuamente, continuamente, na medida em que vão se fazendo cada vez mais atuantes, como parceiros, na

manutenção da relação ali estabelecida. Vale reiterar que nos discursos de falcoeiros, tanto dos que já entrevistei para a minha monografia quanto de outros, para além do ato de caçar junto à ave – ou simular a caça, no caso dos falcoeiros brasileiros – o que havia de mais empolgante no contato diário com as rapinantes que adquiriam era justamente essa relação em desenvolvimento. O tornar-se falcoeiro e o tornar-se ave de falcoaria, como já discutido, são processos concomitantes. No reconhecimento dos papéis igualmente importantes das espécies envolvidas nesse vínculo, surge a necessidade de encarar a ave como agente, como presença forte e fundamental nas etapas do treinamento.

Apresentar a história de Helen e Mabel para evidenciar, na prática, o que a literatura aqui discutida vem fortalecendo nas ciências sociais, é um meio de buscar também apresentar inclusive a quem pouco tem contato com essa área de pesquisa as diferentes formas de encarar relações como a das duas. O intuito, como já afirmado, não foi apontar um único modo de discutir os principais conceitos utilizados em meio à exposição do livro, e sim ampliar as possibilidades de debates sobre o tema a partir de abordagens interdisciplinares, inclusive a partir da inserção da biologia, considerando, como afirma Tsing (2010), que a intersecção que ocorre entre as ciências naturais e as sociais está produzindo um novo modelo de abordagem que encoraja um também novo modo de imersão na vida dos não-humanos que estão sendo objetos de estudo. Segundo ela, antes desse processo de união entre áreas outrora distantes, a imersão num mundo multiespécies só era permitida às ciências naturais. Agora, com essa abordagem científica mais recente, a aprendizagem sobre a biologia é impulsionada com o uso das ferramentas das humanidades (ibid., p.201).

Posto isso e voltando à discussão aqui apresentada, tratar da relação estabelecida entre seres humanos e outros seres vivos, como as rapinantes, é buscar contribuir para esse campo desenvolvendo mais um trabalho que traz uma discussão sobre diversidade biocultural enquanto contempla a agência não-humana e as relações que direta e indiretamente são estabelecidas com outros indivíduos. Da mesma forma que é possível enriquecer a abordagem biológica a partir do uso das ferramentas mencionadas por Tsing, é também concebível apostar nessa união como uma forma de insistir num rompimento com análises restritivas sobre o animal não-humano para evidenciar debates igualmente recentes e férteis sobre novos modos de enxergar animais que não os humanos em seus diferentes modos de coexistirem conosco.

## REFERÊNCIAS

BARKHAM, P. Illegal bird of prey killings fall to lowest level in decade, but ‘true figure may be far higher’. *The Guardian*, Londres, 24 de nov. 2023. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/environment/2023/nov/24/bird-of-prey-killings-fall-to-lowest-level-in-decade-but-true-figure-may-be-far-higher>>. Acesso em: 05 de dez. de 2023.

BLAINE, Gilbert. *Falconry*. Newton: Charles T Branford Company. 1970. 253p.

BODIO, S. J. *A Rage for Falcons: An Alliance Between Man and Bird*. New York: Schocken Books. 1984. 135p.

BRASIL, Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade. Coordenação-Geral de Espécies Ameaçadas. Plano de Ação Nacional para a Conservação de Aves de Rapina. Brasília – DF: ICMBio, 2008. 136p

CALLADO, T. C. *O uso da falcoaria como um instrumento de educação ambiental no Parque Zoobotânico Arruda Câmara, João Pessoa – PB*. 71f. Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado em Ciências Biológicas) – Centro de Ciências Biológicas e Sociais Aplicadas, Universidade Estadual da Paraíba, João Pessoa, 2014. Orientador: Prof. Dr. Vancarder Brito Sousa.

CAMPBELL, James. *A treatise of modern falconry: To which is prefixed, from authors not generally known, an introduction, shewing the practice of falconry in certain remote times and countries*. Edinburgh: Balfour & Smellie. 1773. 264p.

CASANOVA, Catarina. Serão os não humanos os últimos “outros” na Antropologia? Representações sobre a superioridade humana. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, Porto, v.56, 2016. p.106-134.

CERULO, Karen. A. Nonhumans in Social Interaction. *The Annual Review of Sociology*, v. 35, 2009.

CLUTTON-BROCK, J. Introduction to domestication. In: \_\_\_\_\_. *The Walking Larder: Patterns of domestication, pastoralism, and predation*. New York: Routledge. 2015.

CROKE, Vicki Constantine. Helen Macdonald’s ‘H Is for Hawk’. *The New York Times*. New York, 19 de fev. de 2015. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2015/02/22/books/review/helen-macdonalds-h-is-for-hawk.html>>. Acesso em: 30 de out. de 2021.

DEMELLO, Margo. *Animals and Society: An Introduction to Human-Animal Studies*. 2ed. New York: Columbia University Press. 2021. 596p.

DESCOLA, P. ‘Beyond Nature and Culture’: Proceedings of the British Academy. v.139, p.137-155. British Academy, 2006.

DESPRET, Vinciane. *The Body we care for: figures of anthropo-zoo-genesis*. Body & Society. London: SAGE Publication, v.10 (2-3), p.111-134. 2004.

DESPRET, Vinciane. From secret agents to interagency. *History and Theory*. vol. 52, p.29-44. 2013.

DOOREN, T. V.; KIRSKEY, E.; Münster, U. Estudos multiespécies: cultivando artes de atentividade. *ClimaCom*. Campinas, v.3, n.7. p.1-25. 2016.

DOOREN, T. V.; KIRSKEY, E. MÜNSTER, U. Estudos multiespécies: cultivando artes de atentividade. Trad. Susana Oliveira Dias. *ClimaCom*, [Campinas], Incertezas, v.3, n.7, dez. 2016b. Disponível em: <<http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/wp-content/uploads/2014/12/07-Incertezas-nov-2016.pdf>>. Acesso em: 03 fev. 2023.

EPSTEIN, H. J. *The Origin and Earliest History of Falconry*. *Isis*, v.34 n.6, p.497-509, 1943. Disponível em: <[https://www.jstor.org/stable/225894?read-now=1&seq=1#page\\_scan\\_tab\\_contents](https://www.jstor.org/stable/225894?read-now=1&seq=1#page_scan_tab_contents)>. Acesso em: 02 nov. 2023

FALCONRY, a living human heritage. *Unesco*, Paris, 2021. Disponível em: <<https://ich.unesco.org/en/RL/falconry-a-living-human-heritage-01708>>. Acesso em: 20 de out. de 2023.

FERGUSON-LEES, J.; CHRISTIE, D. A. *Raptors of the world*. New York: Houghton Mifflin Company. 2001. 994p.

Frederick II. *The Art of Falconry: being the De arte venandi cum avibus of Frederick II of Hohenstaufen*. Tradução de Casey A. Wood e F. Marjorie Fyfe. Stanford. 1943.

FROST, Paul D. *Birds of Prey*. Bath: Parragon Inc. 2006. 96p.

FUDGE, E. *Perceiving Animals*. London: Macmillan Press. 2000. 232p.

\_\_\_\_\_. *Animal*. London: Reaktion Books. 2002. 182p.

GLASIER, P. *Falconry and Hawking*. Woodstock: Overlook Press. 1998.

GRASSBY, R. The Decline of Falconry in Early Modern England. *Past & Present*, v.157, n. 1.1997, p.37–62.

H is for Hawk: A New Chapter. Produção de Mike Bickhead. London: BBC, 2017.

HARAWAY, D. J. *Simian, Cyborgs, and Women: The Reinvention of Nature*. New York: Routledge. 1991. 287p.

INGOLD, Tim. On Reindeer and Men. *Man, New Series*. v. 9, n.4. dez. 1974. p.523-538.

\_\_\_\_\_. Introduction. In: \_\_\_\_\_ (Org.). *What is an animal?* London: Routledge. 1994. London: Routledge, 1994. p. 1-16.

\_\_\_\_\_. Humanidade e animalidade. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, n. 28, p. 1-15, jun. 1995. Tradução: Vera Pereira.

- \_\_\_\_\_. *Key Debates in Anthropology*. London: Routledge, 1996. 251p.
- \_\_\_\_\_. From Trust to Domination. In: \_\_\_\_\_. *The Perception of the Environment: Essays on livelihood, dwelling and skill*. London: Routledge, 2000. p. 61-76.
- \_\_\_\_\_. *Animal*. London: Reaktion Books Ltd. 2002. 182p.
- \_\_\_\_\_. Anthropology Beyond Humanity. *Suomen Antropologi: Journal of the Finnish Anthropological Society*, Helsinki, v.38, n.3, p. 5-23, 2013.
- KEMMERER, L. *Search of Consistency: Ethics and Animals*. Boston: Brill Leiden, 2006.
- KIRSKY; HELMREICH. The emergence of multispecies ethnography. *Cultural Anthropology*, [S.l.], Vol. 25, n. 4, p. 545–576, 2010.
- KHALAF, Sulayman. Perspective on Falconry as a World Intangible Heritage, and UAE's Efforts to Enhance International Cooperation for Promoting Falconry. In: *Beyond Borders: Plurality and Universality of Common Intangible Cultural Heritage in East Asia*. Gangneung, 2009. p.308-318.
- LIEN, Marianne. *Domestication as partial relations*. Lively attachments and the anthropos of anthropology. University of California. 31 p. 2013
- LIEN; SWANSON; LEEN. Naming the Beast— Exploring the Otherwise. In: LIEN; SWANSON; LEEN (Orgs.). *Domestication Gone Wild: politics and practices of multispecies relations*. Duke University Press. 2018.
- LESTEL, D.; BRUNOIS, F.; GAUNET, F. Etho-Ethnology and Ethno-Ethology. *Social Science Information*. v. 45, n.2. p.155–177. 2006.
- ŁUKASZYK, Ewa. Falconry as Intangible Heritage: A Universe of Values. *International Journal of Falconry*. [S.l.] 2012.
- MACDONALD, Helen. *H is for Hawk*. London: Jonathan Cape, 2014. 320p.
- MACDONALD, Helen. *F de Falcão*. Tradução de Maria Carmelita Dias. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2016. 288p. Título original: H is for Hawk.
- MACQUARIE University. Anthropology beyond humanity - Professor Timothy Ingold. YouTube, 2013. Disponível em:  
<[https://www.youtube.com/watch?v=kqMCytCAqUQ&ab\\_channel=MacquarieUniversity](https://www.youtube.com/watch?v=kqMCytCAqUQ&ab_channel=MacquarieUniversity)>. Acesso em: 05 de abr. 2023.
- MAHMOOD, Saba. Feminist Theory, Embodiment and the Docile Agent: some reflections on the Egyptian Islamic Revival. *Cultural Anthropology*, v.16, n.2. 2001.
- MAUSS, Marcel. (1935). As técnicas do corpo. In: \_\_\_\_\_. *Sociologia e antropologia*. São Paulo: Cosac Naify, 2003, p. 402-422

MEIJER, Eva. *When Animals Speak: Toward an Interspecies Democracy*. New York University Press, NY. 2019.

MELLOR, G. T. Falconry in Britain between 1750 and 1927: the survival, organisation and development of the sport. 307 f. Trabalho de conclusão de curso (Doutorado em Filosofia) – Montfort University, Leicester, 2006. [sem orientador].

MENQ, W. (2016) Urubus são aves de rapina? - *Aves de Rapina Brasil*. Disponível em: <[http://www.avesderapinabrasil.com/arquivo/artigos/ARB4\\_4.pdf](http://www.avesderapinabrasil.com/arquivo/artigos/ARB4_4.pdf)> Acesso em: 25 de novembro de 2023.

OGGINS, R. S. *The kings and their hawks: falconry in medieval England*. New Heaven: Yale University. 2004. 251p.

PACINI-KETCHABAW, V. TAYLOR, A. The Common Worlds of Children and Animals: Relational Ethics for Entangled Lives. In: KRAFTL, P.; HORTON, J. (Orgs.). *Routledge of Childhood and Youth Series*. New York: Routledge. 2019. 128p.

PANTAGONIA. Game Hawker: A Wild Journey to Falconry. YouTube, 2022. Disponível em: <<https://youtu.be/hfCaLMGmSxQ?si=PWQK9bAhwnJnxWu7>>. Acesso em: 01 de novembro de 2023.

PARRY-JONES, J. *Falconry: care, captive breeding and conservation*. Newton Abbot: David & Charles, 1995. 234p.

PEARSON, Susan J.; WEISMANTEL, Mary. Does “The Animal” Exist? Toward a Theory of Social Life with Animals. In: BRANTZ, Dorothee (Org.). *Beastly Natures: Animals, Humans and the Study of History*. Virginia: University of Virginia Press, 2010. p. 17-37.

POLITICS and Prose. Helen Macdonald, “H is For Hawk”. YouTube, 2016. Disponível em: <[https://youtu.be/fUjwCjjU2SM?si=rRh\\_8PJq4f15w9cX&t=2448](https://youtu.be/fUjwCjjU2SM?si=rRh_8PJq4f15w9cX&t=2448)>. Acesso em: 30 de out. de 2021.

PUREWAL et al. Companion Animals and Child/Adolescent Development: A Systematic Review of the Evidence. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, v.14 n.3, 2017. p. 1-25.

REES, Amanda. Animal agents? Historiography, theory and the history of science in the Anthropocene. [s.l]: *BJHS Themes*, v.2, 2017. p. 1-10.

RUSSELL, Nerissa. The Wild Side of Animal Domestication. *Society & Animals*, v. 10, n. 3, p. 285-302, 2002.

RUSSELL, Nerissa. The Domestication of Anthropology. In: CASSIDY, Rebecca; MULLIN, Molly. *Where the Wild Things Are Now*. New York: Berg, 2007, p. 27-48.

SANTOS, Mariane. *Aves de rapina em contextos intrafamiliares: domesticação e relações de afeto*. 51 f. Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado em Ciências Sociais) – Faculdade de

Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2019. Orientadora: Profa. Dra. Iara Maria de Almeida Souza.

SARASOLA, J. H.; GRANDE, J. M.; NEGRO, J. J. Prefácio. In: \_\_\_\_\_. *Birds of Prey: Biology and conservation in the XXI century*. [s.l.]: Springer. 2018.

SAUTCHUK, Carlos E. Os antropólogos e a domesticação: derivações e ressurgências de um conceito. In: SEGATA, Jean; RIFIOTIS, Theophilos (Orgs.). *Políticas etnográficas no campo da ciência e das tecnologias da vida*. Porto Alegre: UFRGS, 2018. p. 85-108.

SCHROER, Sara A. On The Wing: Exploring human-bird relationship in falconry practice. 2014. 308 f. Tese (Doutorado em Filosofia) – Antropologia, Universidade de Aberdeen, Escócia.

SCHROER, Sara A. Breeding with Birds of Prey. In: LIEN, Marianne E.; SWANSON, Heather, A. WEEN, Gro B. *Domestication Gone Wild: Politics and Practices of Multispecies Relations*. Duke: Duke University Press, 2018. p. 34-49.

SCOTT, S. R. The Racehorse as Protagonist: Agency, Independence, and Improvisation. In: MCFARLAND, S. E.; HEDIGER, R.(Orgs.) *Animals and Agency: na interdisciplinar exploration*. 2009. 45-65

SEGATA, Jean. Pessoas, coisas, animais e outros agentes: sobre os modos de identificação e relação entre humanos e não-humanos. Rio do Sul: *Revista Caminhos*, Dossiê Humanidades. v.2, n.1. p.87-119, 2011.

SILVEIRA, E. Os brasileiros que criam aves de rapina como águias, falcões e corujas. *BBC News Brasil*, São Paulo, 30 de nov. de 2019. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-50522882>>. Acesso em: 20 de out. de 2023

STAKE, R. Qualitative Case Studies. In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. (Orgs.). *The Sage handbook of qualitative research*. [s.l]: Sage Publications, p.443-466, 2005.

STEWART, Helen. Animal Agency. *Inquiry: an interdisciplinary journal of philosophy*, Leeds, vol. 52, n.3. p. 217-231, 2009.

SOUZA, Iara M. A. Afeto entre animais humanos e não humanos no biotério. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 32, n. 94, 2017, p. 1-21

SOUZA, Iara M. A.; RABELO, Míriam C. Agência: para além da oposição entre atividade e passividade. In: SEGATA, Jean; RIFIOTIS, Theophilos (Orgs.). *Políticas etnográficas no campo da ciência e das tecnologias da vida*. Porto Alegre: UFRGS, 2018. p. 109-134.

SULLIVAN, Jeremiah. Horseman, Pass By: Glory, Grief, and the Race for the Triple Crown. [s.l.]. *Harper's Magazine*. 2002.

SÜSSEKIND, Felipe. Sobre a vida multiespécie. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, Brasil, n.69, p. 159-178, abr. 2018.

TSING, Anna. Arts of Inclusion, or How to Love a Mushroom. *Mãnoa*. v.22, n.2. 2010. p.191-203. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/41479491>> Acesso em: 21 de junho de 2023.

VENABLE, N. J. *Birds of prey*. Morgantown: West Virginia University. 1996. 52p.

VIANNA, Beto. Aves e não aves em linguagem: Parque dos Falcões. *Caderno Eletrônico de Ciências Sociais*, Vitória, v. 7, n. 2, pp. 82-101, 2019.

WHITE, T.H. *The Goshawk*. Jonathan Cape. 1951. 215p.

WOODFORD, Michael. *Falconry*. London: A. and C. Black. 1977. 194p.

WRIGHT, Steve. *Falconry: the essential guide*. Ramsbury: NBS Publications. 2006. 157p.